

Licenciatura em
Letras/Português

Língua
Portuguesa 2

Cléa Gurjão Carneiro



**Editora da Universidade
Estadual da Paraíba**

Diretor

Cidoval Moraes de Sousa

Coordenação de Editoração

Arão de Azevedo Souza

Conselho Editorial

Célia Marques Teles - UFBA
Dilma Maria Brito Melo Trovão - UEPB
Djane de Fátima Oliveira - UEPB
Gesinaldo Ataíde Cândido - UFCG
Joviana Quintes Avanci - FIOCRUZ
Rosilda Alves Bezerra - UEPB
Waleska Silveira Lira - UEPB

Editoração Eletrônica

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Comercialização e Divulgação

Júlio César Gonçalves Porto
Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Elizete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Elisabeth da Silva Araújo

Universidade Estadual da Paraíba

Marlene Alves Sousa Luna

Reitora

Aldo Bezerra Maciel

Vice-Reitor

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Eliana Maia Vieira

Coordenação Institucional de Programas Especiais-CIPE

Secretaria de Educação a Distância - SEAD

Eliane de Moura Silva

Cecília Queiroz

Assessora de EAD

Coordenador de Tecnologia

Ítalo Brito Vilarim

Projeto Gráfico

Arão de Azevêdo Souza

Revisora de Linguagem em EAD

Rossana Delmar de Lima Arcoverde (UFCG)

Revisão Linguística

Maria Divanira de Lima Arcoverde (UEPB)

Diagramação

Arão de Azevêdo Souza

Gabriel Granja

Cléa Gurjão Carneiro

Língua Portuguesa II

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

469.071

C289I

Carneiro, Cléa Gurjão.

Língua portuguesa II / Cléa Gurjão Carneiro. – Campina Grande:
EDUEPB, 2011.

176 p.: il.

ISBN

1. Língua Portuguesa - Educação. 2. Língua Portuguesa - Ensino
3. Gramática. 4. Educação a Distância I. Título.

21. ed. CDD

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bodocongó - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br



Campina Grande-PB

2011

Sumário

I Unidade	
As palavras.....	7
II Unidade	
Estrutura das palavras I.....	23
III Unidade	
Estrutura das palavras II.....	39
IV Unidade	
Estrutura das palavras III.....	55
V Unidade	
Formação das palavras I.....	71
VI Unidade	
Formação das palavras II.....	89
VII Unidade	
As classes de palavras.....	105
VIII Unidade	
Classes de palavras: o substantivo e o adjetivo.....	123
IX Unidade	
A flexão nominal: substantivos e adjetivos.....	141
X Unidade	
A flexão nominal (substantivos e adjetivos) numa perspectiva linguística.....	161

The image features a minimalist design. On the left, a large, flowing, organic shape is filled with black, outlined in white. This shape curves from the top left towards the bottom right. The background is a solid, medium gray. In the upper right area, the text 'I UNIDADE' is written in a white, sans-serif font. In the lower right area, the text 'As palavras' is written in a white, sans-serif font, with 'As' in a smaller size than 'palavras'.

I UNIDADE

As palavras

Apresentação

“Vimos ao mundo para dar nome às coisas: dessa forma nos tornamos senhores delas, ou servos de quem as batiza antes de nós”

LUFT. Lia. A força das palavras Veja, 14 de julho, 2004, p. 20.

Depois da nossa incursão pela história da formação da língua portuguesa, dos estudos sobre a língua, linguagem e fala e das variações linguísticas na disciplina Língua Portuguesa I, é necessário que estudemos as palavras isoladamente para que possamos melhor entender e dominar sua significação.

Vamos penetrar nos segredos das palavras, atendendo ao convite de Drummond: “penetra surdamente no reino das palavras, elas têm mil faces secretas”. Apesar do tom grave e misterioso do convite, este reino não é solene nem sisudo. É divertido, simples e conduz-nos por um caminho que já conhecemos, mas nunca paramos para apreciar melhor: é o universo da nossa fala cotidiana, onde gravitam palavras que marcam nossa presença como interlocutores de mensagens.

Aproveitamos o convite de Drummond e vamos pedir-lhe que ele seja nosso guia. Drummond diz em uma de suas crônicas, que “entre palavras circulamos, nascemos, vivemos e morremos e também somos”, mas, algumas com significados desconhecidos.

Vamos juntos desvendar os segredos das palavras? Para isso, lembre-se de que a aprendizagem desse conteúdo vai exigir que você continue realizando todas as atividades e que estabeleça relações de interação com seus colegas, os tutores e os professores, para tirar dúvidas e buscar os esclarecimentos necessários.

Objetivos

No final desta unidade você deverá:

- Entender o valor das palavras e os vários sentidos que elas podem ter dentro de contextos variados.
- Conhecer o que dizem os linguístas sobre as palavras.
- Ter uma visão panorâmica sobre o léxico, seu emprego e especificidades.

Para início de conversa...

Começando bem acompanhados com Quino (é melhor do que só), vamos procurar entender os significados misteriosos das palavras. Para isso, leia a tirinha abaixo:



Na tira de Quino, o efeito de sentido é construído a partir da palavra da MÃE pronunciada por Mafalda. A crítica às palavras é construída pelo desfecho inesperado do terceiro quadrinho. O leitor esperava que Mafalda fosse fazer uma pergunta para a mãe, entretanto, inesperadamente, ela diz: “Nada, só queria ter certeza de que ainda há uma boa palavra que continua em vigor”. Dessa forma, Mafalda realça a importância que a palavra MÃE tem para ela.

Para nós falantes, as palavras são unidades linguísticas importantes, pois traduzem as significações básicas, a partir das quais construímos os textos.

A vida pela palavra

Quando estudamos nossa língua materna não nos preocupamos muito com o emprego das palavras, afinal desde que aprendemos a falar, elas foram se incorporando ao nosso vocabulário¹ naturalmente, contendo em si diferentes mensagens.

Toda e qualquer palavra dita ou escrita, emana força negativa ou positiva, dependendo do modo como se sente, e até mesmo da entoação da fala ou gesto.

Leia as expressões abaixo e reflita sobre a força emanada por elas:

- Feliz aniversário!
- Eu te odeio!
- Você é arrogante e feia!
- Hoje o dia está maravilhoso!
- Eu te amo!



Então, que expressões mais te impressionaram? Alguma te deixou triste? Alegre? Indiferente?

O conceito de palavra

Para Abaurre (2008, p. 322), “Palavra é uma unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados de uma língua”.

Palavras simples, primitivas, derivadas e compostas

Leia o texto abaixo:

A foca-da-groelândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde - 350 mil animais- mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

Revista Superinteressante. São Paulo: Abril, agosto de 2003, p. 26.

Veja a constituição dessas palavras do texto:

Mar – palavra que veio diretamente do latim **maré**, ou seja, não se originou de outra palavra já existente em português. Por esse motivo, é denominada **palavra primitiva**.

Marinhos – Formou-se da primitiva **mar**, com acréscimo do sufixo **-inho**; a esse tipo de palavra que se origina de uma única outra preexistente, dá-se o nome de **palavra derivada**.



¹ VOCABULÁRIO s.m. Lista de vocábulos de uma língua; léxico. KURI, Adriano da Gama. Minidicionário da língua portuguesa. FTD: São Paulo, 2002, p. 1148.

Sobreviver – Formou-se da primitiva **viver** com acréscimo do prefixo sobre. Trata-se, portanto, de uma palavra **derivada**.

Foca-da-Groelândia – originou-se da reunião de **foca**, **da** e **Groelândia**. Esse tipo de palavra, formada pela reunião de duas (ou mais) palavras ou radicais, classifica-se como **composta**.

Esses exemplos mostram que quanto à formação, as palavras subdividem-se em quatro grupos, segundo Ferreira (2005, p. 201).

Primitivas – não se formam a partir de outra palavra da língua.

Exemplos: foca, mundo, ambiente, órfãos.

Derivadas – Têm origem em uma única palavra que já existe.

Exemplo: sangramento (de sangue), mamífero (de mamar), ambientalista (de ambiente).

Simples – palavra formada por apenas uma palavra ou radical.

Exemplo: mundo, países, foca.

Composta - Formam-se pela união de duas ou mais palavras ou radicais.

Exemplos: quebra-mar, malmequer, pernalta.

Atividade I



Leia o texto abaixo e responda às questões 1 e 2.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer, “esparadrapo”, por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás, de nobre sentido que parecem estar insinuando outra coisa, por exemplo: “Incunábulo”.

1. **Aponte quatro palavras “que parecem exatamente o que querem dizer” e outras que “parecem estar indicando outra coisa”.**
2. **Você concorda com o que o autor diz sobre a palavra “incunábulo”? (use o dicionário se for preciso.)**
3. **As expressões destacadas constituem formas agressivas e preconceituosas de linguagem. Faça as substituições apropriadas em cada caso:**
 - a) É um tipo barrigudo e careca!
 - b) Os ecologistas são uns babacas! Estão de sacanagem, esculhambando com a soberania nacional.
 - c) O pivete foi preso ontem, juntamente com mais dois marginais.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

O que dizem os linguistas?

Câmara Jr. (1970), baseando-se em Bloomfield (1933, p. 160), denomina de formas presas as palavras que não funcionam isoladamente num enunciado. a exemplo das preposições e das conjunções e de formas livres as que podem existir sozinhas em um enunciado a exemplo dos nomes, verbos e pronomes.

Veja a diferença entre QUE (forma presa) e BONITO (forma livre). **Que** usado sozinho, fora do contexto, não significa nada, pois não estabelece relação alguma. **Bonito** tem um significado nosso conhecido (belo, lindo). Pode ser usado, inclusive, com ironia: Bonito para sua cara! (o contexto deve explicar o fato).

Câmara Jr. explica ainda que, em português, há outras palavras que não são livres nem presas, como o artigo, as preposições, os pronomes átonos periféricos dos verbos. Para estas ele introduz o termo dependente, É o caso do SE em *fala-se*, cuja dependência não reside em vir unida a um radical, mas dele depender. Quer se anteponha ou se posponha: fala-se ou se fala, constituem na explicação de Câmara Jr. dois vocábulos formais (uma forma livre e uma forma dependente), porém um só vocábulo fonológico.

Para Monteiro (2002), palavras são os vocábulos que apresentam significados lexicais (na terminologia de Câmara Jr. formas livres) e instrumentos gramaticais vocábulos como as preposições e as conjunções (para Câmara Jr. formas presas).

Carvalho (1974) denomina lexemas os nomes (substantivos, adjetivos e advérbios de modo). E de categoremas os advérbios (exceto os de modo), os artigos, as preposições e as conjunções. Coutinho (2005) faz a diferença entre palavra e vocábulo. A palavra corresponde a um conteúdo semântico e o vocábulo atenta para os elementos fonéticos e morfológicos. E assim define: “palavra é a expressão de uma ideia ou noção pelo meio de sinais gráficos ou tônicos e vocábulo é a palavra encarada em seus elementos materiais ou em sua estrutura” (p. 20).

Entretanto, apesar de fazer essa diferença, o autor em sua clássica **Gramática Histórica Linguística e Filologia** não faz distinção rigorosa entre palavra e vocábulo. Emprega-os indistintamente.

O léxico

A língua é um código constituído de sinais sonoros que podem ser representados por letras. Esses sinais juntam-se para formar palavras. Estas estão associadas significativamente a seres, objetos, sentimentos, ações, enfim, a tudo o que pensamos ou queremos transmitir. O interessante é que, na maior parte das vezes, as palavras não possuem nada que faça lembrar os seres que elas representam. O fato é que se convencionou chamar determinados seres por determinadas palavras. É como se os falantes de uma língua fossem combinando aos poucos os nomes que dariam as coisas.

Segundo Bezerra (2004 p. 12), “convencionou-se chamar de léxico todo o conjunto de palavras de uma língua (dicionarizadas ou não, tidas como cultas ou não, escritas ou faladas) e de vocabulário o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado escritor em sua obra, por um profissional no exercício de sua profissão, por jovens em seu grupo de amigos, pelo professor e seus alunos na sala de aula, por crianças entre si e tantas outras situações”.

Toda língua falada por uma comunidade é um “ser vivo”, dinâmico. Novas palavras (os neologismos) são criadas a todo momento e outras caem no esquecimento (os arcaísmos). Dispomos de um número muito grande de vocábulos para exprimir nossas idéias, mas, em contrapartida, nenhum falante conhece todas as palavras de uma língua.

Assim, o léxico está sempre em evolução para expressar conceitos novos dos diversos ramos da atividade humana: ciência, tecnologia, esportes, artes etc. Palavras como **telemática, ecoturismo e biodiversidade**, até bem pouco tempo, não existiam na língua portuguesa. Hoje são comuns no cotidiano das pessoas.

Campo lexical

As várias palavras de um texto podem ser reagrupadas sob um mesmo tema ou sob um mesmo domínio de significação, tem-se assim um campo lexical, que segundo Maia (2000, p. 97): “É o conjunto de palavras que, no interior de um texto ou grupo de textos, exprime a mesma idéia ou descreve uma mesma realidade”.

Por exemplo:

- a) Casa: andares, sacada, janelas, sala, corredor, cozinha, quartos, sala de jantar...
- b) Móvel: sofá, piano, estante, mesa, cama, cadeiras...

Observe os campos lexicais formados por palavras pertencentes a

uma mesma área do conhecimento ou de interesse:

Campo lexical do direito: mandado, custas, agravo, embargos, emolumentos, etc.

Campo Lexical do futebol: gol, pênalti, escanteio, zagueiro, etc.

Campo lexical da economia: deflação, déficit, juros, superávit, cambial, etc.

Campo lexical da medicina: sinusite, lobotomia, dispnéia, arritmia, otite, etc.

O léxico de uma língua é virtual. Nele vamos buscar as palavras que pretendemos usar em nossos atos de comunicação.

Campo semântico

As palavras de um texto, devido ao caráter polissêmico que normalmente têm, podem evocar várias significações, gerando então um campo semântico, que segundo Maia (2000, p. 98): “é o conjunto dos empregos possíveis de uma palavra, isto é, o conjunto de enunciados que definem a polissemia de determinada palavra”.

Os verbetes de dicionário procuram registrar o campo semântico das palavras que os encabeçam.

Afeto¹. [Do lat. Affectus.] S.m 1. Afeição, simpatia, amizade, amor. 2. Sentimento, paixão. 3. Objeto de afeição.

Afeto². [Do lat. Affectus.] Adj. Afeiçoado, dedicado. 2. Partidário, sectário.

É interessante estudar, na obra de um escritor, o campo semântico desta ou daquela palavra, mas tal estudo deve ser feito sobre um grande número de textos, enquanto a análise do campo lexical pode ser realizada em limites muito mais restritos: um ou mais parágrafos ou um poema, por exemplo.

Os sentidos das palavras

Leia as piadas:

1) Diálogo de bêbados em fim de festa:

- Escuta, Godói! Não é melhor a gente tomar um táxi?
- Não, obrigado (hic!), hoje eu não quero misturar mais nada.

2) Numa festa, o secretário do presidente fuma um cigarro. O presidente comenta:

- Não sabia que você fumava.
- Eu fumo, mas não trago.
- Pois devia trazer.

As duas piadas extraem sua graça da multiplicidade de significados que as palavras possuem. Na primeira, o verbo **tomar** foi utilizado com duplo sentido: para Godói ele quer *beber* e para seu amigo significa *utilizar-se de*. Na segunda, **trago** abriga uma coincidência de dois sentidos (os verbos *tragar* e *trazer*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo) que a imaginação do autor conseguiu articular muito bem nessa construção humorística.

Dessa forma, o que determina o significado de uma palavra é o contexto em que ela aparece e, dependendo do contexto, uma mesma palavra pode ter significações diferentes, assumir vários sentidos. Dá-se o nome de **polissemia** aos vários significados que uma mesma palavra pode assumir em diferentes contextos.

Porém, em determinados contextos, as palavras podem querer dizer muito mais, estendendo essa polissemia para além dos sentidos registrados no dicionário. Isto porque as palavras podem ter um sentido objetivo, explícito, constante, isto é, *denotativo*; ou podem igualmente ter sentidos subjetivos, implícitos, mutáveis, isto é, *conotativo*.

Vejamos exemplos de palavras empregadas no sentido conotativo:

A beleza é um **grito**,

é um **fruto**,

A beleza é um **vício**,

é um **mergulho** vivo

- no infinito.

SANT'ANNA, A. Romano de. *Os melhores poemas*. Global: São Paulo, 1991, p. 138.

Observe como as palavras **grito**, **fruto**, **vício** e **mergulho** nos sugerem múltiplos sentidos nos versos acima.

As conotações não dependem apenas do contexto, mas também das experiências de vida do leitor.

Atividade II



Leia o texto abaixo e responda às questões de 1 a 4.

Veja – E como sua dieta funciona?

Atkins – basicamente por um processo que chamo de Cetose benigna, que consiste na queima das cetonas por meio da supressão de carboidratos e do aumento no consumo de gorduras e proteínas. Na primeira fase da minha dieta a pessoa só ingere 20 gramas de carboidratos, mas em compensação pode comer carne, peixe, bacon e queijos na quantidade que desejar, além de uma boa quantidade de hortaliças. Dessa forma, os níveis de insulina caem drasticamente e o corpo entra em cetose. Sempre digo a meus pacientes que a cetose é tão gostosa quanto o sexo ou os banhos de sol, só que sem fazer mal à saúde (risos). Ela é o método mais seguro para perder peso que existe.

Veja, ed.1689, 28 fev. 2001.

1. O texto é um fragmento de uma entrevista. Na voz do entrevistado podem-se observar diversas palavras pertencentes a um mesmo campo lexical. Destaque essas palavras e indique a área de atuação do entrevistado.
2. Entrevistas podem ser feitas por escrito ou oralmente. As entrevistas dadas oralmente para jornais e revistas costumam ser gravadas pelo entrevistado, que, depois de transcrevê-las, publica-as na forma escrita.

Em determinada passagem do texto, é possível identificar se a entrevista foi dada oralmente ou por escrito. Aponte essa passagem e comente-a.

3. Por que a afirmação “a cetose é tão gostosa quanto o sexo ou os banhos de sol, só que sem fazer mal à saúde” teria provocado risos?
4. Dependendo do modo como as palavras (ou termos) são colo-



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

cadadas na frase, podemos ter enunciados que apresentam mais de um sentido. Isolada do contexto, a frase “Ela é o método mais seguro para perder peso que existe” poderia admitir uma interpretação diversa daquela que tem quando levamos em conta o contexto em que está inserida. Diga qual seria essa interpretação e por que ela ocorre. Em seguida, reescreva a frase de modo a adequá-la àquilo que o entrevistador pretendeu efetivamente dizer.

5. A poesia concreta incorporou técnicas e recursos dos meios de comunicação, aproximando-se muito das artes plásticas e visuais. Surgido em 1956, com os poetas paulistas Décio Pignatari e os Irmãos Haroldo e Augusto Campos, esse tipo de poesia, fundada na concretude das palavras, em seu aspecto semântico, sonoro e visual, exerce influência na poesia brasileira até hoje.

Veja um exemplo de poema concreto, de Paulo Leminski (1944-89):

LUA NA AGUA
LUA NA AGUA
ALGUMA LUA
LUA ALGUMA

(<http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/kamiyase/luepi.gif>)



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Interprete esses versos, considerando a mudança que vai ocorrendo na escolha das palavras e no “reflexo” delas.

Agora que já tivemos uma visão panorâmica sobre as palavras e sabemos que elas estão a nossa disposição para nomear as novidades que, muitas vezes, mudam nossas vidas através dos séculos, vamos penetrar no íntimo destas e conhecer, na próxima unidade, as várias partes que formam o âmago das palavras e assim explorá-las por completo.

Leituras recomendadas

Para assistir

Carta anônima. Diretor: Peter No-Sun-Chan, 1999, EUA.



A vida de uma cidadezinha fica tumultuada por causa de uma carta anônima. As palavras escolhidas têm diferentes sentidos em diferentes contextos e muitas pessoas consideram-se destinatárias das belas palavras de amor.

Para navegar

[HTTP://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling07.htm](http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling07.htm)



Reportagem sobre a história dos empréstimos no léxico futebolístico, que, inclusive, ilustra a noção de campo lexical – desta vez, do futebol – além disso, o site tem vários links interessantes para textos sobre língua portuguesa.

Para ler

Rosa, Guimarães. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: Ediesp/FAPESP, 2001.



Guimarães Rosa é um caso à parte na relação entre léxico e vocabulário. Seu poder de invenção de palavras foi tão longe que ele criou um léxico inteiramente seu, fundindo-o linha por linha com o patrimônio dicionarizado da língua portuguesa. Daí o título do livro.



Resumo

As palavras são unidades linguísticas de som e significação que entram na composição de uma língua. Podem ser classificadas em primitivas, derivadas, simples e compostas. Para os linguístas a exemplo de Câmara (1970), baseado em Bloomfield (1933), as palavras podem ser formas presas (as que não funcionam isoladamente) e formas livres (as que existem sozinhas em um enunciado), o autor acrescenta o termo dependente (dois vocábulos formais, porém um só vocábulo fonológico). Monteiro (2002) emprega a terminologia palavras e instrumentos gramaticais. Carvalho (1974) denomina de lexema os substantivos, adjetivos e advérbios de modo e categoremas os artigos, as preposições, as conjunções e os advérbios (exceto os de modo). Coutinho (2005) faz a diferença entre palavra (correspondente a um conteúdo semântico) e vocábulo, o que atenta para os elementos mórficos e morfológicos. O léxico é o conjunto de palavras de uma língua. Campo lexical é o conjunto de palavras que exprimem a mesma ideia ou descreve uma mesma realidade dentro de um texto ou de um grupo de textos. Campo semântico é o conjunto de empregos possíveis de uso de uma determinada palavra. A polissemia são os vários sentidos que as palavras podem ter.



Autoavaliação

Para avaliar seu desempenho como aluno (a) desta unidade, vamos fazer uma produção textual. Para isso, siga as instruções abaixo:

Vai acontecer um show de rock para os jovens de sua cidade. Escolha três das pessoas abaixo e escreva um texto para cada uma expressando o ponto de vista sobre o assunto.

Um pai ou uma mãe;
Um pastor protestante ou um padre;
O promotor do evento;
Um funcionário da limpeza.

Escolha palavras adequadas a cada uma das pessoas. Lembre-se: a precisão vocabular e os termos específicos tornarão o seu texto claro e interessante.

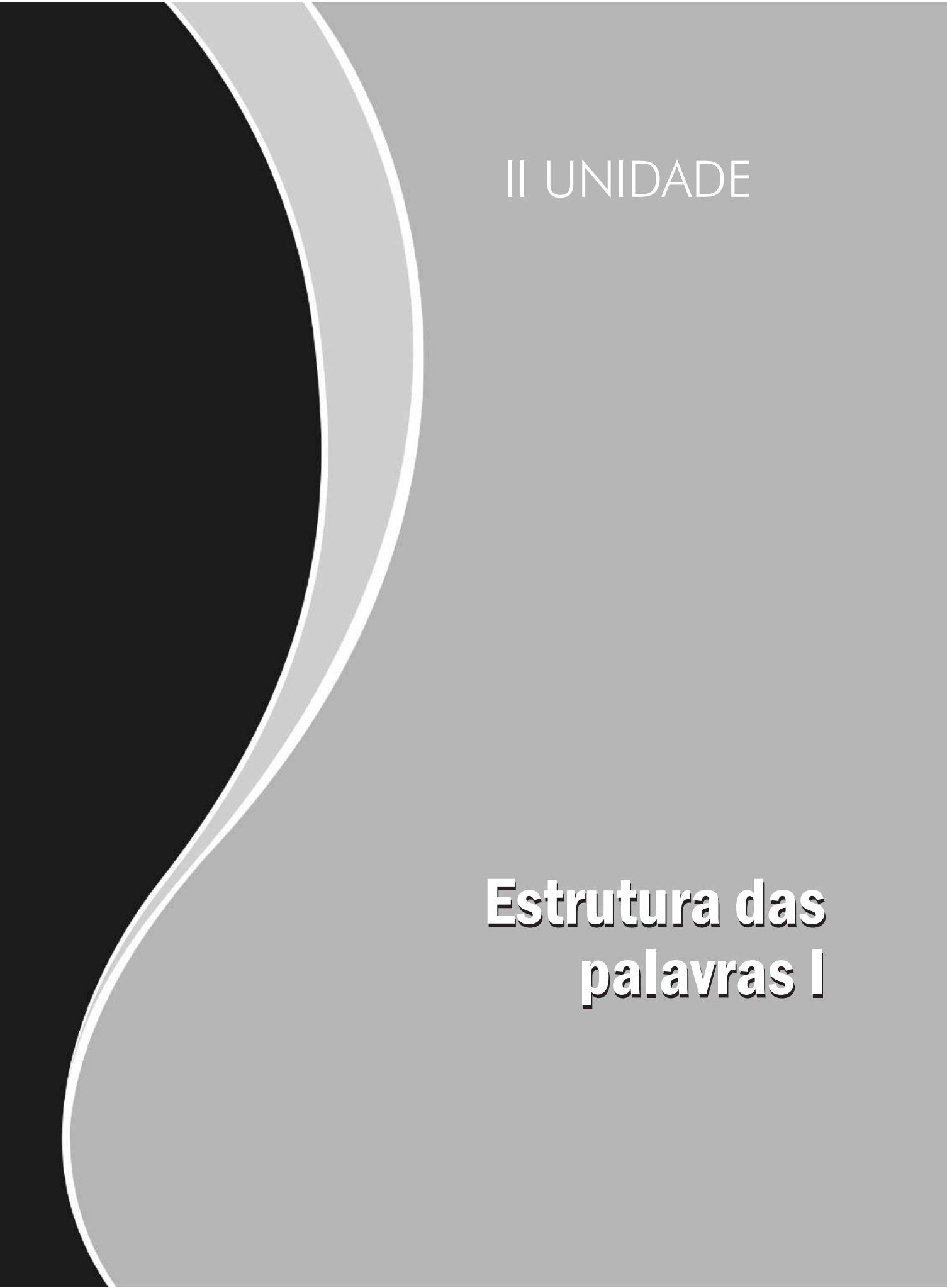
Em seguida, avalie seu texto: leia-o e observe se as palavras que você escolheu produziram o efeito que você desejava.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

- ABAUURRE, Maria Luiza. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.
- Bezerra, Maria Auxiliadora (org.). **Estudar o vocabulário: como e para quê?** Campina Grande: 2004.
- CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Vozes: Petrópolis, RJ. 1970.
- CARVALHO, José Herculano. **Teoria da linguagem**. Coimbra: Atlântida, 1974.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica. Linguística e filologia**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2005.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.
- NICOLA, Ernani, et al. **Português- ensino médio**. São Paulo: Scipione. 2002.



II UNIDADE

Estrutura das palavras I

Apresentação

Nesta unidade, vamos dar continuidade ao estudo das palavras. Vamos estudá-las em suas menores unidades significativas, ou seja, a estrutura das palavras.

Para isso, vamos observar que as palavras têm uma estrutura interna e que são constituídas de elementos com funções específicas que geram outras palavras.

Essa possibilidade de geração de termos permite que as línguas se adaptem às novas necessidades que ocorrem na comunicação humana.

Como nas demais aulas, apresentaremos teorias e trabalharemos atividades que possam envolvê-lo (a) como um (a) efetivo (a) usuário (a) da língua.

Lembre-se de que para uma melhor compreensão de nossos estudos é preciso que você realize todas as atividades propostas e tire dúvidas, quando necessário.

Estamos aqui professores, tutores e seus colegas para ajudá-lo.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Entenda como se estruturam as palavras;
- Aprenda o que são morfemas;
- Tenha uma visão de como os morfemas determinam os sentidos das palavras.



Poema Menos de Augusto de Campos.
Disponível em <http://2.bp.blogspot.com/_T4GTZKhO9U/TBtjWloetI/AAAAAAAAAZw/l9a_BmOP6d4/s1600/menos.jpg> Acesso em 7/09/2010

Para iniciar nossa conversa...

Leia a tirinha abaixo:



O Menino Maluquinho, de Ziraldo.

Observe que desconhecendo o nome da capital da França, o Menino Maluquinho criou uma palavra aplicando o mesmo critério usado na formação do nome da capital do Brasil, **Brasília** que ele conhecia e, assim, formou Francília.

Nesse caso, o menino fez uma generalização¹, uma operação de raciocínio importante e legítima, porém ao generalizar, o garoto não levou em conta as exceções que a língua apresenta. Dessa forma, o raciocínio do menino não é válido para a formação do nome da capital da França, mas poderia valer na formação de outras palavras.

Pense na palavra **francês**, por exemplo. O mesmo final **-es** se en-

contra em muitas outras palavras: português, chinês, holandês, inglês etc., todas elas significando lugar de origem.

Temos na palavra **Francês** dois elementos com significado:

- Franc = Francês
- ES = terminação que indica lugar de origem.

Note que não podemos dividir esses elementos (franc – e –ês) em outros que ainda tenham significado. Eles são as menores partes significativas da palavra francês.

A essas menores unidades significativas de uma palavra chamamos **“morfemas”**.

Observe algumas definições de morfema:

“Morfemas constituem as menores unidades formais dotadas de significado”.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002. p. 13.

“Morfemas são as menores unidades significativas que, reunidas, formam as palavras e dão sentido a elas.”

FERREIRA, Mauro. *Novas palavras*. São Paulo: FTD, 2005. p. 200.

“Morfemas são unidades mínimas de significação”

ABAURRE, Maria Luíza. Et al. *Português, contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2008, p. 323.

“Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado”.

BECHARA. Evanildo. *Moderna gramática da língua Portuguesa*. São Paulo: Lucerna, 2004, p. 145.

Monteiro (2002, p. 13) explica que “A realização de um morfema denomina-se **morfe**, e quando um morfema tem mais de uma realização chama-se **alomorfe**.”

Isto significa que um determinado morfema pode apresentar algumas variações. Observe, por exemplo, o morfema Vid/Vit nas palavras vital, vitalício, vitalidade, vida, vidinha, vidão. Apesar das diferenças de sentido, essas palavras têm um núcleo significativo comum, um tipo de morfema chamado **radical** que estudaremos mais adiante.

É importante observar que os mesmos morfemas contribuem para formar muitas palavras. A palavra **francesas**, por exemplo, tem quatro morfemas: franc-es-a-s.

- Franc: morfema que significa “França”.
- es: morfema que indica lugar de origem.
- a: morfema que indica feminino.
- s: morfema que indica plural.



¹ Generalização- “Tornar geral ou comum; difundir (se), propagar (s). FERREIRA. Aurélio Buarque. Aurélio Escolar – minidicionário. Nova Fronteira: 2001. p. 345.

Veja que os mesmos morfemas podem aparecer em outras palavras:

Francesas
Francês / Português
Francófono / escocesas

Conclui-se assim que um número relativamente pequeno de morfemas forma um número enorme de palavras.

Os diferentes tipos de morfemas

Continuando o nosso estudo sobre estrutura das palavras, vamos agora observar que existem diferentes tipos de morfemas.

Segundo Abaurre (2008), os morfemas podem ser classificados em: Lexicais e gramaticais.

“Lexicais fazem referência a seres e conceitos de realidade objetiva ou subjetiva (Paulo, dia, ar), ou seja, possuem referentes extralinguísticos” (p. 324).

Os morfemas lexicais são relacionados ao mundo biológico, psicológico e social do homem, diz respeito à significação da palavra, são normalmente conhecidos como **radical**.

Ex: **terr** a, **terr** eiro, **terr** estre.

“Gramaticais têm uma significação interna ao sistema linguístico porque atuam para estabelecer relações entre palavras ou para marcar categorias como gênero, número, modo, pessoa, etc.” (p. 324).

Os morfemas gramaticais são comumente chamados de desinências e têm a função básica de indicar as flexões das palavras.

Ex: garot – o – s

O morfema gramatical **-o** marca a flexão de gênero (masculino) e o morfema **-s** marca a flexão de número (plural).

É importante ressaltar a ideia de que essa análise que separa o critério semântico do critério mórfico é meramente didática, já que ambos estão intimamente associados, ou seja, a palavra constitui, na sua essência, uma unidade de sentido e uma forma.

Para Koch (1987, p. 24) “Os morfemas em português podem ser enquadrados como: classificatórios, flexionais, derivacionais e relacionais”.

Os morfemas classificatórios são representados pelas vogais temáticas que têm a função de enquadrar as palavras nas classes dos nomes (substantivos e adjetivos) e dos verbos.

Os morfemas flexionais marcam a flexão dos nomes e dos verbos. Koch (op. cit. p. 24) subdivide-os em:

a) *Aditivos* – acréscimo de fonemas ao morfema lexical. Ex: mar – mares; amar – amores.

b) *Cumulativos* – acumulam mais de uma forma linguística. EX. em amáramos – os morfemas **-ra** e **-mos** a indicação de modo se acumula com a de tempo e a de número e pessoa.

c) *Subtrativos* – resultam da supressão de um segmento fônico do morfema lexical. Ex: irmão –irmã.

d) *Alternativos* – resultam da troca de um fonema no interior do vocábulo. Ex: socorro – socorros **ó** e **ô**.

e) *Morfema zero* – resultam da ausência de marca para expressar determinada categoria gramatical. Ex: em **mar** – não há marca de singular, portanto, o morfema que marca essa flexão é **zero**.

Os morfemas derivacionais criam novas palavras, a partir do morfema lexical (são os afixos).

Ex: In + feliz = infeliz

Feliz + mente = felizmente

Os morfemas relacionais ordenam os elementos da frase, possibilitando a ligação entre eles. São as conjunções, preposições e pronomes relativos.

Monteiro (2002, p. 15-16) adota nomenclatura semelhante à Koch (1987).

Morfemas				
Lexical (radical)	Derivacional (prefixos e sufixos)	Catagórico (desinênciasver- bais e nominais)	Relacionais (preposições, conjunções, arti- gos e pronomes relativos)	Classificatórios (vogais temá- ticas)

Na literatura linguística, há uma série de designações para os morfemas que variam de autor para autor, mas são apenas nomes diferentes, os conceitos, geralmente, são os mesmos.

Já vimos que as palavras podem ser divididas em unidades mínimas portadoras de sentido – **os Morfemas**.

Vamos conhecê-los melhor?

Os diferentes tipos de morfemas

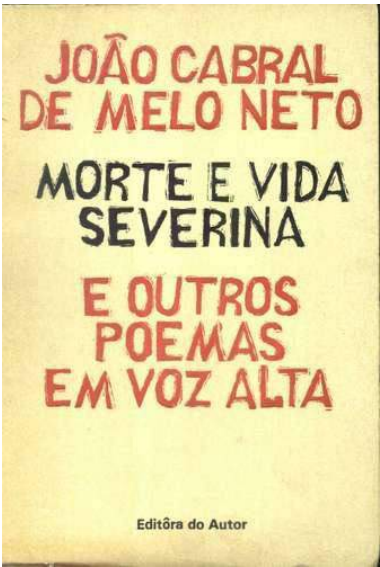
1 - O radical ou morfema lexical

Para entender o conceito de radical, leia o fragmento do poema sobre o livro, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto.

Para a feira do livro

Folheada, a folha de um livro retoma o
o lânguido e vegetal da folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa.
(...)

NETO, João de Melo. In obra completa. Rio de Janeiro: nova Aguilar, 1994, p. 367.



O poema estabelece uma conexão entre a folha do livro e a folha da árvore. O jogo de sentido é acompanhado de um forte trabalho sonoro. Em boa parte, os efeitos sonoros do poema decorrem da repetição da palavra **folha** e do emprego de três outras palavras criadas a partir de **folha**:



Folha
Folheada
Folheia
Desfolha

Observe que se tomarmos a palavra **folha** como referência, todas as demais palavras do grupo mantêm alguma semelhança com ela.

Radical, segundo Ferreira (2007, p. 98) “É o morfema que contém o significado básico do vocábulo e a partir da qual pode constituir-se uma família de palavras”.

Monteiro (2004, p.15), denomina de **sematema** “a parte da palavra em que se concentra o significado lexical básico”.

O autor afirma que, em geral, confunde-se sematema (radical) com o que geralmente se denomina raiz.

Pasquale (2008, p. 74), discorda de Monteiro quando afirma: “optamos pelo uso do termo **radical** para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família.

Intencionalmente não empregamos o termo **raiz**, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia”.

Observamos assim que a raiz não se confunde com o radial, pois ela é o elemento mórfico básico irreduzível que fornece a significação permanente.

Do ponto de vista histórico, com a evolução da língua, às vezes, não é fácil determinar a raiz de uma palavra, pois ela pode ter-se afastado de sua forma originária, adulterando-se. Observe as palavras abaixo:

- Feito (do latim factu)
- Malfeito (do latim male factu)
- Feitura (do latim factura)
- Feitar (do latim factare)
- Benfeitor (do latim beneffactare)

Nestas palavras, de forma irreduzível, significativa e originária **fac**- só nos resta o **f**.

Por isso, para uma análise elementar da estrutura das palavras em português, toma-se como ponto de partida o **radical** e não a **raiz**.

Agora, observe a presença do radical nestes conjuntos de palavras:

Terra	Pedra	ânimo
- terráqueo	- pedreiro	- desânimo
- terreno	- pedrada	- desanimar
- terrestre	- apedrejar	- animosidade

Você notou que cada grupo de palavras tem o mesmo radical? Por isso são chamadas de **Palavras cognatas**.

Atividade I



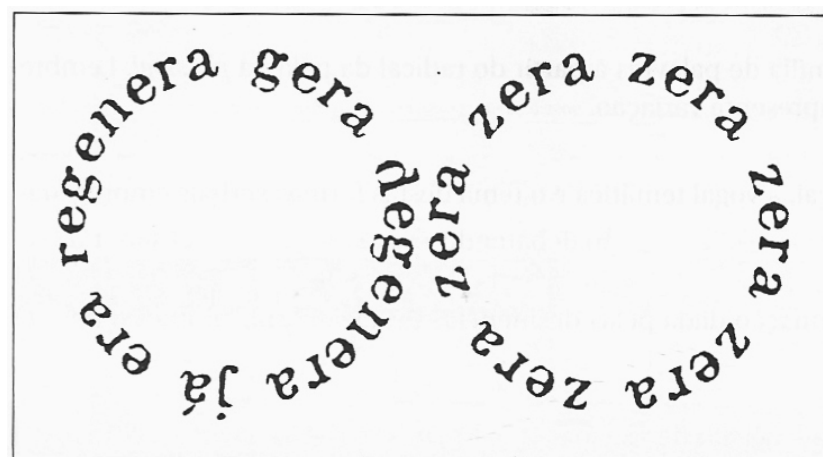
Leia o trecho do jornalista Augusto Nunes para responder às questões de 1 a 3.

No Brasil, o que é histórico costuma desmanchar-se nas chamas da indiferença, do desamor ao passado, do menosprezo pelo antigo. O casarão de Ouro Preto consumido pelo fogo deveria ficar como está: os destroços ergueram um monumento à nação dos desmemoriados. Num país velhaco, o velho e a velharia vivem a curtíssima distância: retoque-se a última vogal e se acrescente um trio de letras. Vale para gente, prédios, cidades.

NUNES, Augusto. Uma nação de desmemoriados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 abr. 2003.

1. Considerando o que você aprendeu sobre as palavras cognatas, identifique, no texto, uma passagem em que o autor faz uso de termos formados a partir de um mesmo radical.
2. Identifique o radical, a partir do qual foram formadas as palavras cognatas e diga qual é o sentido de cada uma das palavras resultantes desse processo.
3. Agora, forme outras palavras a partir do mesmo radical.

Poemas concretos são aqueles cuja construção se baseia na utilização de recursos visuais, sonoros e gráficos. O texto que segue é um poema concreto, de autoria do poeta e compositor Arnaldo Antunes. Leia-o e responda à questão 4.



(2 ou + corpos no mesmo espaço. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 55.)



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

4. O poema está organizado em duas partes, ou duas estrofes não convencionais, cada uma com o formato de um círculo. Observe as palavras e expressões que formam o círculo da esquerda, lidas no sentido horário: *gera*, *degenera*, *já era*, *regenera*. Sabendo que o verbo *gerar* origina-se da forma *generare*, responda:
 - a) As palavras *gerar*, *degenerar* e *regenerar* podem ser consideradas cognatas entre si? Por quê?
 - b) Que figura de linguagem se verifica na oposição entre *degenerar* e *regenerar*?
 - c) Que palavra desse círculo mantém com a expressão *já era* o mesmo tipo de oposição?

Fornecemos abaixo sugestões de Gramáticas onde você encontrará uma lista com os principais radicais utilizados em português. Não é necessário “decorar” todos. Esta relação é para que você tenha oportunidade de consultá-la sempre que for necessário. Bom proveito!

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar**. São Paulo: FTD. 2007.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática Contemporânea**. São Paulo. 2004.

Concluindo nossa conversa...

O estudo dos radicais é fundamental para o melhor conhecimento da formação das palavras e de seu sentido em português. Os radicais são os grandes responsáveis pela criação de novas palavras na língua.

O seu conhecimento permite ao usuário da língua o domínio de grande parte das palavras que usa, ou poderá usar, na sua luta diária pela expressão. Na próxima unidade vamos estudar os afixos, morfemas que formam muitas palavras na nossa língua portuguesa.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leituras recomendadas

Para ler

PAES, José Paulo. A revolta das palavras. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.



As palavras não aguentavam mais: elas se cansaram de ser usadas de maneira errada. Por isso, sob comando das palavras **verdade** e **mentira**, promoveram uma grande reviravolta. Confira!

BAGNO, Marcos. O espelho dos nomes. São Paulo: Ática, 2002.



Apresentando nossa língua sob um ponto de vista divertido, por meio de histórias engraçadas e curiosas, esse livro é um grande exemplo da apropriação livre e bastante original que se faz das palavras.

BASILIO, Margarida. Formação e classe de palavras no português. São Paulo: Contexto, 2004.



Este livro apresenta uma visão articulada dos mais diversos fonemas, que formam as palavras. Tem como ponto central a questão da mudança de classe e suas funções na constituição do léxico.

Para navegar



<http://www.revistalingua.com.br>

Site da revista língua portuguesa, que possibilita o acesso aos artigos publicados na versão impressa da publicação. Maria Helena de Moura Neves, entre outros gramáticos e linguistas, discutem diferentes aspectos de gramática do português, fazendo importantes considerações sobre o modo como são descritos pela gramática normativa e o uso efetivo que deles fazem os falantes.



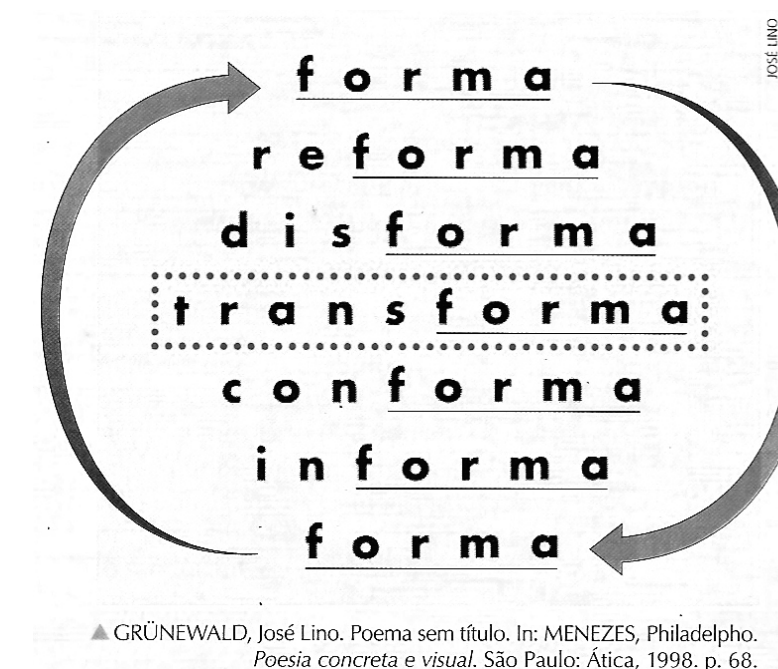
Resumo

As palavras podem ser divididas em unidades menores significativas chamadas morfemas. Os morfemas podem ser lexicais (o radical) que é a parte que diz respeito à significação das palavras e gramaticais, os que têm uma significação interna ao sistema linguístico. Estes se subdividem, segundo Koch (1987) em: classificatórios (vogais temáticas); flexionais (marcam a flexão dos verbos e nomes); derivacionais (criam palavras novas na língua) e relacionais (ordenam os elementos da frase, possibilitando a ligação entre eles). O conhecimento dos morfemas permite ao usuário da língua o domínio de grande parte das palavras que usa para se expressar e interagir com os outros.



Autoavaliação

Como vimos nesta unidade, os elementos mórficos desempenham um papel fundamental na constituição das palavras de nossa língua. Eles podem, também, ser explorados de modo criativo nos textos literários. Veja o exemplo a seguir.



▲ GRÜNEWALD, José Lino. Poema sem título. In: MENEZES, Philadelpho. *Poesia concreta e visual*. São Paulo: Ática, 1998. p. 68.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Analisando atentamente o texto, percebemos um interessante trabalho do poeta com a estrutura das palavras e sua relação com o sentido geral do poema. Esse trabalho consiste em acrescentar, ao radical *forma*, os prefixos *re-*, *dis-*, *trans-*, *com-* e *in-*.

Observe que as palavras formadas, a partir desses prefixos foram dispostas, no poema, de modo a sugerir um movimento circular que possibilita sempre o retorno à palavra original.

Outro elemento importante na interpretação do poema e de sua construção é a posição central que a palavra **transforma** ocupa no poema. Em torno desse eixo parecem “girar” todas as outras palavras. O efeito obtido é o de chamar a atenção para a transformação semântica que o acréscimo dos prefixos produz na palavra **forma**.

Embora se possa afirmar que a poesia tem uma liberdade para “brincar” com a estrutura das palavras, é comum que o falante utilize prefixos e sufixos para criar novos termos que são, muitas vezes, incorporados pela língua.

Na poesia concretista, é possível encontrar vários exemplos de uso dos elementos mórficos como base para criação literária. Sua tarefa será encontrar um poema em que isso ocorra. Depois de escolhido o texto, você deverá fazer uma análise semelhante à apresentada acima, para explicar de que modo o trabalho com a estrutura das palavras foi utilizado pelo poeta.

Sugerimos que você consulte livros de poesia dos principais autores concretistas brasileiros: Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Lucerna, 2004.

Koch, Ingedore e SILVA, Cecília. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: Cortez, 1987.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.

III UNIDADE

Estrutura das palavras II

Apresentação

Nossas conversas têm transcorrido de forma que você, à medida que for estudando, tenha cada vez mais interesse de aprender.

Nesta aula, daremos continuidade ao estudo da estrutura das palavras, estudaremos os afixos (prefixos e sufixos), elementos constituintes de grande número de palavras na língua portuguesa.

A compreensão desta aula decorre das discussões que vivenciamos nas aulas anteriores. Assim, será importante você revisar o conceito de morfemas e o estudo do morfema lexical.

É importante, então, que você continue atento e interagindo com o material, buscando as relações necessárias para o entendimento do conteúdo. Desse modo, você pode tirar dúvidas, revisar as aulas e conversar com seus colegas, tutor e professores para esclarecer as possíveis dúvidas que surgirem.

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Entenda o que são afixos;
- Compreenda como os afixos determinam o sentido das palavras.

Estudo dos morfemas II

Os afixos

Leia a tirinha de Rango¹:



▲ VASQUES, Edgar. O gênio gabiru. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 8.



¹ Rango: um olhar crítico para os miseráveis brasileiros: personagem de história em quadrinhos criada na década de 1970, Rango vive em um lixo, na companhia de seu filho e de um cachorro. Com essa personagem Edgar Vasquez fazia, na década de 1970, a denúncia da condição deplorável em que viviam muitos brasileiros. A temática de suas tiras, infelizmente, continua atual. ABAURRE, M. Luíza. Português, contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2000, p. 322.

Observe que o sentido da tira é constituído pela oposição dos termos: **humana** e **desumana**. A crítica ao modo desumano como vivem os brasileiros é construída pela mudança de significado da palavra **humana**, obtida por uma pequena alteração em sua forma: o acréscimo de **des** ao radical **humana**, dando-lhe a ideia de negação ou falta, fazendo com que a palavra passe a designar falta de algo, no caso de humanidade.

Enfim, na tira de Rango, o efeito de sentido é obtido por meio de um jogo de palavras que consiste no acréscimo de um elemento capaz de modificar o sentido da palavra original – esse elemento recebe o nome de **afixo**.

“Afixos são os morfemas que, somados aos radicais, formam novas palavras. Quando acrescentados antes do radical são chamados de **prefixos** e, adicionados após o radical, de **sufixos**. (ABAURRE, 2008, p. 323).

Leia a tira a seguir:



BROWNE, Dik. Hagar, o horrível. In: Folha de S.Paulo, 13 fev. 2004.

Observe estas duas palavras retiradas da tirinha: **naturalmente** e **colaterais**. Elas são formadas por prefixo (co+lateral) e sufixo (natural+mente).

Monteiro (2004) denomina os afixos de **morfemas derivacionais** (porque formam novas palavras).

Fazendo referência aos morfemas derivacionais, Koch (1987) afirma que os morfemas não obedecem a uma sistemática obrigatória, pois “uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo (de cantar deriva-se cantarolar) e faltar para um vocábulo congênere (não há derivados análogos para falar e gritar)”, (p. 33).

Continuando nossa conversa...

Agora que você já sabe o que são afixos, vamos estudá-los?

Estudo dos prefixos

O conhecimento dos prefixos é um recurso para aprimorar sua capacidade de leitura e a produção de textos, pois é uma forma econômica de ampliação do vocabulário.

Veja a economia verbal proporcionada pelo prefixo **sem-** numa frase como:

O *secretario* não atendeu às reivindicações dos *sem-terras*.

A palavra *sem-terra* faz, às vezes, de uma estrutura como “aqueles que não possuem terras”. Observou a economia de palavras?

Agora, reflita sobre frases semelhantes com outros prefixos, por exemplo, **quase-**, **contra-**, **entre-**, **pré-**, entra outros, e perceba que você tem um poderoso instrumento de síntese com que lidar.

Segundo Monteiro (2004, p. 54), os prefixos apresentam as seguintes características.

- “Destacam-se muito facilmente e, após o destaque, em geral, sobra a palavra inteira. Ex: [des] leal; [in] feliz
- “Quase sempre alteram o significado do sematema (radical), pois são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. Ex: feliz – infeliz.

- c) “Não servem para indicar as funções gramaticais da palavra”.
Os prefixos não são marcas de flexões das palavras.
- d) Em geral, não mudam a classe gramatical da palavra. Ex: ter
(verbo) – conter (verbo)
Noite (substantivo) – anoitecer (substantivo)

Atividade I



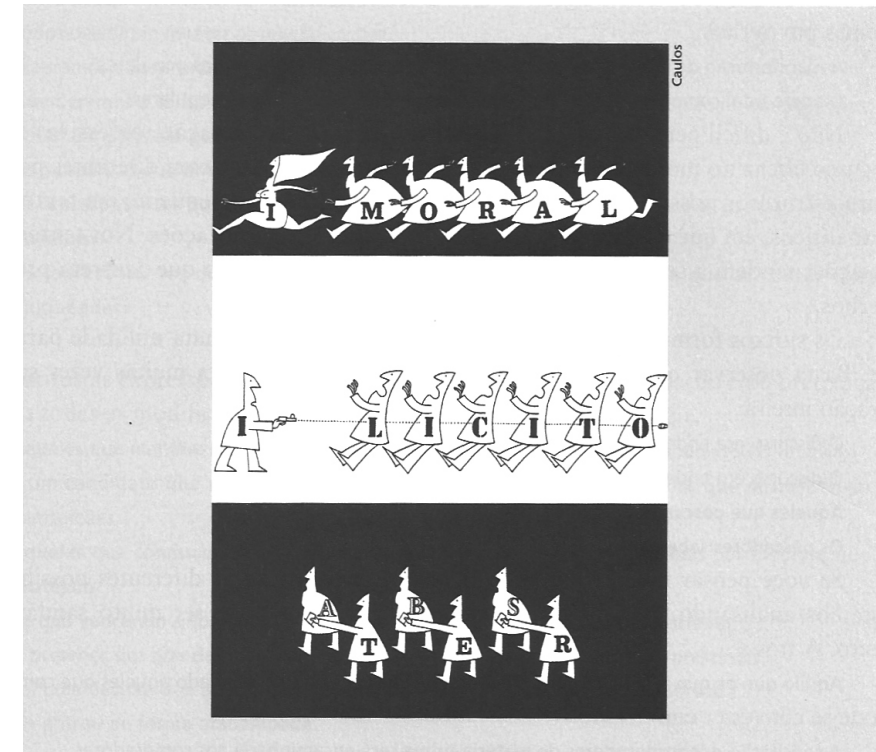
1 - Substitua cada conjunto por uma única palavra, formada por prefixação.

- a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.
- b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.
- c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.
- d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes** dos interesses coletivos.
- e) Não há como **dizer o contrário** do que eu afirmei.
- f) Deixou a todos **sem proteção**.
- g) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.
- h) Queria uma liberdade **sem restrições**.
- i) Os documentos foram **datados com antecedência**.
- j) Depois de **passar além** destes limites, descansaremos.
- k) Nem todos os países conseguem competir no mercado **de todas as nações**.
- l) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.
- m) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.
- n) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.
- o) Há rastros de animais **que viveram antes do dilúvio** naquela região.
- p) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do sul.
- q) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

02- Qual a relação entre os prefixos e as situações criadas pelo cartunista nestas tiras de Caulos?



CAULOS. Só dói quando eu respiro. Porto Alegre: L&PM, 1976.

3- Não é apenas na língua portuguesa estudada na escola que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado no seu conhecimento do valor do sufixo, explique o sentido das palavras seguintes.

- a) Tietar, tietagem.
- b) Badalação, esnobação.
- c) Sanduicheira, danceteria.
- d) Roqueiro, grafiteiro.
- e) Pichador, pichação.
- f) Prefeiturável, ministeriável, presidenciável.
- g) Carreata
- h) Bacanão, durão.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Estudo dos sufixos

Os sufixos são morfemas colocados depois do radical e têm a função de formar novas palavras, modificando o sentido básico do radical ou mudando a classe gramatical da palavra a que pertence originariamente o radical.

Koch (1987), Monteiro (2004), Bechara (2004), Câmara Jr (1970) entre outros, classificam os sufixos em: nominais, verbais e adverbiais.

Vamos observar as diferenças entre esses tipos de sufixos:

Sufixos nominais acrescentam à palavra primitiva ideias acessórias de:

a) Noção de grau (aumentativo, superlativo ou diminutivo) ou noção de ideia pejorativa:

EX: -aço -> ricaaço
-alha -> politicaalha
-ebre -> caseebre
-errimo -> paupérrimo

b) Noção de quantidade (característica acentuada, abundância ou coleção):

EX: -ada -> boiada
-agem -> folhagem

c) Noção de ação, resultado de ação, situação, estado ou quantidade.

EX: -ismo -> civismo
-ura -> brancura
-eza -> beleza

d) Naturalidade, origem, procedência:

EX: -ense -> campinense
-es -> português
-ol -> espanhol

e) Agente, profissão, ofício:

EX: -ário -> bibliotecário
-ente -> servente, agente
-dor -> comprador

f) Noção de lugar onde se pratica a ação:

EX: -ário -> vestuário
-eiro -> viveiro
-douro -> bebedouro

g) Nomenclatura científica:

EX: -ato -> sulfato
-ose -> celulose
-ite -> sinusite

Sufixos verbais

Os principais sufixos verbais são: -ar e -ecer.

a) **-ar** (vogal temática **-a** da 1ª conjugação + desinência de infinitivo **-r**) para formar verbos da 1ª conjugação:

Telefon – ar cruz – ar
Govern – ar apel – ar

Às vezes, entre a terminação **-ar** e o radical, há um outro sufixo. Veja:

Chuv – isc – ar apedr – ej – ar
Afug – ent – ar salt – it – ar

Esses sufixos transmitem ao verbo variadas significações, conferindo-lhe noções de aspecto verbal, diferenciado. Veja os exemplos abaixo:

- ear -> folhear (aspecto frequentativo)
- itar -> saltitar (aspecto factitivo)
- itar -> dormirar (aspecto iterativo)

b) **-ecer** (ou **-ecer**) – para formar verbos da 2ª conjugação.

Alvor – ecer flor – ecer
Envelh – ecer anoit – ecer

Sobre o sufixo **-ecer**, Monteiro (2000, p. 133) afirma: “este sufixo é característico dos verbos chamados **incoativos**, que indicam começo de ação ou estado”.

A variante **-ecer** é muito utilizada na língua portuguesa, dando origem a grande número de verbos, derivados de substantivos.

Veja os exemplos:

Amanhecer -> derivação de manhã
Entardecer -> derivação de tarde

Sufixo adverbial: o sufixo adverbial **-mente** é único em português. Agrega-se, em geral, ao adjetivo de forma feminina, ao indicar circunstância, especialmente de modo: Veja esses exemplos: *Francamente, razoavelmente, friamente*.

Veja a seguir a indicação de gramáticas (entre outras), nas quais você encontrará uma lista de prefixos e, sufixos gregos e latinos, suas correspondências e seus significados. Todavia, é necessária uma observação: essa relação não é para ser decorada, sua finalidade é possibilitar que você consulte-a, facilitando o trabalho de pesquisa.

INFANTE e ULISSES. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008, p. 83-98. SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática contemporânea**. São Paulo: Escola Editorial, 2005, p. 75-98.

Atividade II



1- Considere a palavra **infinita**.

- Eliminando o seu prefixo, temos a palavra que lhe deu origem. Indique-a.
- Que palavra deu origem à que serve de resposta ao item **a**?
- Em **infinita** ocorre o mesmo prefixo que no verbo que serve de resposta ao item **c** do exercício anterior? Justifique.
- Na palavra em estudo ocorre o mesmo processo de formação que em **destemido**? Justifique.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

2- Leia este trecho de texto e responda aos itens de a a e.

"Tudo quieto; o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; abaixo a cabeça; tragou um cascudinho; mergulhou de novo..."

Jorge Lima

- Em uma palavra desse trecho, o sufixo exprime idéia de aumento. Qual é a palavra e qual é o sufixo?
- Na palavra referida em **a**, a ideia de aumento expressa por um outro sufixo aumentativo. Qual?
- Que efeito de sentido o narrador procurou criar ao escolher o sufixo referido em **a**, e não o que você indicou em **b**.
- Transcreva do trecho duas palavras cujos sufixos exprimem, em princípio, sentido de diminutivo.
- Em qual das duas palavras referidas em **d** houve "apagamento" do sentido do sufixo? Explique.

Como os prefixos e os sufixos determinam sentido das palavras

Vamos entender os efeitos de sentido causados pelos prefixos e pelos sufixos.

Para isso, leia a tirinha abaixo:

PAGANDO O PATO



Ciça

CECÍLIA VICENTE DE AZEVEDO ALVES PINTO

▲ CIÇA. *Pagando o pato*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 28.

O sentido da crítica presente na tira é construído justamente pela diferenciação estabelecida entre os termos *vivente* (aquele que vive) e *sobrevivente* (aquele que se mantém vivo, à custa de muito esforço). Naquela família, portanto, as pessoas não vivem em sentido pleno, porque provavelmente lhes faltam as condições básicas, elas sobrevivem.

Todo esse efeito de sentido foi criado pelo acréscimo do prefixo **des-**.

Observe agora, a tirinha abaixo:



▲ WALKER, Mort. *Recruta Zero*. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 14 jun. 1999.

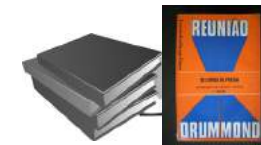
Na palavra *papelada*, o sufixo **-ada** indica grande quantidade. Uma coisa é trabalhar com uma grande quantidade de papel no escritório, outra coisa é lidar com a *papelada* em um caminhão de lixo.

Nas duas tiras, os efeitos de sentido foram produzidos pelos prefixos e sufixos.

Leituras recomendadas

Para ler

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.



Em poemas como “No meio do caminho” e “Congresso internacional do medo”, Drummond deixa claras as inúmeras possibilidades de sentido de uma palavra.

Para acessar



[HTTP://acd.ufrj.br/~pead/quebrando_tabus.htm](http://acd.ufrj.br/~pead/quebrando_tabus.htm)

Artigo que procura desfazer a confusão entre a gramática normativa e a língua usada pelos falantes nativos.



<http://www2.uol.com.br/augustodoscampos/poesiaconc.htm>

Site onde se encontram vários poemas concretos em que os autores jogam com os elementos de composição das palavras, espaços em brancos e os movimentos gráficos das letras e poemas provocando inúmeros efeitos de sentido.



Resumo

As palavras podem ser divididas em unidades mínimas portadoras de significados chamadas de morfemas. Os afixos são morfemas colocados antes do radical – prefixos e depois do radical – sufixos. Os afixos são importantes porque formam novas palavras na língua portuguesa. A escolha de um determinado prefixo ou sufixo é importante porque provoca determinados efeitos de sentido nos contextos em que são usados.



Autoavaliação

Leia e observe atentamente os dois poemas abaixo, escritos por poetas contemporâneos nossos. A seguir, faça um comentário sobre a exploração da expressividade dos afixos feita pelos textos.

forma	À moda da casa
reforma	feijoadada
disforma	marmeladada
transforma	goleadada
conforma	quarteladada
informa	
forma	

PAES, José Paulo. *Um por todos (Poesia reunida)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GRUNEWALD, José Lino. *Escrever*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

Bechara, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Lucerna, 2001.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, 2005.

Koch, Ingedore e SILVA, Cecília. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: Cortez, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

IV UNIDADE

Estrutura das palavras III

Apresentação

Como vimos nas aulas anteriores, os elementos mórficos desempenham um papel fundamental na constituição das palavras de nossa língua.

Nesta unidade, vamos concluir o nosso estudo sobre os elementos estruturais das palavras. Para isso, vamos estudar as desinências, as vogais temáticas e as consoantes de ligação.

Lembre-se de que este estudo só se completa com sua efetiva participação, por isso, faça as leituras sugeridas, acesse os sites indicados, assista aos filmes propostos, enfim, seja um bom estudante e pesquisador.

Caso surjam dúvidas (o que é natural na sua condição de estudante), socialize-as com seus colegas, com os professores, o tutor em busca dos esclarecimentos necessários.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Entenda como se estruturam as palavras;
- Conheça as desinências, as vogais temáticas e as vogais e consoantes de ligação que entram na constituição das palavras da língua portuguesa;
- Compreenda como os elementos estruturais determinam os sentidos das palavras.

Para iniciar nossa conversa...

Vamos dar continuidade ao estudo dos morfemas. Para isso, leia esse fragmento de uma canção:

Pecadinhos
[...]
Perdoai nossas faltas
Quando falta carinho
Quando flores nos faltam
Quando sobram espinhos
[...]

Zeca Baleiro e Tata Fernandes. In: Creumar. Dindinha. Atracção Fonográfica, 1999.

Observe no texto que o verbo **faltar** foi flexionado em número: falta (singular) e faltam (plural) e o que caracteriza a flexão de plural é o morfema **-m**. Porém, na palavra **falta** o que caracteriza o singular é a ausência de marca.

Nas palavras: Espinho/espinhos; carinhoso/carinhosos, o **-s** final tem um significado, indica plural (com exceções), em oposição à ausência de **-s** que indica singular.

Agora, veja essas outras palavras: menino/menina; carinhoso/carinhosa. A presença do **-o** indica que a palavra é masculina e a presença do **-a** final indica que ela é feminina.



Você observou que algumas palavras da língua assumem uma forma diferente para indicar o gênero (masculino e feminino), o número (singular ou plural) e modo, tempo e pessoa dos verbos? Os elementos mórficos responsáveis pela marcação dessas variações são chamados **desinências**.

Segundo Ferreira (2007, p. 101), "Desinências são elementos que se juntam à parte final de certas palavras para caracterizar as flexões, isto é, as variações de forma".

Se estão ligadas a nomes, são chamadas **desinências nominais**. Se, ligadas a verbos, são chamadas **desinências verbais**.

Leia estes quadrinhos:



Folha de S. Paulo, 10 jan. 2004.

Neste texto, as palavras se relacionam harmonicamente, isto é, umas concordam com as outras.

Observe:

"...o mundo será menos ou mais inseguro?"

Se substituirmos o substantivo **mundo** por cidade, a desinência do adjetivo **seguro** será alterada para se adequar aos novos elementos.

"A cidade será menos ou mais insegura?"

É por meio das desinências que se opera o mecanismo da concordância, já que, pela alteração delas, as palavras vão se adequando umas às outras.

Desinências nominais

Presentes no final dos nomes (principalmente substantivos e adjetivos) indicam a variação de **gênero** (masculino e feminino) e de **número** (singular e plural).

Veja abaixo um quadro com as desinências nominais.

Desinência nominal	Indicação	Exemplos
-o	Masculino	Gat <u>o</u> , bonit <u>o</u> , engenheir <u>o</u>
-a	Feminino	Gat <u>a</u> , bonit <u>a</u> , engenheir <u>a</u>
-s	Plural	Gat <u>os</u> , gat <u>as</u> , engenheir <u>as</u>

Observações:

- 1. Às vezes, a desinência **-s** passa a **-es**. Exemplo: capaz-capazes, feroz-ferozes.
- 2. A ausência da desinência de plural identifica as formas de singular.
- 3. Enquanto os afixos podem formar palavras novas, as desinências indicam apenas as flexões das palavras.

Desinências verbais

Essas desinências indicam a **pessoa**, o **número**, o **tempo** e o **modo** das formas verbais.

Observe, por exemplo, os destaques nestas duas formas.

Cantava **s**
Cantava **m**

A substituição da desinência **-s** pela desinência **-m** altera a pessoa gramatical e o número da forma verbal: de tu (2ª pessoa do singular) muda para eles (3ª pessoa do plural).

Cantava **va s**
Cantava **re s**

A substituição da desinência **-va** pela desinência **-re** altera o tempo e o modo de forma verbal: de pretérito imperfeito do modo indicativo (tu cantavas) passa a futuro do subjuntivo (quando tu cantares).

Monteiro (2002, p.16) denomina as desinências verbais e nominais de “morfemas categóricos” para o autor, o termo categoria tem sentido equivalente à flexão.

Para Koch (1987, p. 22) os morfemas flexionais “alteram os morfemas lexicais. Adaptando-os à expressão das categorias gramaticais que sua classe admite: nos nomes, gênero número; nos verbos, modo e tempo, número e pessoa.”

A autora classifica os morfemas flexionais em português em:

a) Aditivos – o acréscimo de um ou mais fonemas ao morfema lexical. EX: aluna – alunas / jogador – jogadores

b) Subtrativos – resultam da supressão de um segmento fônico do morfema lexical. Ex: irmão – Irmã.

Nesse caso, a noção de feminino não é marcada pela adição de um morfema à forma feminina e sim pela subtração dessa forma.

c) alternativos – resultam da alternância ou troca de um fonema no interior do vocábulo. Entre os nomes, a vogal tônica **[-ô]** do masculino singular pode alternar com um **[-ó]** no feminino plural (é o que os gramáticos chamam de plural metafônico). Ex. povo – povos / formoso – formosos.

d) Morfema zero: resulta da ausência de marca para expressar determinada categoria gramatical. Só ocorre quando há oposição, ou seja, quando morfema lexical isolado assume uma significação em virtude da ausência do morfema que expressa significação oposta. Ex: em mar não há marca de singular, há uma ausência da marca de plural.

e) Latente – Não apresenta morfema gramatical próprio para indicar qualquer categoria. Ex: ônibus e artista funcionam isolados e inalterados para indicar os significados gramaticais de singular/plural, masculino/feminino. Essas marcas revelam-se no contexto.

Atividade I



1. **Vocábulos como lápis e pires têm singular e plural. Há, porém, palavras que só se empregam no plural. Exemplifique-as.**
2. **No par avô/avó, qual o traço que distingue o masculino do feminino?**
3. **Leia a tirinha de Fernando Gonsales e responda às questões a e b.**



Fernando Gonsales. Níquel Náusea - Nem tudo que balança cai. São Paulo: Devir, 2003. p.37.

a) Na palavra **ossos** (3º quadrinho), há, segundo Koch (1987), a presença de um morfema alternativo. Qual é esse morfema? Explique por que ele é denominado alternativo.

b) Explique que tipos de desinências temos na palavra ossos (3º quadrinho).



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Continuando nossa conversa...

Em alguns casos, a ligação entre radicais e sufixos é feita por meio de elementos que não têm significação gramatical própria, cumprindo apenas a função de vincular duas partes constitutivas de uma mesma palavra por motivos eufônicos¹. São **as vogais e as consoantes de ligação**.

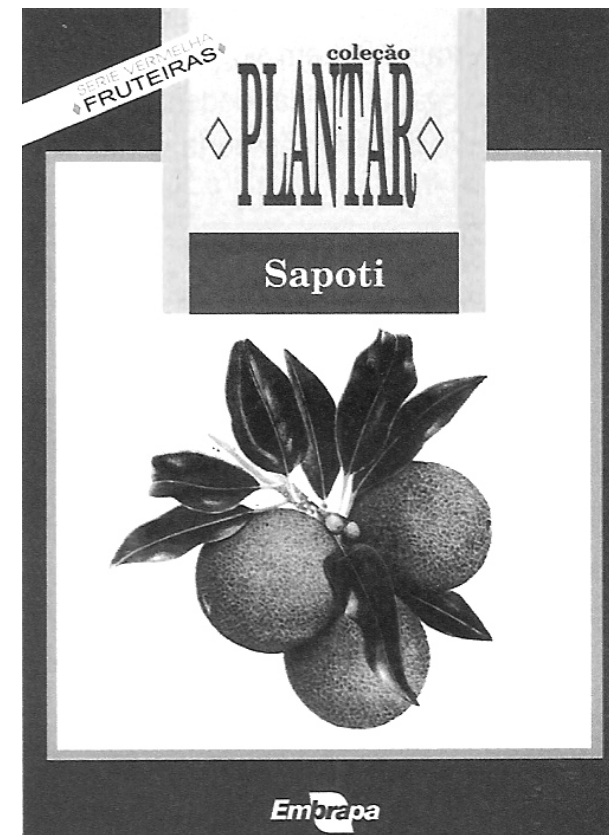
Para Koch (1987, p. 30), "...existem em português, certos elementos que aparecem no interior dos vocábulos sem qualquer valor mórfico. São as vogais e as consoantes de ligação, ocorrentes na junção, dos morfemas lexicais e derivacionais e cuja única função consiste em evitar dissonâncias na junção daqueles elementos".



¹ Eufônicos, adj., que tem eufonia, suave, melodioso. BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 1996, p. 277.

As consoantes de ligação

Veja essa propaganda da Embrapa:



Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o **sapotizeiro**, percebemos a presença da consoante de ligação **Z** unindo o nome sapoti ao sufixo **-eiro** (sapoti+z+eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá+z+eiro), abacaxizeiro (abacaxi+z+eiro), caquizeiro (caqui+z+eiro) etc.

Fique atento (a)!

A consoante de ligação costuma ocorrer entre um oxítono terminado em vogal e um sufixo iniciado por vogal. A inserção da consoante de ligação evita a formação de hiatos.

Observe:

Café-cafe**te**ira; chá-chale**ir**a; cajá-caja**z**eiro

Vogais de ligação

Observe a palavra **barbaridade**, formada a partir do vocábulo bárbaro: a vogal de ligação **-i**, que ocorre entre o radical e o sufixo **-dade**, simplifica a sequência silábica da ligação do radical e do sufixo, pela criação da sílaba **-ri**, o que elimina o encontro consonantal **-rd**.

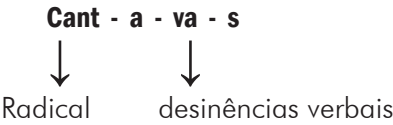
Veja outros exemplos: gasô**me**tro – aurí**ver**de

Para finalizar nosso estudo sobre a estrutura das palavras...

Vogais temáticas

Vamos retornar ao item anterior (desinências). Para isso leia a forma verbal **contavas**.

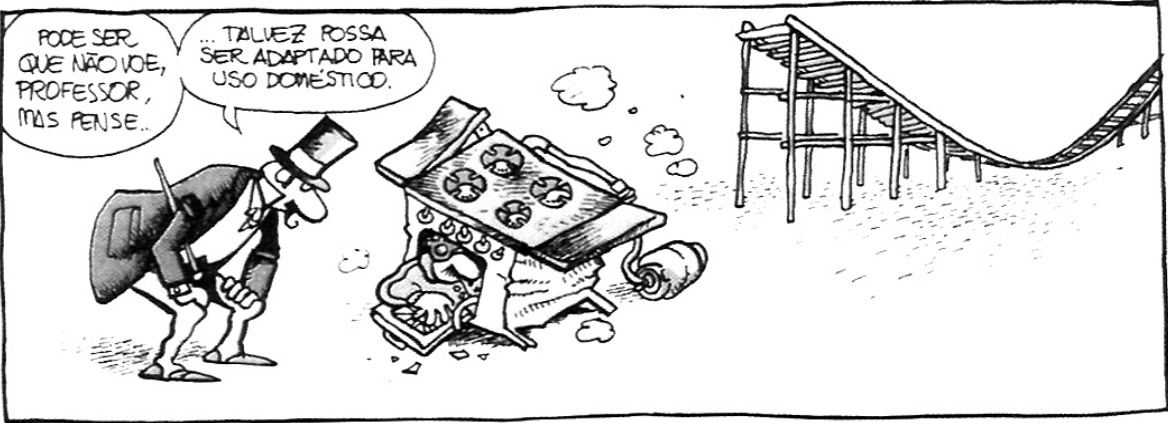
Nela constatamos a presença de duas desinências que se juntam ao radical e indicam as variações verbais. Assim:



Observe que entre o radical **cant-** e as desinências verbais, surge o morfema **-a-**. Esse morfema, que liga o radical às desinências, é chamado de **vogal temática**. Sua função é ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**.

É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Veja o quadro abaixo:



(Laerte. *Classificados*. São Paulo: Devir, 2002. v. 2, p. 12.)

Na forma verbal adaptada, **adapt-** é o radical, **-a** é a vogal temática, **-do** é a desinência verbo-nominal. A união do radical e vogal temática compõe o tema: **adapta**.

Vogais temáticas nominais

Segundo Infante (2005, p.106), “as vogais temáticas nominais são **-a**, **-e** e **-o**, quando átonas finais como em mesa**a**, escola**a**, base**e**, sorte**e**, tribo**o**, resumo**o**”.

As vogais temáticas nominais não indicam o gênero gramatical, porque podem ocorrer tanto em palavras do gênero masculino como feminino.

Vogais temáticas verbais

Somadas aos radicais, as vogais **-a,-e,-i** atuam como vogais temáticas verbais. São elas que definem as conjugações, observe:

Primeira conjugação	Segunda conjugação	Terceira conjugação
Vogal temática –a EX Amar: AM + a + r AM + a – rão	Vogal temática –e EX: Comer Com + e + r Com + e - sem	Vogal temática –i EX: Fugir Fug + i + r Fug + i + rem

Observações:

- a) O verbo pôr e seus compostos pertencem à 2ª conjugação. Note, por exemplo, que na forma verbal “puse**mos**” a vogal temática é **e**.
- b) Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, aqui, cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática.

Monteiro (2004, p. 17) chama as vogais temáticas de “morfemas classificatórios”. O autor explica que estas vogais “nada parecem acrescentar ao significado do vocábulo, não servem para definir sua estrutura, se nominal ou verbal”.

Atividade II



1 - Veja a tirinha a seguir para responder ao itens A e B.



LAERTE. Classificados: livro 2. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

- a) Retire do texto palavras que contenham vogais temáticas.
- b) Explique o que são palavras atemáticas e dê exemplos retirados da tirinha.

2 - Indique quais dos elementos destacados nas palavras, a seguir são desinências nominais de gênero e quais são as vogais temáticas:

- a) complicada
- b) variada
- c) cultura
- d) governo



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Concluindo...

Com os conhecimentos adquiridos no estudo da estrutura das palavras você vai perceber que podemos entender melhor como novas palavras são formadas em português.

Este é o assunto da nossa próxima unidade. Fica o convite!

Leituras recomendadas

Para ler

KEHDI, Valter. Morfemas do português. São Paulo: Ática, 2007.



Este livro traz a apresentação e a explicação das técnicas de segmentação do vocábulo em morfemas.

Para acessar

[HTTP://www.revistalingua.com.br](http://www.revistalingua.com.br)



Site da revista língua portuguesa que possibilita o acesso aos artigos publicados na versão impressa da publicação. Merecem destaque os artigos em que a professora Maria Helena de Moura Neves discute diferentes aspectos da gramática do português, fazendo importantes considerações sobre o modo como são descritos pela gramática normativa e o uso efetivo que

deles fazem os falantes.

www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.html



A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra.



Resumo

As desinências são morfemas que se juntam à parte final das palavras para indicar as flexões de gênero, número, nos nomes e de tempo, modo, número e pessoa nos verbos. Se ligadas a nomes são chamadas desinências nominais, se ligadas a verbos são chamadas desinências verbais. É por meio das desinências que se opera o mecanismo da concordância. Segundo Koch (1987), as desinências se classificam em: aditivas, subtrativos, alternativas, zero e latente. As vogais e consoantes de ligação são elementos que ligam os radicais aos afixos, mas não têm uma significação própria. As vogais temáticas são morfemas que ligam o radical às desinências e podem ser verbais ou nominais.



Autoavaliação

Sua tarefa agora vai ajudá-lo a fixar melhor os morfemas flexionais. Para isso, escolha um texto de notícia ou jornal e pesquise palavras que contenham pelo menos três dos tipos de morfemas flexionais classificados por Koch (1987):

- a) aditivos
- b) subtrativos
- c) alternativos
- d) zero
- e) latente

Sua pesquisa vai ajudá-lo(a) a identificar os pontos positivos e negativos da sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deverá melhorar. Assim avalie seu desempenho como aluno desta unidade.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.

KOCK, Ingedore e SILVA, Cecília. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. São Paulo: Cortez, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

LAUAR, Leila. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

V UNIDADE

Formação das palavras I

Apresentação

Uma sociedade em permanente mudança, que cria a todo instante novas necessidades e novos objetos de consumo, precisa ter também uma linguagem dinâmica, que acompanhe as transformações.

Assim, sempre que for necessário um nome para designar uma ideia ou um nome para um objeto novo, o falante de uma língua poderá formar uma palavra nova.

Nesta unidade, vamos estudar os mecanismos de que a língua dispõe para, combinando e recombinao morfemas, criar palavras novas. Você como usuário da língua, sem dúvida, participa desse processo, muitas vezes, sem se dar conta disso.

Vamos estudar esse assunto, tendo em vista ajudá-lo (a) a compreender melhor o funcionamento da língua portuguesa e a fazer o melhor uso possível dela nas práticas de leitura, escrita e produção de textos.

Para isso, leia com atenção este material, responda os exercícios propostos e as dúvidas que surgirem. Estamos aqui, professores, o tutor e os seus colegas para ajudá-lo (a).

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Identifique a diferença entre os processos de formação de palavras, a composição e a derivação;
- Distinga como se caracterizam as palavras formadas por composição e derivação;
- Compreenda como as palavras formadas por derivação e composição determinam os sentidos dos textos.

Vamos agora, iniciar o nosso estudo dos mecanismos de que a língua dispõe para, combinando e recombinao morfemas, criar palavras novas.

Formação de palavras



▲ WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 23 abr. 2003.

No primeiro quadrinho da tira o personagem Calvin aparece vestido como um super- herói, pois imagina ser um deles. Como todos os super-heróis, ele imagina ter uma capacidade que o diferencia dos demais seres humanos e que se julga estupenda: conseguir responder às questões da prova muito rápido. Com base nessa imagem que faz de si mesmo, cria uma palavra para denominar esse “novo” super-herói: o **estupendomen**.

Dessa forma, Calvin criou um substantivo formado por dois radicais: estúpido + homem e criou uma palavra nova- **estupendomen**. Assim como Calvin, nós falantes, de acordo com as necessidades da língua vamos criando palavras e enriquecendo o léxico português.

Segundo Carvalho (1999, p. 33), “As palavras novas de uma língua podem ser formadas por: Criação lexical, criação semântica, origem estrangeira.”

Por que formamos palavras novas?

Vários são os motivos que nos podem levar a formar palavras. Às vezes, precisamos utilizar o significado de determinada palavra em uma construção que requer uma classe gramatical diferente. Em certas situ-

ações, precisamos modificar o significado de uma palavra; em outras, buscamos nomear processos ou seres até então desconhecidos ou despercebidos, às vezes, usamos uma palavra de outra língua. Em todos esses casos, são processos de formação de palavras que atuam como instrumentos para incrementar nosso desempenho comunicativo.

Processos de formação de palavras

Há na língua portuguesa, muitos processos pelos quais se formam palavras e cujos mecanismos são constantemente utilizados para traduzir, em novas palavras, novas realidades.

Entre os processos de formação de palavras na língua portuguesa, dois são mais produtivos: a derivação e a composição.

Vamos estudar esses processos?

A derivação

Segundo Infante (2006, p. 108), “A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra por meio do acréscimo de afixos.”

Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa. Veja os exemplos abaixo:

Escola- escolar- escolarização- escolarizar- subescolarização

A derivação é um processo muito produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarização) e também mudar-lhe a classe gramatical (como em escolarizar/ escolarização).

Tipos de derivação

- a) **Derivação prefixal ou prefixação**- Acréscimo de prefixos ao morfema lexical: **re**ter, **ile**gal, **sub**tenente.

Fique atento!

Abauvre (2009, p. 340), afirma que “Muitas vezes, o acréscimo do prefixo a determinados radicais provoca modificações em sua forma. É o que ocorre, por exemplo, quando o prefixo latino **in-** é associado a palavras que se iniciam pelas consoantes **l**, **m** e **r**. Nesse contexto fonológico, o prefixo se manifesta como **i-**, perdendo a nasal final: ilegal, imóvel, irreal”.

- b) **Derivação sufixal**- acréscimo de sufixos ao morfema lexical: sabo-**roso**, ponte**ira**, voz**inha**, grandal**hão**.

Veja um exemplo de palavra formada por derivação sufixal na tirinha abaixo:

racistas



▲ QUINO. O clube da Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 12. v. 10.

- c) **Derivação prefixal e sufixal**- acréscimo tanto de prefixos como de sufixos ao morfema lexical: **des**lealdade, **infelizmente**.
- d) **Derivação parassintética ou parassíntese**- acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao morfema lexical: **entardec**er, **esfarel**ar.

Este processo dá origem, principalmente, a verbos obtidos a partir de substantivos e adjetivos.

Veja alguns exemplos:

Abençoar-	expatriar-	ensaboar
Envelhecer-	entristecer-	endireitar

Leia a observação feita por Cereja (2005, p. 100):

“Atente para o fato de que a condição para a existência da parassíntese é a simultaneidade da anexação do prefixo e do sufixo ao radical. Se eliminarmos, por exemplo, qualquer um dos afixos da palavra **empobrecer**, o que resta não constitui palavra existente na língua.”

Veja:

Em/pobrecer- pobrecer (forma inexistente)

Empobr/ecer- (forma inexistente)

Entretanto, em **imperdoável** não ocorre parassíntese, pois, existe “perdoável.”

- e) **Derivação imprópria**

Você já estudou o processo de formação de palavras pelo acréscimo de afixos. Agora, vai estudar uma forma muito particular de derivação que acontece quando uma palavra muda a classe gramatical sem que sua forma original seja alterada. Esse processo é denominado derivação imprópria.

Para Koch (1987, p. 33), “a derivação imprópria é o processo de enriquecimento do vocabulário ocasionado pela mudança de classe das palavras”

Transformar palavras de outras classes gramaticais em substantivos é um exemplo de derivação imprópria. Essa transformação é, muitas vezes, feita pela anteposição de um artigo ou adjetivo ao termo que será substantivado. O importante, porém, é reconhecer a função que a palavra exerce no contexto em que ocorre.

Observe que, no diálogo da tira abaixo, o advérbio **não** foi substantivado na fala do segundo quadrinho, o que fica evidente pela flexão de número que recebe “Também recebo **nãos** das garotas.”



▲ RECHIN, Bill; WILDER, Don. A legião. Jornal da Tarde. São Paulo, 15 out. 2003.



¹ O Conselheiro Acácio, personagem de Eça de Queiroz, conhecido pelo tom convencional e vazio de sentido de suas observações. TORRALVO, Izeti e MINCHILLO, Carlos. *Linguagem em movimento*. São Paulo: FTD, 2008.

Koch (1987) não inclui a derivação imprópria nos diferentes tipos de derivação, para a autora, “a passagem de substantivos a adjetivos: manga-rosa, colégio-modelo; de adjetivos a advérbios: ler alto, falar baixo, custar caro, etc. Trata-se, na realidade, de um processo sintático- semântico e não morfológico” (p. 33).

Se observarmos bem, veremos que a derivação imprópria pouco ou nada tem a ver com os processos de formação de palavras que estamos estudando (é por isso que se chama imprópria). Afinal, esses processos fazem parte da morfologia porque implicam alterações na forma das palavras, já a derivação imprópria lida basicamente com o significado das palavras, o que a caracteriza como um processo semântico.

Zanotto (2001, p. 60) corrobora com esse pensamento quando afirma “...a derivação imprópria fica fora do âmbito da estrutura morfológica, pois nela não ocorre a combinação de morfemas. Esse processo designa a troca de classe gramatical de um vocábulo, envolve a sintaxe e a semântica, pois é o contexto e o sentido que entram em jogo”.

Koch (1997, p. 31), reafirma a posição de Zanotto (2001) quando diz que a derivação imprópria “Trata-se, na realidade, de um processo sintático- semântico e não morfológico, motivo pelo qual não o incluímos entre os diferentes tipos de derivação”.

Koch (1987), Abaurre (2008), Kedhi (1990), Monteiro (2004), entre outros autores mostram outros casos de mudança de classe que exemplificam o processo de derivação imprópria.

- Substantivos próprios- substantivos comuns: Quixote, damasco, Acácio¹, etc.
- Substantivos comuns-substantivos próprios: Coelho, Leão (sobrenome).
- Substantivos-adjetivos: monstro (“Peguei um engarrafamento monstro”); burra (“Esta é uma solução burra”).
- Substantivos- adjetivos e verbos-interjeições: Silêncio! Viva! Bravo! Salve!
- Verbos e advérbios-conjunções: quer...quer, já...já.
- Particípios (presentes e passados)-preposições: mediante, salvo.

f) Derivação regressiva

A derivação regressiva, segundo Abaurre (2008, p. 345), “...é definida pela redução na forma fonológica da palavra derivada em relação à forma da palavra primitiva: choro (de chorar), busca (de buscar), abalo (de abalar)”

É o processo de derivação regressiva que produz substantivos deverbais.

Observação: Deverbais- derivados de verbos.

Veja um exemplo de derivação regressiva na palavra **tevê**, no primeiro quadrinho da tira abaixo.



▲ LAERTE. Gato e Gata. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 29 abr. 2002.

Segundo Infante (2005, p. 109), os substantivos “indicam sempre o nome de uma ação”.

Ex. Buscar busca; vender venda.
Censurar censura; apelar apelo.

Há casos em que é o verbo que se forma a partir dos substantivos, como nos exemplos abaixo:

Planta--- plantar; perfume---perfumar.

O “autor explica que “planta e perfume” não são nomes de ação, por isso, não são substantivos deverbais”. (p. 148).

Você conhece estas palavras: o agito (de agitar), o amasso (de amassar)? São palavras da língua coloquial. Isso mostra o quanto é produtivo o processo da derivação regressiva.

Atividade I



Leia o texto abaixo e responda às questões de 01 a 06.

Já
Já não é hoje?
não é aquioje?
Já foi ontem?
Será amanhã?
Já quandonde foi?
quandonde será?
Eu queria um jazinho que fosse
aquijá
tuoje aquijá

O'NELLA, Alexandre. Poesias completas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1982, p. 54.

1. Qual o processo de formação de **aquioje**? O que ela significa?
2. Qual o processo de formação de **quandonde**? O que significa?
3. Qual o processo de formação da palavra **jazinho**? Que tipo de significado ela transmite?
4. Explique o processo de formação e o significado das duas palavras que formam o último verso do poema.
5. O poema do português Alexandre O'Neill utiliza repetidamente um mesmo recurso. Comente essa utilização e os efeitos de sentido conseguidos no texto.
6. E você daria uma cantada nesses moldes? Por quê?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Continuando nossa conversa...

Vamos conhecer agora outro processo de formação de palavras: a Composição.

Vimos que há dois processos de formação de palavras mais produtivos na nossa língua: a derivação e a composição. Enquanto a primeira se manifesta, principalmente, por acréscimo de afixos, a segunda lida com a aproximação de radicais a fim de obter novas palavras. Há, portanto, uma clara diferença formal entre os dois processos.

Para Carone (1998, p. 37), a composição “É um procedimento pelo qual uma construção sintática se imobiliza, dando origem a unidade cristalizada. Em decorrência, forma-se um sintagma bloqueado, com duas características essenciais da palavra: inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas. E o composto, embora relembre figuradamente os elementos constitutivos, tem um terceiro significado, distinto de ambos.”

Segundo Koch (1987, p. 33) “A composição é o processo de formação de palavras que cria novos vocábulos pela combinação de outros existentes, dando origem a um novo significado.”

Assim, a composição ocorre todas às vezes que são associados dois radicais para a formação de uma nova palavra. É importante que você observe que a palavra resultante tem um sentido diferente do sentido de cada um dos radicais que a compõem.

Veja como foi formada a palavra **cahorro-quente**, a partir dos radicais de cachorro e de quente formou-se a terceira palavra, que dá nome a um sanduíche. Na origem desse termo, deve ter ocorrido um processo analógico pelo qual se estabelece uma relação entre determinados tipos de cachorros (alongados e de patas curtas) e a salsicha (recheio de sanduíche).

Atenção!

Uma vez formada a palavra, ninguém pensa que efetivamente está comendo um cachorro (animal) quente. Este exemplo ilustra uma “regra” sobre o processo de composição de palavras em português: os elementos da palavra composta não podem ser trocados por sinônimos. Por isso, não se pode dizer “cão- quente” para fazer referência ao sanduíche “cachorro- quente”.

Em português há dois tipos de composição, a depender da forma da palavra resultante.

Vejam os agora as características de cada uma delas.

Composição por justaposição

Leia a charge abaixo:



ANGELI. Folha de S.Paulo, 9 jul. 2004.

Observe o sentido da palavra **guarda-costas**, pode significar pessoa que cuida de outro ou outros, mas também pode ser embarcação destinada a defender as águas costeiras. Agora, quanto à sua composição, notam-se duas palavras (verbo+substantivo) que se unem para formar uma palavra composta pela justaposição de dois outros vocábulos.

Segundo Koch (1987, p. 34), “Na justaposição, os vocábulos que se combinam são colocados lado a lado, mantendo a sua autonomia fonética, isto é, o acento e todos os fonemas que os constituem são grafados ora unidos, ora separados, com ou sem hífen.”

Leia este trecho de notícia e observe o efeito de sentido que a palavra composta por justaposição provoca.

O sapato- bomba

Britânico embarca em voo com explosivos nos pés e expõe a fragilidade da segurança nos aeroportos.

Época. São Paulo: Globo, ano IV, N. 189, 31 dez. 2001.

Para chamar a atenção do leitor da revista, o autor do texto recorre

à composição (no título) e cria a palavra sapato-bomba. Formada pela junção de dois substantivos, o novo termo traduz de modo preciso uma nova ameaça terrorista em aeroportos: pessoas escondem explosivos em seus sapatos.

Veja que, além de a composição formar palavras novas e enriquecer o nosso léxico, também provoca efeitos de sentido nos textos.

A aglutinação

Segundo Abaurre (2008, p. 332) “A composição por aglutinação é definida pela combinação de dois ou mais radicais que sofrem alteração na sua forma fonológica, há mudança nos fonemas originais e no acento tônico dos radicais envolvidos no processo”.

Veja os exemplos e observe as transformações sofridas pelas palavras formadas por aglutinação:

Vinagre	(vinho + acre)
Aguardente	(água + ardente)
Pernalta	(perna + alta)
Planalto	(plano + alto)

Perceba que o princípio básico que rege a composição é o aproveitamento das relações sintáticas (aquelas que regulam a construção das orações e frases) para fins de ampliação do vocabulário. Isso faz com que a composição tenha uma grande vitalidade na criação de novas palavras na linguagem coloquial, jornalística e literária. Na linguagem coloquial, por exemplo, surgem expressões como **casa-descasa** (“Agora é moda esse casa-descasa!”). No jornalismo, a composição surge com finalidades muito variadas, que exploram desde as possibilidades de síntese que o processo encerra (“Diálogo governo-guerrilha”) até finalidades satíricas (“Partido-ônibus”, “Ministros-confeitos”). Na literatura, o processo possibilita a criação de compostos expressivos como versos-ataques-históricos, os postos-de parte, gênios-para-si- mesmos- todos de Álvaro de Campos, heterônimos do português Fernando Pessoa².

Segundo Infante (2001, p. 176) “A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira são descritivas porque buscam dar nomes por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. Louva-a-deus e arranha-céu são compostas de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem”.



² Fernando Pessoa (1888-1953) foi o principal escritor do Modernismo português e, ao lado de Camões, um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos. CEREJA, Roberto William. Panorama da Literatura Portuguesa. São Paulo, Atual, 1997, p. 160.

Atividade II



Leia o texto abaixo para responder às questões de 1 a 4.

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zípper* pela língua inglesa, com base na *"zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri	(Maranhão, Paraíba, Ceará)
Mamãe-vem-aí	(Pernambuco)
Eclair, zip	(Bahia)
Reco-reco	(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Fecho-éclair	(Portugal)

1. Apalavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?
2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.
3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?
4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Concluindo

Estudamos até aqui, os dois processos de formação de palavras mais produtivos na língua portuguesa: a derivação e a composição.

Na próxima unidade vamos estudar outros processos que também são importantes para aumentar o nosso léxico e atender as nossas necessidades comunicativas.

Leituras recomendadas

Para ler

BASILIO, Margarida. Formação de palavras no Português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

Este livro traz a explicação para os processos de formação de palavras de forma clara usando apenas palavras do português do Brasil.

KEHDI, Valter. Morfemas do português. São Paulo: Ática, 2007.



Este livro traz um estudo completo dos processos de formação de palavras na língua portuguesa.

Para acessar



HTTP://www.revistalingua.com.br

Site da revista Língua Portuguesa que possibilita o acesso aos artigos publicados na versão impressa da publicação. Merecem destaque os artigos em que a professora Maria Helena de

Moura Neves discute diferentes aspectos da gramática do português, fazendo importantes considerações sobre o modo como são descritos pela gramática normativa e o uso efetivo que deles fazem os falantes.



Resumo

A língua portuguesa dispõe de mecanismos que se combinam para formar novas palavras, os dois processos mais produtivos são a derivação e a composição. A derivação consiste modificação de uma palavra por meio de acréscimo de morfemas e pode ser prefixal (acréscimo de prefixo), sufixal (acréscimo de sufixo), prefixal e sufixal (acréscimo de prefixo e de sufixo), parassintética (acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo), imprópria (mudança da classe gramatical), regressiva (redução na forma fonológica da palavra derivada em relação à forma da palavra primitiva). A composição pode ser por justaposição (vocábulos que se combinam lado a lado mantendo sua autonomia fonética) e aglutinação (combinação de dois radicais que sofrem alteração fonológica).



Autoavaliação

Para você avaliar o que aprendeu sobre os processos de formação de palavras, transcrevemos abaixo um texto em que há algumas palavras formadas por composição e por derivação. Sua tarefa será identificar essas palavras e escrever um parágrafo em que você explique de que maneira essas palavras contribuem para o sentido do texto.

Historinha urbana acontecida na praça Dom Feliciano

Mariascensorista. Todo dia, no Annes Dias, Maria subia. Subia e descia. Subia-descia. Subiadescia. Maria sempre sorria: “Bom-dia, bom-dia”. E dava-lhe, botões escolhia. “Oitavo, mocinha”, o moço pedia. E, para agradar ao moço, ela sempre fingia, fazia cara de quem não sabia. E era sempre a mesma coisa, toda gente subia, toda gente descia. Maria se perguntava onde aquela gentinerante toda ia. Ela nunca soube, nunca via. [...] E o tempo corria. Com o sol ou trovão, Maria cumpria. Aliás, Maria não sabia nunca a quantas ia o dia. Às vezes, com mais ousadia, perguntava a um chegante se estava bonito ou se chovia. Não importava a resposta, ela sempre sorria. É que, dentro do coração de Maria, ela mesma escolhia a estação e o tempo que mais lhe aprazia.

MOSCOVICH, Cíntia. Historinha urbana acontecida na Praça Dom Felício. O Reino das Cebolas. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 24. (fragmento).



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, Maria Luíza. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

CARONE, Flávia de Barros. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2003.

CARVALHO, Nelly. **A palavra é**. Recife: Líber gráfica, 1999.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2006.

KEDHI, Valter. **Morfemas do português**. São Paulo: Ática, 2007.

KOCH, Ingedore. **Linguística aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 1987.

ZANOTTO, Normélio. **Estrutura Mórfrica da Língua Portuguesa**. 4ª Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

VI UNIDADE

Formação de palavras II

Apresentação

Há na língua portuguesa alguns outros processos de formação de palavras, além dos estudados na unidade anterior (a derivação e a composição). Não são processos tão produtivos quanto os estudados, mas são importantes porque atendem a outras necessidades expressivas e, em alguns casos, vêm conseguindo ganhar espaço na linguagem cotidiana, do jornalismo, da publicidade, da literatura, etc.

Estudaremos nesta unidade os neologismos, os estrangeirismos, as siglas, a abreviação vocabular e um processo novo, pouco estudado ainda, mas que vem ganhando espaço nas discussões na escola e fora dela, são as palavras abreviadas formadas nos bate-papos da internet.

Lembre-se de que esse estudo só se completa com sua efetiva participação, por isso, leia este material com atenção, faça as leituras sugeridas, acesse os sites indicados, assista aos filmes propostos, enfim, seja um bom aluno pesquisador.

Bons estudos!

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Entenda o que é um neologismo e os efeitos de sentido que eles provocam em determinados contextos;
- Conheça os processos de formação de palavras, a abreviação vocabular e as siglas;
- Compreenda um processo novo de formação de palavras que está surgindo com a linguagem da internet: as palavras abreviadas nas salas de bate-papo;
- Entenda como os estrangeirismos entram e se incorporam à língua portuguesa.



Fonte: <http://lapublicidade.com/wp-content/uploads/2010/07/redes-sociais.jpg>

Para iniciar nossa conversa

Além dos processos de formação de palavras estudados na unidade anterior (a derivação e a composição) você vai conhecer agora outros processos que também enriquecem o nosso léxico.

Para iniciar nossa conversa, leia a tirinha abaixo:



No último quadrinho da tira, a personagem Suzanita empregou uma palavra nova para nós falantes da língua portuguesa: **invejólogo**.

Assim como Suzanita, nós usuários da língua, podemos criar palavras novas sempre que houver necessidade de nomes para designar novas ideias ou novos objetos.

Para isso podemos utilizar como base elementos já existentes na língua ou alterar o significado de uma palavra já existente. As palavras criadas recebem o nome de neologismos¹.

Neologismo, segundo Sarmiento (2005, p. 76), "São palavras criadas recentemente ou usadas com um novo significado, para atender às necessidades de expressão dos usuários da língua. Chama-se neologismo semântico a palavra alterada apenas no seu sentido: marginal (malfeitor ou rua), tira (policial ou HQ), figura (gravura ou pessoa estranha)."

É interessante observar a chegada de palavras à língua. Inventá-las com intenção artística não é incomum entre escritores.

Leia este poema do poeta pernambucano Manuel Bandeira:

Neologismo
Beijo pouco, falo menos ainda
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar
Intransitivo
Teodoro, Teodora.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985, p. 26.

Observe a criatividade do poeta, que aproveitou o nome da amada para formar o verbo **teadorar**, um neologismo. Mas, a invenção de palavras novas não está a cargo, apenas de escritores. Leia esta frase:

"Que papelão!" (quando alguém faz algo errado ou engraçado).

Aqui você encontra um neologismo, trata-se da palavra "papelão", aí usada no sentido de fazer algo errado, um sentido que os dicionários, em geral, não atribuem à palavra.

As ocorrências de neologismos são inúmeras: na linguagem utilizada pelos falantes no dia a dia, no texto jornalístico, na literatura, na música ou na informática, por exemplo.

Na literatura e na música, os neologismos são largamente utilizados sem restrições: por um lado, em razão da licença poética de que dispõem os escritores e compositores e, por outro, pelo fato de o próprio "fazer literário" usar as palavras de forma diferenciada daquela com que são utilizadas no senso comum e extrapolar, ampliar os recursos expressivos possíveis.

Leia alguns verbetes² de informática do glossário a seguir:

Crashar (Forma adaptada de *crash*). Sofrer uma pane abrupta; dar pau [...]. Termo geralmente usado para descrever falha de um programa ou de um sistema [...].

Debugar (Forma aportuguesada de *debug*). Depurar possíveis erros de lógica ou de codificação de um programa, executando passo a passo.

Deletar (Forma aportuguesada de *delete*). Destruir, eliminar, apagar.

Lincar (Forma aportuguesada de *link*). Acessar documento de hipertexto por meio de link.

Como você pode perceber, a dificuldade de encontrar uma tradução adequada para certos termos da tecnologia faz com que o falante tenha que usar, muitas vezes, a palavra aportuguesada, criando assim neologismos.

Carvalho (1984, p. 76), explica que

"Estão os neologismos ligados a todas as invenções nos diversos ramos da atividade humana, seja arte, técnica, ciência, política e economia. Falando em neologismo, os pontos de referência serão sempre mudança, evolução, novidade, nova criação. [...] Ao incorporá-los a meu vocabulário ativo e ao incluí-los na minha linguagem, sinto-me participante do mundo, das suas evoluções e seus problemas".

Observando a opinião de Carvalho (1984), percebe-se que é quase inútil tentar lutar contra as palavras que, por um caminho ou outro, chegam ao idioma e são necessárias à sociedade atual, expectadora, participante nas mudanças mundiais e ávida por novidade.



2 Verbetes: (ê) Sm. 1 – Nota, apontamento. 2 – Palavra ou expressão de um dicionário ou enciclopédia com o(s) significado(s) e outras informações. FERREIRA, Aurélio Buarque. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001, p. 707.



1 Neologismo- palavra composta pelos radicais gregos néos (novo) e lógos (tratado, palavra), significa portanto, **palavra nova**.

Os neologismos “nascem” quando o falante necessita definir determinado ser, objeto ou conceito e não encontra uma palavra para isso na língua, independentemente de seu conhecimento de vocabulário ser amplo ou restrito. Em certos casos, após algum tempo de uso informal, os neologismos acabam dicionarizados.

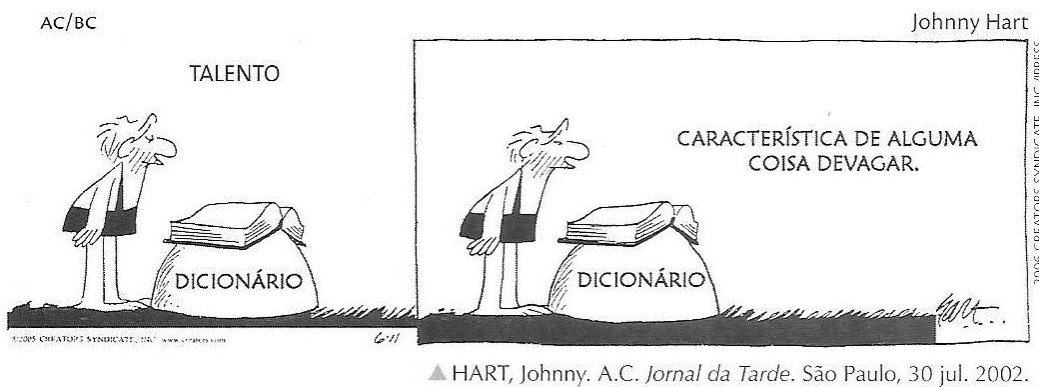
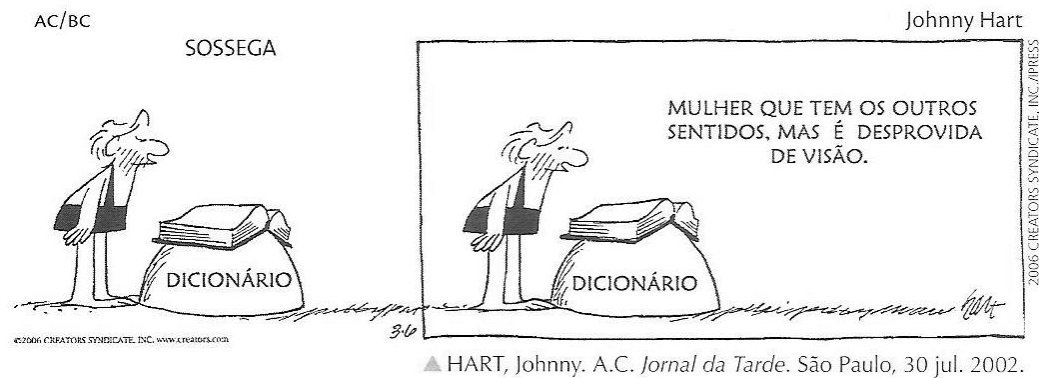
Num primeiro momento, o neologismo pode causar estranheza, pois como diz Chico Buarque “A mente apavora o que não é mesmo velho”. Mas a sua admissão ao idioma está condicionada a certos fatores, inclusive o prestígio de quem faz uso dele. Talvez, por esse motivo, as palavras originárias do inglês tenham tão boa acolhida em nossa língua – elas são associadas ao prestígio econômico e social que os Estados Unidos têm no cenário mundial.

Os neologismos são uma forma de aumentar o nosso léxico, porém, não é para sair por aí “inventando” palavras novas. Os neologismos devem atender a uma necessidade da língua.

Atividade I



Leia as tirinhas abaixo:



Observe que, além de servir para comunicar e interagir com outras pessoas, a língua também é instrumento lúdico e serve, portanto, para divertir. Veja que o efeito de humor das tiras é construído pela definição inesperada dos termos **sossega** e **talento**.

Vamos agora, seguindo o exemplo das tiras, construir um **Dicionário Maluco**. Para isso, crie significados para as palavras abaixo e dê continuidade ao “dicionário” criando outras palavras com significados “engraçados”.

Abismado – pessoa que caiu do abismo
Barracão-
Cretino-
Desbotar-
Edifício-
Fluxograma-
Homossexual-

Agora continue...



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Outro processo de enriquecimento vocabular da língua são os empréstimos linguísticos (ou estrangeirismos).

Vamos estudá-los?

Leia esta tira:



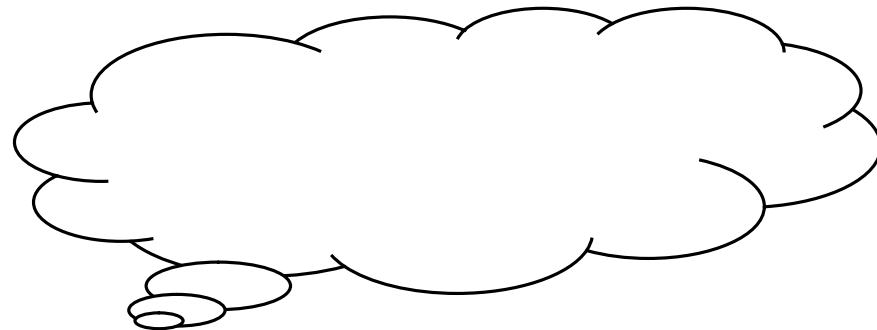
Na tirinha, a recepcionista do museu confunde o grupo de alunos brasileiros com americanos. Esse fato representa uma ironia do autor da tira, que critica o uso excessivo de estrangeirismos, especialmente da língua inglesa no Brasil.

A entrada de estrangeirismos em nosso idioma é uma questão polêmica que acarreta posições antagônicas. Alguns acham que os empréstimos lexicais são uma “invasão” e ameaçam a língua, outros acreditam que as línguas sofrem influências naturais umas das outras, por isso não é possível proibir ou evitar esse intercâmbio.

E você, qual é a sua opinião sobre o uso de estrangeirismos no nosso idioma? Registre sua opinião.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!



Todos os idiomas do mundo possuem vocábulos de outras línguas. Na atualidade, com a popularização da rede mundial de computadores, a facilidade de veiculação de informações tem favorecido a incorporação de estrangeirismos em todos os idiomas do mundo.

Carvalho (1989), afirma que as causas dos empréstimos podem ser divididas em dois grupos:

Primeiro grupo – devido ao contato interpessoal. A proximidade geográfica faz com que as pessoas se aproximem e troquem experiências e para isso, obviamente, a língua é o canal de comunicação mais usado, então a entrada de estrangeirismos de um país para o outro é um fato natural. É o caso do português com o Espanhol, por exemplo.

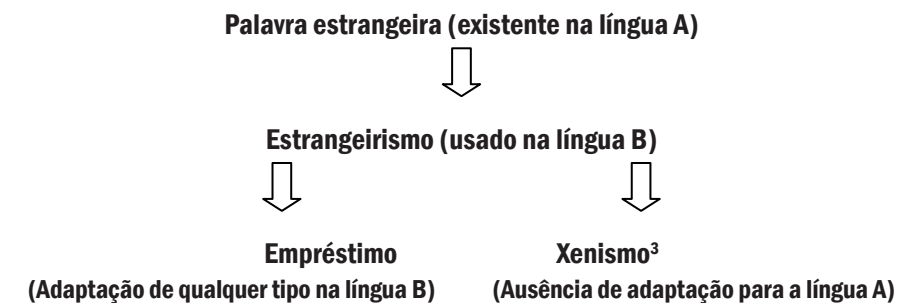
O segundo grupo é o reflexo da interpenetração das culturas, sendo que quanto mais poderosa for a nação, maior será a influência de sua língua sobre a outra. Os empréstimos chegam até nós através da importação de bens de consumo, das músicas, dos modismos, da TV, da internet, pela imprensa etc. quase sempre pela pressão econômica e cultural da sociedade mais forte.

Nesse sentido, Abaurre (2009) concorda com Carvalho (1989) quando afirma:

“Os estrangeirismos vão entrando na língua através dos tempos. Esses empréstimos têm origem no contato entre as culturas e na influência que uma cultura exerce sobre a outra em vários aspectos do

comportamento e da vida social” (p. 334).

Segundo Carvalho (1989, p. 41) “A adoção linguística compreende diversas etapas até a completa identificação da palavra com a língua que a escolheu”.



3 Xenismo- Abuso do que é estrangeiro. 4

Muitas vezes ocorre um aportuguesamento gráfico e fonológico das palavras estrangeiras que se incorporam ao idioma como iogurte (do turco *yoghurt*); chique (do francês *chic*), outros mantêm sua grafia original, a exemplo de show, shopping (do inglês), telex (do francês) etc. Às vezes, usam-se formas aportuguesadas e a grafia original, a exemplo de xampu e shampoo.

Uma palavra, hoje, considerada estrangeirismo pode, com o passar do tempo, ser incorporada ao cotidiano do falante e ao vocabulário da língua (portuguesa). Foi o que aconteceu com lanche e futebol: essas palavras, assimiladas do inglês (*lunch* e *football*), constituíam estrangeirismos quando começaram a ser utilizadas e agora fazem parte do vocabulário da Língua Portuguesa.



Atenção!

Atente para o fato de que os empréstimos só fazem sentido quando são necessários. O abuso de estrangeirismos denota falta de conhecimento do nosso léxico. Nessa questão deve prevalecer o bom senso.

Vejamos outro processo de formação de palavras.

Siglas

Leia esta frase:

Dados do IBGE mostram que o PMDB, o PSDB e o PT são os partidos mais conhecidos do povo brasileiro.

Imagine o tamanho que a frase ficaria se as siglas PMDB, PSDB e PT fossem escritas por extenso, no mínimo, você teria que escrever três linhas a mais do que escreveu na frase acima. Dessa forma as siglas promoveram uma “economia linguística” enorme.

Segundo Koch (1987, p. 36) “As siglas constituem na redução de longos títulos às letras iniciais das palavras que a compõem.”

As siglas têm seu uso popularizado pelos meios de comunicação, principalmente pelos jornais e revistas, uma vez que são úteis não só para agilizar a notícia, como também para economizar espaço.

As siglas costumam ser rapidamente incorporadas ao vocabulário dos falantes e são percebidas como palavras da língua, por isso, a possibilidade de criação de palavras derivadas. De PT: petista; de AIDS: aidético.

Para Carvalho (1984, p. 86) “As siglas se comportam como palavras novas, fazendo com que a nomenclatura verdadeira vá se apagando.” Veja estes exemplos: UNESCO, IBOPE, IBGE, se você perguntar aos falantes da língua portuguesa o significado dessas siglas, com certeza, poucos saberão responder.

Faça um teste: Pergunte a dez pessoas próximas de você o significado das siglas citadas acima e veja quantas responderão certo.

Vamos continuar o estudo dos processos de formação de palavras com um processo bem interessante e que, às vezes, causa estranheza a alguns usuários da língua portuguesa.

Abreviação vocabular

Para isso, imagine...

Um freguês entra numa loja e pergunta: “Tem pneumático?” Você acha que o vendedor vai entender? Pode ser que sim, mas é provável que ele responda: “o que é mesmo que o senhor quer?” Ou ainda, “Aguarde que eu vou chamar o gerente.” Na verdade, o freguês quer apenas comprar pneus.

Isso acontece porque, muitas vezes, nós eliminamos um segmento de uma palavra por “economia linguística” e obtemos uma forma mais

sucinta de falar e escrever (aliás, o que é muito comum no mundo atribulado de hoje). É o caso de metrô (por metropolitano), de auto (por automóvel), de cine (por cinema), refri (por refrigerante), etc. Essas reduções são uma forma nova de formar palavras denominadas **abreviação vocabular**.

Segundo Bechara (1999, p. 371), “a abreviação consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo.” Para o autor, a abreviação é comum no falar coloquial e também na linguagem cuidada, por brevidade de expressão.

Os traços de coloquialidade podem ser sentidos em abreviações como:

Professor → fessor
Japonês → japa
Botequim → boteco
São Paulo → Sampa

As formas abreviadas são empregadas na linguagem coloquial também para expressar certos sentimentos como preconceito, carinho, desprezo, etc.

Veja o exemplo:

“É muita neura para uma pessoa só”

Na frase, a palavra **neura** é uma forma reduzida de **neurose** e tem sentido pejorativo.

Infante (2001, p. 190) afirma que “Um certo tipo de abreviação vem se tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo”

Nesse caso, a forma abreviada deve estar em um contexto, para a compreensão do significado.

Exs: **ex** (por ex-namorado)
maxi (por maxidesvalorização)
micro (por microcomputador)

Monteiro (2002, p. 192) nomeia a abreviação de **braquissemia** e define “é o emprego de parte de um vocábulo inteiro. Tal processo se baseia no princípio da economia linguística da linguagem, cuja importância no mundo atual ninguém discute”

O autor explica que a subtração pode ser em elementos terminais (apócope), iniciais (aférese) ou, mais raramente mediais (síncope).

Exs. Fotografia → foto
Telefone → fone
Belo Horizonte → Belô

Silva e Koch (1997), ao conceituarem abreviação, dão ênfase ao motivo que leva à ocorrência das formas abreviadas: são ocasionadas por uma questão de economia, obedecendo à lei do menor esforço. Desse modo, utiliza-se uma parte da palavra pelo todo até limites que não prejudiquem a compreensão.

Vamos estudar agora, um novo processo de formação de palavras surgidas com o advento da internet: as abreviações usadas nas salas de bate papo (chats, MSN, Orkut...).

Leia a frase abaixo:

“Pq vc naum xego na hr q eu t flei?”

Você entendeu? Se você é uma pessoa que aderiu às novas tecnologias (e temos a certeza de que você é uma delas), que está acostumada a conversar em chats online, com certeza entendeu, caso contrário, terá dificuldades para “decifrar” a frase.

Por via das dúvidas vamos “traduzir”: “Por que você não chegou na hora em que te falei?”

Esta é a linguagem usada nos bate-papos da internet, cheia de abreviações, muitas vezes, parece até um código. Para os jovens acostumados com esse linguajar, o mais importante quando se está conversando virtualmente é se fazer entender e, mais do que isso, da maneira mais rápida.

As abreviações: Pq, vc, naum, hr, flei... são novas criações das salas de bate papo: chats, MSN, Orkut etc. e mostram o movimento fervilhante dessas salas.

E você participa desses bate papos? Registre abaixo qual é ou quais são os chats de que você participa.

O aparecimento de tantos vocábulos abreviados na linguagem dos bate papos da internet surgiu para atender às necessidades de rapidez da comunicação, visto que, neste gênero a conversação acontece em tempo real e trazem como efeito reduções no componente linguístico. As abreviações, fenômeno que dentro de um contexto não prejudicam a interação, são uma forma de tornar as conversas dos bate-papos mais próximas das conversas “reais”.

A utilização das abreviações nas conversas virtuais não é ocasional, devido à semelhança de produção dessa linguagem com a língua falada os usuários da língua reduzem as palavras e, dessa forma, as abreviações vão surgindo ligadas, assim, a razões de brevidade de expressão.

A língua na rede, assume uma forma peculiar. Para suprir a falta de contato direto entre os interlocutores, criou-se um código escrito misto, que recorre a sinais capazes de expressar desejo, alegria, tristeza, desconfiança entre outros sentimentos para recuperar as expressões

fisionômicas e gestuais presentes na conversa face a face. Esses sinais incrementam a agilidade das conversações e conferem intimidade emocional aos relacionamentos humanos na rede.

Vejam alguns exemplos:

Rs* (risos), garg* (gargalhadas), RDTR (rolando de tanto rir), MDDTR (morrendo de dar risada), :) ou :o) (felicidade, alegria), :o((chorando), :oO (que sono), o:o (sou um anjo), @-}- (uma flor), :o* ou :o+ (um beijo), = ^-.- ^ = (gatinha), entre outros.

Atividade II



As reduções linguísticas são muito comuns na língua coloquial. Dê a forma abreviada das seguintes palavras:

“Refri” – “metrô” – “ponô” – “micro” “otorrino”.

Pesquise em jornais e revistas, nas seções de política, esportes, turismo, publicidade, etc., neologismos, reduções e estrangeirismos que estejam presentes nesses textos.

Em seguida, classifique as palavras de acordo com o processo de formação. Observe, ainda, se a palavra é adequada ao contexto, caso contrário, substitua-a por outra que você conhece.

Use para consulta sempre um bom dicionário para ver se o termo já está registrado e observe o seu sentido no contexto.

Concluindo...

Concluimos aqui o nosso estudo sobre os processos de formação de palavras. Observamos que as palavras criadas cumprem um papel importante e muito produtivo para enriquecer o léxico português e que nos auxilia na leitura e na produção de textos.

Nas próximas unidades vamos estudar as classes de palavras e mostrar que elas assim são divididas porque diferem entre si na forma e na função.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leituras recomendadas

Para ler

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 2009.



Esta obra amplia o estudo a respeito dos neologismos por meio de exemplos extraídos da linguagem jornalística contemporânea.

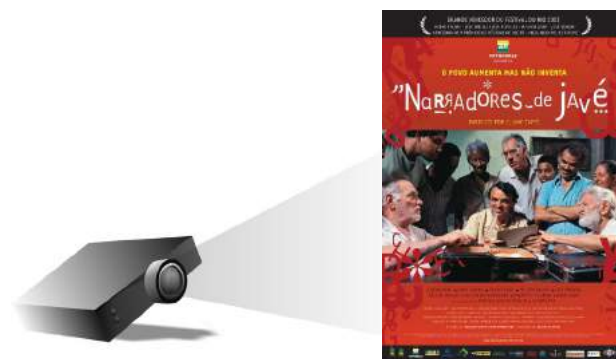
MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto E_gêneros_digítals. 2 ed.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.



O livro é composto de diversos artigos em que se discutem com diferentes perspectivas teóricas, as principais modificações promovidas nas atividades linguísticas dos usuários da língua portuguesa a partir das inovações tecnológicas, e como essas mudanças afetam o processo ensino/aprendizagem da língua e fora dela.

Para assistir

Narradores de Javé. Direção de Eliane Café. Brasil: Lumière, 2003 (100 min).



Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo Patrimônio Histórico e, assim evitar a tragédia.

Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.



Resumo

Além dos processos de formação de palavras estudados na unidade anterior (a derivação e a composição), temos outros processos que também enriquecem o léxico da língua portuguesa. São eles: Os neologismos, quando criamos uma palavra nova a partir de elementos já existentes na língua ou quando alteramos o significado de uma palavra também existente. Os estrangeirismos que são as palavras emprestadas de outras línguas. As siglas, letras iniciais de títulos grandes, a abreviação vocabular que são as reduções que fazemos em partes da palavra por “economia linguística” e por fim uma nova forma de criação: as palavras usadas nos bate-papos da internet, processo ainda pouco estudado mas muito presente na vida cotidiana atual. Todas essas criações são nomes para fatos particulares e genéricos do nosso universo cultural para preencher algumas lacunas lexicais do nosso idioma e atender às necessidades dos usuários da língua.



Autoavaliação

01- Será que a frequência com que os jovens usam a linguagem dos bate-papos da internet afeta o desempenho linguístico quando os alunos escrevem seus textos escolares? É possível separar as situações e dominar bem a língua portuguesa? Estas e outras perguntas são feitas por professores, pais, educadores em geral e até pelos próprios alunos.

Leia a opinião de três professores sobre o assunto e, em seguida, expresse seu ponto de vista sobre o assunto. Seus comentários ajudarão você a identificar os pontos positivos de sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deverá melhorar. Assim, avalie seu desempenho como aluno desta aula.

“Os jovens estão crescendo nessa linguagem funcional. Se eles usam meio eletrônico é porque querem ser rápidos. Não vejo perigo”.

Eni Orlandi. IstoÉ, 16/03/2005.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

“[...] as escolas, sobretudo, precisam prestar atenção ao fenômeno e estabelecer as diferenças. Não se deve aceitar que a linguagem da internet contamine a formal de maneira abusiva.”

Claudemir Berlinton., Veja, 25/05/2005.

“O temor em torno do internetês é exagero. É uma oportunidade a mais que o professor tem para trabalhar a linguagem em sala de aula”

Eduardo Antônio Lopes. Época, 19/09/2005.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, Maria Luíza. **Português, contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2006.

KOCH, Ingedore. **Linguística aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

SARMENTO, Leila Lavar. **Gramática em textos**. São Paulo: Moderna, 2005.

VII UNIDADE

As classes de palavras

Apresentação

Quando organizamos os seres a partir de características comuns, estamos realizando uma tarefa denominada classificação.

Os biólogos, por exemplo, fazem uma classificação dos seres vivos, descrevendo suas características e funções comuns a uma mesma classe: a dos mamíferos, dos vertebrados, dos répteis, etc.

As sociedades humanas também são divididas em classes e sempre foram, desde os tempos mais remotos. As palavras também são divididas em classes, porém essa divisão é mais democrática do que a das sociedades, todos os termos têm direitos e deveres.

Nesta unidade, vamos estudar as classes de palavras para entender os diversos papéis que elas exercem dentro dos enunciados.

Cabe lembrar que a aprendizagem desse conteúdo vai exigir que você continue realizando todas as atividades e estabeleça as relações de interação com os colegas, os tutores e os professores, para tirar dúvidas e buscar os esclarecimentos necessários.

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Entenda por que as palavras são divididas em classes;
- Conheça os critérios de classificação de palavras;
- Distinga os diversos papéis que as palavras exercem nos enunciados.

Para iniciar nossa Conversa...

O que são classes de palavras?

Leia a tirinha abaixo:



Observe que na tira os dois interlocutores empregam a palavra **celular**, porém cada um deles a utiliza com uma finalidade diferente.

No primeiro quadrinho temos: “Por que não usamos o celular?” **Celular** nesse caso é a palavra que dá nome ao próprio aparelho de comunicação. No segundo quadrinho temos: “Telefones celulares não enviam sinais de fumaça” **Celular** nesse caso é a palavra que atribui uma característica ao nome **telefones**.

Veja que, em cada uma das ocorrências, a palavra **celular** tem usos diferentes, por isso têm também diferentes classificações gramaticais: Na primeira ocorrência é substantivo e na segunda é adjetivo, cada uma, portanto, pertence a uma classe gramatical diferente.

Se juntarmos todas as palavras que dão nome a algo (ou a alguém) teremos a classe gramatical dos substantivos, se reunirmos as palavras que servem para atribuir características, temos outra classe gramatical: a dos adjetivos.

Nos estudos gramaticais, a língua portuguesa ou qualquer outra língua tem milhares de palavras que se combinam em pequenos grupos denominados “classes de palavras”, “partes do discurso”, “espécies de vocábulos” etc.

Basílio (2003, p. 215), define: “Damos o nome de classes de palavras ou partes do discurso a conjuntos abertos de palavras definidas a partir de propriedades e/ou funções semânticas e/ou gramaticais”.

Quando falamos em classes de palavras, a primeira questão que surge é a denominação: Classes de palavras? Partes da oração? Espécies de vocábulos? Partes do discurso?

Segundo Biderman (2001), a expressão “Partes da oração” tem origem latina (*partes orationis*); “Partes do discurso” tem origem francesa (*parties du discours*). A maioria das gramáticas escolares emprega “Classes de palavras”, a exemplo de Cunha (2000); Bechara (2004) denomina de “Classe de vocábulos”, já Câmara Jr. (2005) intitula “Espécies de vocábulos”.

Qualquer que seja a nomenclatura utilizada, o estudo da divisão das palavras em classes é importante porque permite organizar nossa reflexão sobre a função que desempenham nos enunciados da língua, as milhares de palavras que constituem o nosso léxico.

Critérios de classificação das palavras

O processo de classificação, de maneira geral, deve ser realizado com base em alguns critérios. Se, por exemplo, você quisesse classificar os livros de uma biblioteca, poderia separá-los por gênero (crônica, romance, conto, etc.), ou por assunto (política, religião, literatura, etc.). Outras classificações seriam possíveis: classificar por autor, por data de publicação, etc., o importante é que o critério adotado seja funcional.

Da mesma forma, nos estudos da linguagem é comum classificar as palavras em classes a partir de critérios semânticos, sintáticos e morfológicos. Dependendo da abordagem feita, pode-se utilizar apenas um critério, dois ou três critérios para agrupar as palavras numa mesma classe.

Quando se diz, por exemplo, que o substantivo é a palavra que dá nome aos seres, tomou-se por base o critério semântico (que leva em conta o sentido). Quando se diz que o artigo é a palavra que determina o substantivo, o critério adotado foi o sintático (que leva em conta a função), ou seja, definiu-se o artigo pelo papel que ele desempenha em relação ao substantivo. Quando se diz que o verbo se flexiona em tempo, modo, voz, número e pessoa, o critério adotado foi o morfológico (que leva em conta a forma).

A gramática tradicional, ao tratar da definição das classes de palavras, privilegia o critério semântico, embora utilize todos os critérios, o que suscita muitas críticas, especialmente entre os linguistas modernos.

O que dizem os linguístas?

Segundo Basílio (2005, p. 21), “Os estruturalistas usam sobretudo o critério sintático para definir classes de palavras [...]. Há também propostas estruturalistas de classificação apenas morfológica de classes de palavras [...]. As gramáticas escolares muitas vezes definem classes por critério exclusiva ou primordialmente semântico [...] A adoção de um critério exclusivamente sintático para o estabelecimento de classes de palavras nas abordagens gerativas reflete o fato de se tratar fundamentalmente de uma teoria da sintaxe...”

Fica a questão: Que critério ou critérios usar para classificar as palavras? Basílio (2003, p. 54) afirma que “Em princípio, um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classe deve ser estabelecida em termos morfológicos, semânticos e sintáticos”.

Entendemos que qualquer ou quaisquer que seja ou sejam o critério ou os critérios utilizado(s) o importante é que seja funcional, ou seja, que dê conta da descrição gramatical.

Considerações sobre os critérios de classificação de palavras

O critério semântico

Segundo Basílio (2003, p. 56), “... as classes de palavras são definidas pelo critério semântico quando estabelecemos tipos de significados, como base para a atribuição de palavras em classes”.

Vamos analisar uma definição de substantivo, sob uma perspectiva semântica retirada de Bechara (2004, p. 12):

“Substantivo é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos de objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação)”.

Esta classificação do substantivo feita a partir de um critério semântico suscita questionamentos. No parecer de Monteiro (2002, p. 226), “é preciso antes ser possível identificar o ser para considerar como

substantivo a palavra que o representa. Mas além de filosófica, a questão do conhecimento do ser é problemática para o caso, uma vez que, por um lado, muitos nomes não designam seres (justiça, fé, doença, trovão, embarque, ideia, etc.) e, por outro lado, qualquer vocábulo ou expressão assume com facilidade a função de substantivo (o sim, o viver, o aqui-e-agora, etc.)”.

O parecer de Monteiro (2002) nos leva à seguinte questão: como chamar de substantivo uma palavra cujo significado desconhecemos?

A definição de substantivo pelo critério exclusivamente semântico não nos mostra como o substantivo se comporta do ponto de vista morfológico e sintático, o que é necessário para termos uma noção precisa de quais palavras devem ser colocadas nessa classe gramatical.

Observamos agora uma definição de adjetivo a partir de um critério exclusivamente semântico: “Adjetivo é a palavra que associada ao substantivo, atribui-lhe uma característica, uma qualidade ou um estado” (FERREIRA, 2005, p. 220).

A expressão “indica qualidade do substantivo” já evidencia a fragilidade da definição, pois, segundo Monteiro (2002, p. 227), “Nem todos os adjetivos expressam qualidade. Em homem solteiro, água quente e corpo morto, os adjetivos não traduzirão qualidade, a não ser que antes se determinasse esse conceito, o que já não é assunto gramatical. Por isso, alguns autores discriminam outras noções, tais como a de estado, defeito, condição etc. Todavia, é inútil acrescentar essas noções porque o adjetivo não se caracteriza pelo sentido, sendo na realidade, uma função. Não interessa muito o significado que a palavra tem para o caso. Ele pode indicar qualidade e funcionar como substantivo (beleza, o belo) ou então como adjetivo (belo quadro). Inversamente, às vezes, não expressa qualidade e tem a função de adjetivo.”

Uma definição apenas sob o critério semântico para o adjetivo não satisfaz dada a sua “vocalização sintática”, e, por isso, a definição sintática é de suma importância para enquadrá-lo nesta classe.

Concluimos assim, que o critério semântico é importante para a definição das classes de palavras, mas não é suficiente para fazer uma descrição gramatical completa.

O critério sintático

Dizemos que uma classe de palavras é definida pelo critério sintático quando leva-se em consideração o papel que desempenham em relação ao contexto em que estão inseridas.

O substantivo, por exemplo, do ponto de vista sintático, pode funcionar como núcleo do sintagma nominal, é palavra que pode ser determinada por outras (artigos, pronomes, adjetivos e numerais), que com ele deverão concordar.

Para entender melhor, leia esse trecho de texto:

“Uns gostam de gatinhos. Outros de gatos. Nos Estados Unidos os loucos por um felino estão criando no quintal de casa cerca de 400 tigres, alguns para revenda, muitos na qualidade de bicho de estimação”.

Veja, Ed. 1.697, 25 de abril de 2009.

No texto, **loucos** funciona como substantivo, uma vez que é palavra determinada por artigo: “Nos Estados Unidos, **os loucos** por um felino...” Caso essa palavra fosse empregada como adjetivo, seria palavra determinante, não admitindo, portanto, a anteposição do artigo. Note-se, assim, que uma definição de substantivo sob o critério sintático é necessária, no entanto, não é completa.

Basílio (2004, p. 53), afirma que “A classe dos verbos é bastante difícil de definir em termos sintáticos, dado que o predicado pode não ser verbal”.

O adjetivo é uma das classes mais fáceis de enquadrar no critério sintático devido à sua função natural em relação ao substantivo: determinante. Porém a definição puramente sintática dos adjetivos não é suficiente, pois não diferencia os adjetivos dos outros determinantes que também acompanham o substantivo. Segundo Basílio (2004, p. 55) “A diferença é que determinantes apontam e estabelecem relações enquanto adjetivos caracterizam ou especificam”.

Observamos assim, que o critério sintático é importante e necessário, mas não é suficiente para determinar a classe de uma palavra.

O critério morfológico

Dizemos que uma classe de palavra foi definida pelo critério morfológico quando levamos em consideração e sua forma e flexão.

Vamos analisar um conceito de substantivo analisado apenas por um critério: “São palavras que designam os seres em geral, reais e imaginários” (ABAURRE, 2008, p. 288).

Do ponto de vista semântico a definição satisfaz, mas deixa a desejar no que diz respeito ao critério sintático e morfológico, pois o substantivo admite diversas formas (gato, gata, gatos, gatas, gatinho, etc.) e diversas funções sintáticas (núcleo do sujeito, do objeto direto, do agente da passiva, etc.) e a definição acima não aborda esses critérios. Os verbos, por serem a classe que têm mais flexões: **tempo, modo, voz, número e pessoa** são mais fáceis de se definir apenas pelo critério morfológico.

Pelas observações feitas aos três critérios de classificação das palavras, percebemos que definir qualquer classe gramatical por apenas um ou dois critérios não é suficiente para realizar uma descrição gramatical completa.

Nesse sentido, Basílio (2003, p. 55) se posiciona: “Em princípio, um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classe deve ser estabelecida em termos morfológicos, semânticos e sintáticos”.

Atividade I



1. **Classifique, segundo três critérios diferentes, os seguintes números: 6, 8, 9, 12, 15, 16, 21, 28, 32, 33, 36, 63, 129, 172.**

2. **Leia a piada abaixo:**

Questão semiótica

- Você é um ladrão!

- O digníssimo colega não me falte com o decoro: “Você, não, ‘Vossa Excelência!’”

Caros Amigos. São Paulo: Casa Amarela, ano V, n. 51, jun. 2001. (Fragmento).

3. **Classifique as palavras abaixo, retiradas da piada acima, segundo dois critérios diferentes.**

Ladrão – colega – digníssimo – você.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Breve histórico da classificação das palavras



1 Proposições. No sentido filosófico, proposições são enunciados verbais que podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos. ABAURRE, Maria Luíza et. al. Português, contexto, interlocução e sentido. São Paulo: Moderna, 2008, p. 284.

A preocupação com a classificação das palavras da língua pode ser encontrado já nos filósofos gregos como Platão e Aristóteles que definem nome e verbo como as principais “partes do discurso”, por constituírem a essência das proposições¹. A partir daí, muitos estudos foram realizados. Porém, foi com Dionísio de Trácia (séc. II a.C.) que se chegou à sistematização da gramática grega. Esse filósofo dividiu as palavras em oito classes: **nome, pronome, verbo, advérbio, particípio, conjunção, preposição e artigo**.

A gramática latina mais antiga, fundamentada em descrições gramaticais do grego distinguia oito “**partes orationes**”: **nomes, pronomes, verbos, advérbios, particípios, conjunções, preposições e interjeições**.

As gramáticas latinas medievais acrescentaram nessa lista duas novas classes ao distinguir os nomes em adjetivo e substantivo e acrescentaram a classe dos numerais.

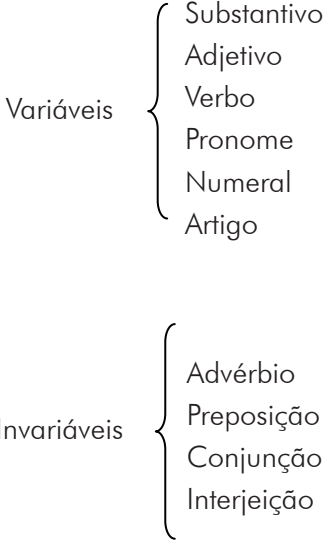
Segundo Biderman (2001, p.16) “a tradição gramatical das línguas europeias ocidentais, que se inicia na Renascença, apenas adaptou as classes identificadas no grego e no latim”. Foi o que aconteceu com as seguintes línguas: Português, espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, etc.

Ainda hoje, após tantos estudos linguísticos que vão do estruturalismo de Saussure passando pelas teorias da comunicação até os estudos mais modernos a exemplo da linguística textual, sociolinguística, análise da conversação, análise do discurso, entre outras, as classes de palavras nas gramáticas tradicionais seguem o modelo de classificação greco-latino com a divisão em dez classes a saber: **substantivo, adjetivo, artigo, pronome, verbo, numeral, preposição, conjunção, interjeição e advérbio**.

A linguística moderna faz muitas críticas a esta classificação, tendo em vista uma certa falta de vigor em sua definição e as incoerências que apresenta. Segundo Biderman (2002, p. 173) “A principal incoerência reside no fato de critérios formais (morfológicos) se somarem a critérios funcionais (sintáticos), aos quais se acrescentam os critérios semânticos”.

Monteiro (2002, p. 225), afirma “A nomenclatura gramatical brasileira (NGB), ao propor uma uniformização do ensino de língua portuguesa, ofereceu uma classificação que não resiste à menor crítica”.

Todas as gramáticas tradicionais, de acordo com a NGB, dividem as palavras em dez classes:

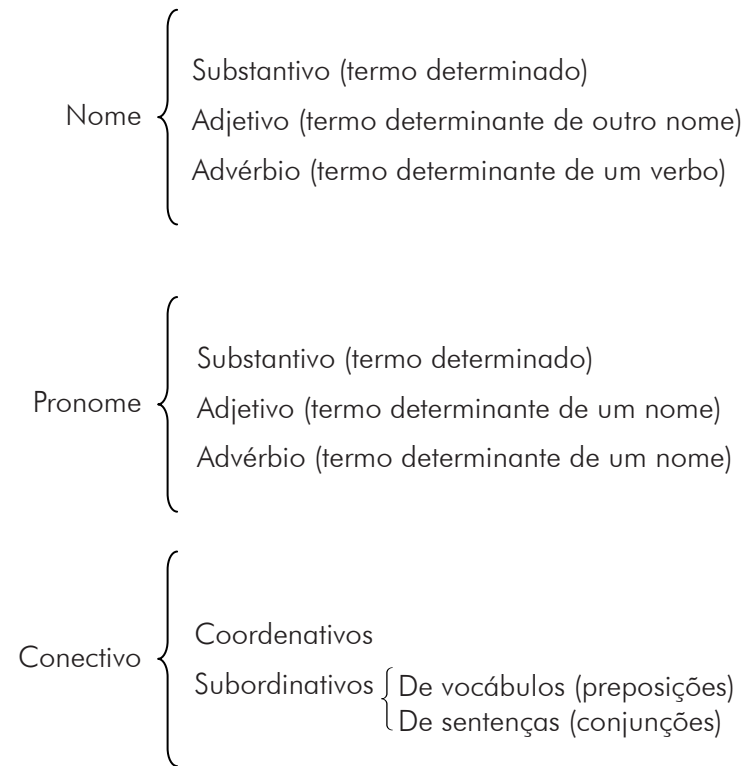


Monteiro (2002), apresenta-nos uma relação de incoerências para essa divisão da NGB.

- a) O termo “classificação das palavras” é inadequado, deveria ser “classificação dos vocábulos”, porque aí estão incluídos os artigos e os adjetivos;
- b) Enquanto algumas palavras, a exemplo de também, eis, inclusive, etc., ficaram sem classificação, criou-se uma classe só para os artigos;
- c) Considerou as interjeições como palavras, quando, na verdade, elas são frases de situação;
- d) Ao misturar critérios, criou uma classe para os substantivos e outra para os adjetivos que se opõem à dos pronomes que também podem ser adjetivos e substantivos.
- e) Criou uma classe dos numerais como se fossem diferentes dos substantivos e adjetivos;
- f) Confundiu grau com flexão (fato que, por si só já enquadra os advérbios na classe das palavras variáveis).

Há outras propostas de classificação das palavras, vejamos mais algumas.

Câmara Jr. (2005, p. 79), levando em consideração os critérios morfo-semântico e funcional, propõe a seguinte classificação:



Para o autor, do ponto de vista funcional o substantivo, o adjetivo e o advérbio não identificam classes de palavras distintas, mas funções distintas de duas classes de palavras.

Schneider (1977), baseando-se num critério morfológico e justificando não estar tratando de sintaxe nem de semântica, propõe cinco classes de palavras:

1. Nomes (englobando substantivo, adjetivo e numeral porque admitem flexão em gênero e número)
2. Pronomes
3. Verbos
4. Advérbios
5. Conectivos (englobando as palavras que não admitem flexão: preposição e conjunção)

Schneider usa o critério mórfico baseando-se no uso ou não de “sufixos” derivacionais e flexionais. Para a autora o artigo e a interjeição não são classes de vocábulos: o artigo seria um marcador de gênero e número dos nomes e a interjeição seria uma manifestação da linguagem intelectual.

Perini (1998), propõe uma classificação que ele diz ser incompleta pois este assunto ainda exige muita pesquisa para se chegar a uma classificação ideal.

1. Verbo
2. Substantivos e adjetivos
3. Pronomes (que para o autor é uma classe que tende a desaparecer e que ele assim nomeia)
 - 3.1- substantivos – 1: eu, nós, ele, isto, etc.
 - 3.2- substantivos – 2: alguém, ninguém, tudo, etc.
 - 3.3- relativos e interrogativos: que, quem, aquele, etc.
 - 3.4- pré-determinantes: todos, ambos.
 - 3.5- determinantes: o, um, algum, este, aquele, etc.
 - 3.6- possessivos: meu, seu, nosso, etc.
 - 3.7- quantificadores: muitos, vários, diversos, etc.
 - 3.8- numeradores: outro, dois e os demais cardinais.
- 4- conectivos subordinativos (preposições e conjunções relativas) coordenativos (**e** e **ou**)

Perini questiona a existência da classe dos advérbios já que estes exercem funções sintáticas diversas (negação verbal, intensificador, adjunto circunstancial, etc.), para ele esta classe está ainda muito mal estudada.

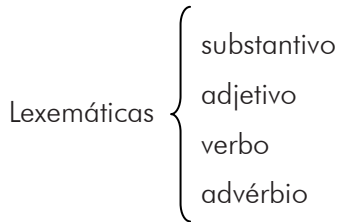
Travaglia (2003, p. 95), afirma

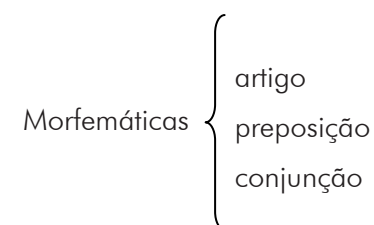
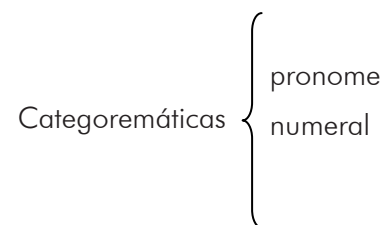
“Além dessas propostas, ainda se pode lembrar que a teoria linguística vem estabelecendo, por critérios vários, classes de palavras que nem tradicionalmente, nem em correntes formais da linguística foram consideradas”.

Estão nesse caso as classes:

- a) Dos marcadores conversacionais, a exemplo de **aí**, **então**, (típicos da língua falada).
- b) Dos operadores argumentativos – típicos do estudo sobre argumentação na língua e propostas pela semântica argumentativa.

Bechara (2004), baseando-se nos significados lexicais, categoriais e instrumentais das palavras (explicados abaixo), divide-as em:





Lexical - É o significado que corresponde ao quê da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas.

Categorial - É o que corresponde ao como da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: amor (quando empregado como substantivo), amante (quando empregado como adjetivo), amar (quando empregado como verbo), amavelmente (quando advérbio).

Instrumental - É o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas [...]. São os chamados englobadamente instrumentos gramaticais.

(BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 109-111.)

Atividade II



Leia a trova anônima abaixo e responda à questão 1.

“Não sei se é fato ou se é fita,
Não sei se é fita ou se é fato,
O fato é que ela me fita,
Me fita mesmo de fato.”

A forma fita aparece quatro vezes nessa trova. Nas quatro ocorrências as palavras pertencem à mesma classe gramatical? Explique.

2. Leia atentamente o texto abaixo para responder as questões seguintes.

Democracia

Democracia é um político burro montado num burro político. Os dois pensam (?) completamente diferente, mas acabam indo pro mesmo lugar: o preferido do burro. E não me pergunte qual deles. [...]

FERNANDES, Millôr. **Millôr definitivo: a bíblia do caos**. Porto Alegre: L e PM, 2002, p. 146.

a) A definição de democracia apresentada no texto fundamenta-se em um jogo de palavras. Como ele é construído?

b) Como devem ser entendidos, no contexto, as expressões que criam o jogo de palavras?

c) O que, do ponto de vista gramatical, determina a diferença de sentido entre as duas expressões destacadas?

d) Que outros elementos do texto reforçam essa crítica?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leituras recomendadas

Para ler

PIGNATARI, Décio. **Poesia pois é poesia**. São Paulo: Ateliê, 2004.



Décio Pignatari foi um dos líderes do Concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura do verso tradicional e explorando as palavras de forma artística. O livro **Poesia pois é poesia** é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.



Nessa obra, o autor demonstra como a combinação dos vocábulos nas diferentes estruturas linguísticas garante a construção do sentido em diferentes gêneros textuais. A partir de uma série de “brincadeiras” com as palavras, Rodolfo Ilari explicita o modo como os falantes se valem dos mecanismos da língua.



Resumo

As palavras na língua portuguesa ou em qualquer outra língua são divididas em classes segundo critérios semânticos, morfológicos ou sintáticos, ou ainda pela junção dos três critérios. Um questionamento que surge é o da nomenclatura, que varia: partes do discurso, classes de palavras, partes de oração, espécies de vocábulos, enfim, cada autor ou cada corrente linguística denomina de acordo com suas teorias. Temos três critérios de classificação das palavras: o semântico (leva em conta o sentido), o morfológico (a forma e flexão) e o sintático (baseado na função que as palavras exercem nos mais variados contextos). A preocupação com a classificação das palavras é antiga e remonta aos filósofos gregos e latinos que já faziam suas divisões. As gramáticas escolares seguem a tradição greco-latina. Os linguistas mais modernos criticam a classificação tradicional e propõem suas próprias classificações, a exemplo de Monteiro (2002), Câmara Jr. (2005), Schneider (1977), Perini (1988), entre outros.



Autoavaliação

Leia a afirmação de Basílio (2004, p. 54) e teça comentários.

Seus comentários ajudarão você a identificar os pontos positivos de sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deverá melhorar. Assim, avalie seu desempenho como aluno nesta aula.

“Em princípio, um item lexical é um complexo de propriedades morfológicas sintáticas e semânticas. Assim, sua pertinência a classes deve ser estabelecida em termos morfológicos, semânticos e sintáticos”.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, M^a Luiza (et al). **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **Teoria linguística: linguística computacional**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2002.

CÂMARA JR. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Mauro. **Novas palavras**. São Paulo: FTD, 2005.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

PERINI, Mario A. **Níveis de detalhamento da descrição gramatical: uma perspectiva pedagógica**. Campinas: IEL/UNICAMP, 1988.

SCHEINEIDER, Cristina. **Tentativa de classificação dos vocábulos segundo um critério morfológico**. Rio de Janeiro: 1977.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática, ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

VIII UNIDADE

Classes de palavras: O substantivo e o adjetivo

Apresentação

Nesta unidade você continuará estudando as classes de palavras. Tomará contato com a classe dos substantivos, elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos.

A outra classe é a dos adjetivos, palavras que cumprem a função de especificar o substantivo, caracterizando-o.

É importante que você continue atento e interagindo com o material (lembre-se de que ele foi preparado especialmente para você), buscando as relações necessárias para o atendimento do conteúdo.

Desse modo, você pode revisar as aulas anteriores e conversar com seus colegas, tutor e professores para esclarecer as dúvidas que surgirem.

Boa aula!

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Estabeleça a diferença entre substantivo e adjetivo;
- Conheça a classificação dos substantivos e dos adjetivos;
- Entenda os múltiplos sentidos que os substantivos e adjetivos podem adquirir nos vários contextos em que são empregados;
- Conheça as funções sintáticas exercidas pelos substantivos e pelos adjetivos.

O substantivo

Para iniciar nossa conversa...

Leia a tirinha abaixo:



▲ WALKER, Mort. Recruta Zero. O Estado de S. Paulo. São Paulo, 15 maio 1999.

Uma das características do personagem Recruta Zero é a preguiça. No diálogo da tira, ele procura uma desculpa para parar de trabalhar: diz que está tendo uma reação alérgica. O efeito de humor na tira é construído a partir da nomeação do resultado de um processo fisiológico – a transpiração – comum aos seres humanos.

A função de nomear existe para dar nome ao efeito da transpiração causada pelo esforço físico ou pelo calor excessivo. Inúmeros outros termos da língua têm a função de dar nomes aos seres, aos sentimentos, etc., função que caracteriza a classe de palavras denominada **substantivo**.

Bechara (2004, p. 112), define substantivo: “É a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação)”.

O autor nos apresenta uma definição de substantivo orientada apenas pelo critério semântico de classificação das palavras. Porém, esta classe gramatical também exerce funções sintáticas e tem forma e flexão. Em geral, as gramáticas tradicionais definem o substantivo baseadas apenas no critério semântico, embora explorem os critérios sintáticos e morfológicos.

Vejamos mais uma definição de substantivo baseada apenas no critério semântico. “Substantivo é a palavras que dá nome aos seres

em geral” (FERREIRA). Esta definição nos leva a pergunta: Como chamar de substantivo uma palavra que não conhecemos o significado? Por isso é necessário que saibamos como o substantivo se comporta do ponto de vista sintático e morfológico para termos uma definição realmente completa.

Macambira (1987, p. 31-35), assim se expressa a respeito da definição de substantivo:

Sob o ponto de vista mórfico: “O substantivo divide-se em quadri-forme, biforme e uniforme, segundo apresente quatro, duas ou apenas uma forma de flexão” (p. 31).

Sob o aspecto semântico: “Substantivo é a palavra que serve para designar os seres” (p. 34).

Sob o aspecto sintático: “Pertence à classe dos substantivos toda palavra que se deixar preceder por artigo ou pronome adjetivo, especialmente possessivo, demonstrativo ou indefinido” (p. 34).

Classificação dos substantivos

Abaurre (2008, p. 288) afirma “Os substantivos são classificados em relação àquilo a que fazem referência no mundo exterior (objetivo) e no mundo interior (subjetivo). Podem ser próprios ou comuns, concretos ou abstratos. Dentre os comuns, incluem-se os coletivos”.

A autora acrescenta “com relação à forma, os substantivos podem ser simples ou compostos, primitivos ou derivados” (p. 288). Esta é uma classificação comum apresentada em todas as gramáticas tradicionais e por extensão nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Bechara (2004, p. 112) faz a seguinte classificação: “Os substantivos se dividem em concretos e abstratos. Os concretos são próprios e comuns”. O autor acrescenta que os substantivos mais importantes são os antropônimos (nomes de pessoas) e os topônimos (nomes de lugares e de acidentes geográficos).

Para Bechara, há uma subclasse dos substantivos, são os **contáveis**, a exemplo de amigo, lápis, bolsa, etc., e os **não-contáveis**, a exemplo de oceano, bebida, beleza, tristeza, etc. e inclui o **substantivo coletivo** na categoria dos não-contáveis, pois estes mesmo na forma singular se referem a uma coleção ou conjunto de objetos: folhagem, arvoredos...

Bechara explica que entre os coletivos “há os universais (povo, pas-sarada, casario) e os particulares (caniçal, vinhedo, laranjal). Os coletivos universais não são contáveis, e por isso só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados” (p. 113).

Vejam os abaixo a classificação dos substantivos proposta por Ferreira (2007, p. 134):

Aspecto Analisado	Classificação
Origem	<u>Primitivo</u> – não se origina de outra palavra da língua. Exemplos: rua, cidade, máquina, fantasma. <u>Derivado</u> – origina-se de outra palavra. Exemplos: lapiseira, bondade, negociação.
Forma	<u>Simples</u> – constituído por uma única palavra. Exemplos: planta, menino, lapiseira, coragem. <u>Composto</u> – constituído por mais de uma palavra. Exemplos: mula-sem-cabeça, passatempo, lobisomem.
Designação (geral ou específica)	<u>Comum</u> – nomeia, genericamente, todos os elementos de uma mesma espécie. Exemplos: cidade, árvore, lapiseira, professor. <u>Próprio</u> – dá nome a um único ser de uma espécie. Exemplos: Brasília, Fernanda, Marte, Corinthians.
Tipo do ser nomeado	<u>Concreto</u> – nomeia seres de existência própria (real ou imaginária). Exemplos: lapiseira, Brasília, Deus, bruxa, alma. <u>Abstrato</u> – dá nome a sentimentos (ódio, solidão), qualidades/defeitos (beleza, falsidade, rapidez), sensações (frio, dor), ações (vingança, crítica, choro) e estados (vida, viuvez, morte).

Relações morfossintáticas do substantivo

O substantivo pode participar da constituição sintática de qualquer termo (sujeito, objeto, agente da passiva, adjunto adverbial, adjunto adnominal, predicativo, complemento nominal e vocativo) e desempenha sempre o papel de núcleo do grupo sintático.

Para exemplificar essas funções, tomemos a palavra **criança** como exemplo.

- Sujeito: A **criança** é a esperança do país.
- Objeto direto: Chamei a **criança**.
- Objeto indireto: Dei o presente à **criança**.
- Predicativo do sujeito: Você parece **criança**.
- Predicativo do objeto: Considero você uma **criança**.
- Complemento nominal: O medo da **criança** é justificável.
- Adjunto adnominal: Isto é brincadeira de **criança**.

- Adjunto adverbial: Saí com a **criança**.
- Agente da passiva: Meu coração foi conquistado por aquela **criança**.
- Vocativo: **Criança**, não seja teimosa!

Observe que o substantivo núcleo (criança) é a palavra mais importante; a ela agregam-se palavras secundárias (menos importantes).



Atividade I

* *que leem a sua* *

*Já existem *, * e * que sabem o que você
está pensando. E eles vão deixar
sua * mais mansa.*

Imagine se os *, de tão inteligentes, conseguissem adivinhar o que você está sentindo. Bateu uma *, ou vontade de ir ao *? O * sabe, e indica a * mais próxima. Ficou atolado de *? O * corta automaticamente as * instantâneas e * menos importantes, que vão direto para a *. Está se divertindo com um *? O * ajusta sozinho o * de dificuldade – de acordo com o seu * de estresse. Vai ouvir *? O * avalia o seu * de espírito e sugere as * mais apropriadas. O * dessa * é “* estendida”: as * medem as suas *e se adaptam a elas, de acordo com o que você está pensando ou sentindo. Com ela, cada * vira sua * gêmea digital. “Num * próximo, o seu * vai adivinhar o que você quer fazer e aí mostrar * que ajudem naquele *”, diz o * Dylan Schmorrow, que desenvolve * assim para o Departamento de Defesa dos EUA. Além dos * americanos, várias * de *, da Microsoft a fabricantes de * e *, já estão desenvolvendo essas *. Quando eles chegarem, as * finalmente vão assumir o * de sua *. E você vai achar isso ótimo.

GARATTONI, Bruno. *Revista Superinteressante*. São Paulo: Abril, n. 236, p. 28-9, fev. 2007.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

1. Várias palavras foram retiradas do texto acima. Elas pertencem todas a uma mesma classe gramatical. Com base nessa informação, responda: é possível compreender o texto? Por quê?

a) Há algo no texto que ajude a identificar o assunto tratado? Justifique.

b) Que função as palavras retiradas do texto desempenham?

2. Dylan Schmorrow, Departamento de Defesa dos Estados Unidos e Microsoft pertencem a uma subclasse da classe gramatical á qual pertencem as palavras retiradas do texto. Que subclasse é essa?

a) Em que subclasse estão as palavras eliminadas? Por quê?

Leia atentamente a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.



▲ LAERTE. Piratas do Tietê. Folha de S.Paulo. São Paulo, 3 set. 2004.

3. A tira acima apresenta os princípios em que se baseia a luta do “Partido dos pequenos e médios heróis”. Para apresentá-los, a personagem utiliza um determinado tipo de substantivos. Identifique-os e diga como são classificados.

a) Explique, com base no que aprendeu nesta unidade, a classificação desses substantivos.

4. O efeito de humor da tira é construído, em parte, pela explicação da personagem sobre a necessidade de a luta se basear nos três pontos apresentados. Explique por quê.

a) De que maneira o efeito dessa explicação sobre os demais heróis contribui para intensificar o efeito de humor?



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Observe atentamente a tira a seguir para responder às questões 5 e 6.



▲ GALHARDO, Caco. Os pescoçudos. Folha de S.Paulo. São Paulo, 14 fev. 1997.

5. A tira acima ilustra uma situação comum na vida da maior parte dos indivíduos. Qual é ela?

a) Que elementos da tira comprovam sua resposta?

6. O uso dos substantivos trabalho e férias, associado à repetição de um deles, contribui para a construção do sentido da tira. Explique por quê.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Adjetivo

Vamos entender o que é um adjetivo?

Para isso leia o poema abaixo:



As borboletas

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na luz
As belas
Borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam de luz.

As amarelinhas
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...
Oh, que escuridão.

MORAIS, Vinícius. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1968, p. 386.

Observe que, para construir o poema e dizer tantas coisas, o poeta usou uma estrutura simples de frases e explorou, de maneira magistral, as palavras que caracterizam as borboletas (indicando características de sua forma exterior) brancas, amarelas, francas, azuis...

As palavras que servem para caracterizar o substantivo borboletas pertencem à classe dos adjetivos.

Conceituando

Segundo Abaurre (2008, p. 307) “Adjetivos são palavras que especificam o substantivo, caracterizando-o. Essa especificação pode referir-se a uma qualidade (profissional **honesto**), a um estado (carro **amassado**), a um aspecto ou aparência (mar **azul**), a um modo de ser particular (criança **mimada**)”.

A autora acrescenta que os adjetivos também estabelecem com o substantivo relações de tempo, de espaço, de finalidade, de procedência, etc., e explica que “os adjetivos que cumprem essa função são denominados adjetivos de relação”.

Ex: Aula semanal (tempo)

bairro americano (espaço)

azeite português (procedência)

pronto-socorro cardiológico (finalidade)

Substantivo x Adjetivo

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto.

Nesse sentido, Câmara Jr. (2005, p. 87) se posiciona “Já sabemos que os nomes portugueses se dividem, do ponto de vista funcional em substantivos e adjetivos. Em princípio, não há entre as duas subdivisões uma distinção de forma. Muitos podem ser, conforme o contexto, substantivos ou adjetivos, ou seja, funcionar numa expressão como determinante respectivamente”.

Para exemplificar a afirmação acima, veja os exemplos abaixo:

O **jovem** brasileiro tornou-se participativo.

O brasileiro **jovem** enfrenta dificuldades profissionais.

Na primeira frase, **jovem** é substantivo, e **brasileiro** é adjetivo. Na segunda, invertem-se os papéis: **brasileiro** é substantivo e **jovem** passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

<http://downloads.open4group.com/wallpapers/borboletas-desenho-3b8cf.jpg>

Locução adjetiva

Compare os destaques nestas duas frases:

1. Ela tem um imenso amor **materno**.
2. Ela tem um imenso amor **de mãe**.

Na frase 1, “materno” é um adjetivo e caracteriza **amor**. Na frase 2, “de mãe”, também caracteriza o substantivo **amor**, e exerce o mesmo papel do adjetivo. A esse tipo de expressão chamamos “locução adjetiva”.

Ex: De pai – paterno

De mestre – magistral

Observações:

- a) Às vezes, uma locução adjetiva tem o adjetivo equivalente, mas os significados de ambos não são equivalentes. Quando se diz, por exemplo, “Aquele vereador tem atitudes **infantis**”, o adjetivo, nesse caso, não significa “da infância”, e sim que as atitudes do vereador são ingênuas, simplórias, sem profundidade.
- b) Nem sempre a locução adjetiva tem o adjetivo equivalente. Veja:

Árvore com frutos – árvore frutífera

Árvore sem folhas – árvore?

Classificação dos adjetivos

A classificação dos adjetivos que as gramáticas tradicionais, em geral, apresentam é igual ou semelhante à apresentada por Abaurre (2008).

- 1. Os adjetivos simples** – são os que são formados por um só radical: triste, brasileiro, alegre, etc.
- 2. Os adjetivos compostos** – são os que são formados por mais de um radical: verde-escuro, socioeconômico, luso-brasileiro, etc.
- 3. Adjetivos primitivos** – são constituídos por um radical que não sofre o acréscimo de sufixos derivacionais. Ex: azul, feliz, verde.
- 4. Adjetivos derivados** – são aqueles formados a partir de outros radicais por meio do acréscimo de sufixos derivacionais: infeliz, azulado, esverdeado...

Funções sintáticas do adjetivo

Do ponto de vista das funções sintáticas que desempenham nas orações, o adjetivo pode ser:

- a) Adjunto adnominal – Por trás de um **grande** homem existe sempre uma **grande** mulher.
- b) Predicativo do sujeito – Aquela aluna é **excelente**.
- c) Predicativo do objeto – O júri considerou o réu **inocente**.

Há ainda os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades que são conhecidos como **adjetivos pátrios**. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas.

Exemplo: Brasil – brasileiro

Goiás – goiano

Havana – havanês

El Salvador – salvadorenho

Atividade II



A tira abaixo serve de base para as questões 1 e 2.



▲ ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. Folha de S.Paulo. São Paulo, 9 abr. 2008.

1 - O autor da tira apresenta, para o leitor, uma série de pessoas. O que chama a atenção na caracterização que faz dessas pessoas?

a) A expressão **freak show**, em inglês, significa “show de aberrações”. Por que o autor escolheu essa expressão para dar título a essa galeria de personagens?

2 - Identifique, na caracterização de cada uma das pessoas, o termo que expressa um juízo de valor sobre elas.

a) Como se classificam tais termos?

b) Explique por que o uso desses termos contribui para a construção de um olhar crítico manifestado pelo autor da tira.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leia o texto a seguir para responder as questões 3 e 4.

Para entender a nova oposição

À primeira vista soa algo dúbia — para não dizer cínica — essa mania dos partidos que perderam a eleição de adjetivar o tipo de oposição que pretendem fazer ao governo Luiz Inácio Lula da Silva.

Uns se dizem “fiscalizadores”, outros se querem “independentes”, e ainda há os que se qualificam como “propositivos”. Todos, evidentemente, dispostos a cumprir o pressuposto da garantia à governabilidade, conceito que a tudo serve e a qualquer tipo de intenção se presta — das condignas às inconfessáveis.

E por que nenhum desses partidos declara-se como oposição pura e substantiva? [...]

KRAMER, Dora. Coisas da política. *Jornal do Brasil*, 5 nov. 2002. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2002. (Fragmento).

3. O texto faz uma crítica ao tipo de oposição que alguns partidos decidiram fazer ao presidente eleito em 2002. Que termo foi utilizado pela autora para identificar essa atitude dos partidos?

a) Qual o significado desse termo no texto? Justifique.

4. No último parágrafo, Dora Kramer utiliza o adjetivo **substantiva** para qualificar o tipo de oposição que deveria ser feita ao Governo. No contexto, qual o sentido desse termo?

b) Por que, considerando as noções associadas a substantivos e adjetivos, a autora utilizou os termos **adjetivar** e **substantiva** em seu texto?

Para você complementar seus estudos sobre substantivo e adjetivo, sugerimos uma pequena bibliografia. Consulte-a sempre que for necessário.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

INFANTE, Ulisses. **Gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2005.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.

Leituras recomendadas

Para ouvir

TITÃS. **Nome dos bois**. In Titãs 84-94 Dois (CD), Warner – Wea. 1994.



A letra da música “Nome dos bois” é mais que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio

Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Para ler

RAMOS, Ricardo. **Circuito fechado**. Rio de Janeiro: Martins, 1972.



É fácil de perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano

Ramos, autor de Vidas Secas, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

GULLAR, Ferreira. **Muitas vozes**. São Paulo: José Olympio Editora, 2000.



Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de Luta corporal e Poema sujo, obras-primas da poesia brasileira, reuniu 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo:

as “muitas vozes” a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes cheias de adjetivos bem colocados, vozes que aparecem na construção de cada poema.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!



Resumo

O substantivo é a classe gramatical que nomeia os seres. São classificados em primitivos ou derivados, simples ou compostos, próprios ou comuns, concretos, abstratos e coletivos. Exercem as funções sintáticas de: sujeito, objeto (direto e indireto), complemento nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, agente da passiva e vocativo. O adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, a locução adjetiva é uma expressão (geralmente formada por preposição + substantivo ou preposição + advérbios) com valor e função de adjetivo. Os adjetivos são classificados como simples, compostos, primitivos e derivados. Há ainda os adjetivos que se referem a nacionalidades, são os adjetivos pátrios. O adjetivo exerce as funções sintáticas de: adjunto adnominal, predicativo do sujeito e do objeto.



Autoavaliação

Leia a afirmação a seguir e faça comentários.

Seus comentários ajudarão você a identificar os pontos positivos de sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deve melhorar. Assim, avalie seu desempenho como aluno nesta unidade.

“Já sabemos que os nomes portugueses se dividem, do ponto de vista funcional em substantivos e adjetivos. Em princípio, não há entre as duas subdivisões uma distinção de forma” (CÂMARA Jr, 2005, p. 87).



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAURRE, Maria Luíza et al. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

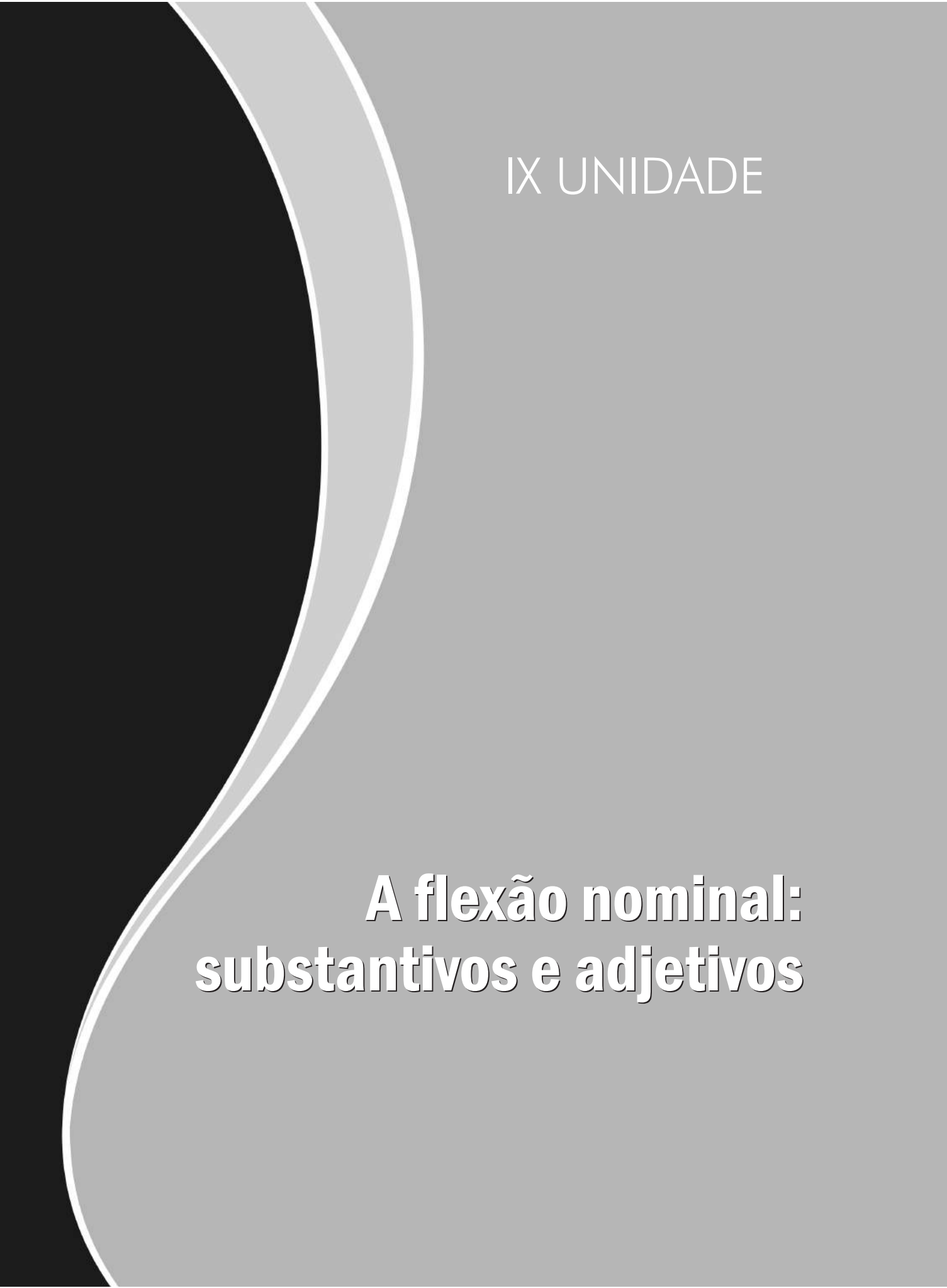
BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 37.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.

INFANTE, Ulisses. **Gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2005.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfossintática do português**. São Paulo: Pioneira, 1987.



IX UNIDADE

A flexão nominal: substantivos e adjetivos

Apresentação

Quando falamos ou escrevemos, temos necessidade de modificar os substantivos e os adjetivos para exprimir tamanho, intensidade, feminino, masculino, singular ou plural. Essas variações são denominadas de flexões.

Nesta unidade, vamos estudar as flexões dos substantivos e dos adjetivos. Vamos observar o que dizem nossas gramáticas escolares sobre o assunto e os efeitos de sentido que essas flexões provocam quando falamos e escrevemos.

A compreensão desse assunto decorre das discussões que vivenciamos nas unidades anteriores. Assim, será importante você revisar substantivos e adjetivos na unidade oito, na qual se definem e classificam essas classes gramaticais.

Cabe lembrar, que a aprendizagem desse conteúdo vai exigir que continue realizando todas as atividades e estabeleça as relações de interação com os colegas, os tutores e os professores, para tirar dúvidas e buscar os esclarecimentos necessários.

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Compreenda a flexão dos substantivos e dos adjetivos apresentada pelas gramáticas tradicionais;
- Entenda os efeitos de sentidos que as flexões dos adjetivos e substantivos provocam na leitura e escrita de textos.

A Flexão dos substantivos

Para entender as flexões dos substantivos, leia a tira abaixo:



▲ LAERTE. Piratas do Tietê. Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 mar. 1999.

Na tira, Deus afirma que vai “acabar com a discussão sobre o sexo dos anjos” e determina que daquele momento em diante “anjo tem sexo.” Essas duas falas levam a concluir que a expressão sexo dos anjos está sendo usada em sentido literal e significa discutir se anjos são seres do sexo masculino ou feminino.

Para continuar nosso estudo, leia esta outra tirinha:



▲ LAERTE. Deus 2: a graça continua. São Paulo: Olho d'Água, 2002. p. 9.

As duas tiras tratam da mesma questão: personagens pedindo a Deus que determine o sexo a que pertencem.

O modo como o ser humano refere-se à identificação dos seres é diferente linguisticamente da forma que Deus usou na primeira tira para diferenciar o sexo dos anjos. O ser humano pergunta se ele é macho ou fêmea. Nesse caso, a definição de sexo está associada a palavras que identificam a diferença entre os seres masculinos (macho) e femininos (fêmea). Na primeira tira, a diferenciação é feita por meio do acréscimo de um sufixo **(-a)** ao radical **(anj-)** para identificar o feminino.

Esta análise nos mostra que existem na língua diferentes recursos para marcar a diferença de gênero (masculino e feminino). Quando

essa marcação ocorre por meio de acréscimo de um sufixo indicativo de feminino **(-a)**, ele exemplifica a flexão de gênero. Há também, as flexões de número, o substantivo pode estar no **singular** (quando se refere a um único ser) ou **plural** (quando se refere a mais de um ser). Os substantivos podem variar ainda segundo as formas em que se apresentam, podendo ser usados com sua significação **normal** (no “grau normal”), **diminuída** (no “grau diminutivo”), **aumentada** (no “grau aumentativo”).

Vamos estudar essas flexões?

A flexão dos substantivos

A flexão de gênero dos substantivos

Segundo Bechara (2004, p. 131), “A nossa língua conhece dois gêneros: o **masculino** e o **feminino**. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**: o linho, o sol, o filho, o beijo. São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**: a flor, a casa, a mosca, a nuvem, a mãe.”

É importante ressaltar que o gênero é uma categoria essencialmente linguística, isso significa que, em alguns casos pode haver correspondência entre o gênero do substantivo e o sexo a ser nomeado (a exemplo dos substantivos que designam pessoas e animais), mas, mesmo assim, em alguns casos isto não acontece, **criança**, por exemplo, é um substantivo do gênero feminino e é forma linguística para indicar seres humanos sejam masculinos ou femininos. Dessa forma, o gênero do substantivo é mera convenção.

Formação do feminino

Ferreira (2007, p. 140), apresenta-nos um resumo da formação do feminino.

Terminação do masculino	Alteração para formar o feminino	Exemplos
O	- o + a	Menino - menina
E	- e + a	Mestre – mestra
Consoante	+ a	Cantor – cantora
Ão	- ão + oa - ão + ã - ão + ona	Leão – leoa Cidadão – cidadã Valentão – valentona

Apesar de haver tantos critérios de formação do feminino, é comum encontrar muitos substantivos que fogem a essas regras:

Galo/galinha; genro/nora; ator/atriz

As gramáticas tradicionais acrescentam ainda alguns conceitos complementares sobre gênero do substantivo quando estes são uniformes:

a) Comum de dois gêneros - a distinção de gênero é marcada por determinantes.

○ estudante/a estudante; Este algoz/esta algoz

b) Sobrecomuns – a distinção de gênero é feita no contexto em que se insere a palavra.

A criança; ○ cadáver

c) Epícenos – a distinção de gênero é marcada pelas palavras macho e fêmea.

Jacaré macho/jacaré fêmea

A flexão de número dos substantivos

Para Ferreira (2007, p. 141-142), “Número do substantivo é a flexão que exprime a quantidade de seres que a palavra nomeia, podendo ser singular ou plural.”

Vamos conhecer algumas regras para a formação do plural

As gramáticas tradicionais apresentam regras variadas para a formação do plural.

○ quadro abaixo retirado de Ferreira (2007, p. 142), apresenta os casos mais gerais.

Substantivo terminado em	Faz o plural assim	Exemplos
vogal ou ditongo	+ s	casa – casas pônei – pôneis
Ão	+ s - ão + ões - ão + ães	cidadão – cidadãos ilusão – ilusões pão - pães

Riz	+ es	flor – flores juiz – juízes
M	- m + ns	jovem – jovens
S	+ es (em oxítonas e em monossílabas) invariável nos demais casos	freguês – fregueses rês – reses pires – pires
al el ol ul	- e + is	canal – canais túnel – túneis anzol – anzóis Paul - paus
Il	- e + s (em oxítonas) - il + eis (em paroxítonas)	barril – barris réptil – répteis
X	não muda	tórax – tórax
N	+ s	hífen - hifens

Observações:

a) Plural com metafonía – há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonía, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma singular (ô) e aberto na forma plural (ó).

Posto/postos; socorro/socorros

b) Palavras que só se usam no plural.

Os óculos - as núpcias - os arredores

Plural dos substantivos compostos

Abaurre (2008, p. 299), explica “É preciso atenção ao plural dos substantivos compostos. Se as palavras que formam o substantivo composto não são ligadas por hífen, somente o segundo radical vai para o plural: aguardentes, clarabóias.”

Se são ligadas por hífen, a autora apresenta três possibilidades de plural:

- a) Apenas o primeiro radical vai para o plural – quando há uma preposição ligando os radicais e quando o segundo de dois substantivos funciona como especificador do primeiro, indicando finalidade ou tipo.

Pés-de-moleque/navios-escola/salários-família

- b) Apenas o segundo radical vai para o plural quando o primeiro radical é um verbo ou palavra invariável.

Guarda-chuvas/sempré-vivas/vice-diretores.

- c) Ambos os radicais vão para o plural nos compostos formados por palavras variáveis (substantivos + substantivo, substantivo + adjetivo, adjetivo + substantivo).

Tubarões-martelos/cartões-postais/puros-sangues

A flexão de grau dos substantivos

Os substantivos também se flexionam em grau, expressando dimensões grandes- **aumentativo** ou pequenas- **diminutivo**.

Os graus são expressos por meio de diferentes processos: **Sintético** (uso de sufixos) e **analítico** (emprego das palavras grande e pequeno ou de sentido equivalente) junto com o substantivo.

O grau aumentativo e o diminutivo, muitas vezes, não são usados para indicar tamanho e sim outros efeitos de sentido como: ironia, ridicularização, desprezo, carinho ou afeto.

Leia a tirinha abaixo:



Fernando Gonsales. *Níquel Náusea*. Folha de S. Paulo, 18/7/2004.

Observe que a palavra **minutinho** sugere que a personagem não vai demorar muito para se aprontar. O diminutivo é, nesse caso, um eufemismo, ou seja, expressão minimizadora de uma ideia.

Atividade I



Leia esta opinião do escritor Millôr Fernandes a respeito de um aspecto da língua portuguesa:

“Língua torta: portão menor que porta”

1. Baseando-se nas formas portão e porta e no conceito de grau do substantivo, segundo nossas gramáticas, explique o que o escritor quis dizer com essa frase.
2. Os substantivos podem também apresentar variação de gênero. Observe como o poeta Murilo Mendes brinca com o masculino e o feminino dos substantivos no poema a seguir.

Macho & Fêmea

- ☐ leão a leonesa
- ☐ tigre a tigresa
- ☐ piano a pianesa
- ☐ martelo a martelesa
- ☐ turco a turquesa
- ☐ clavicórdio a clavicordesa
- ☐ serrote a serrotesa
- ☐ bordel a bordelesa
- ☐ avião a avionesa
- ☐ radar a radaresa
- ☐ bonde a bondesa
- ☐ veronês a veronesa
- ☐ pavês a pavesa
- ☐ touro a touresa.

- ☐ pavão a pavana
- ☐ P paxá a pachorra
- ☐ rei-cláudio a rainha-cláudia
- ☐ macho e a macha

Murilo Mendes. In **Poesia completa e prosa**.

© by Maria da Saudade Cortesão Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

- a) Por que as flexões de gênero apresentadas no poema causam humor?
- b) Alguns dos substantivos do poema aceitam a flexão para o feminino, mas não aquela apresentada pelo eu lírico. Transcreva três desses substantivos e indique a forma correta do feminino.
- c) Transcreva do poema três exemplos de substantivos que não têm flexão de gênero.
- d) O sufixo **esa**, empregado várias vezes no poema, assim, como os sufixos **essa** e **isa** fazem o feminino de substantivos que indicam títulos de nobreza, cargos e funções. Indique as formas femininas dos seguintes substantivos.

Barão – duque – visconde – poeta – cônsul – sacerdote – profeta

- e) Padre Antônio Vieira foi um escritor que viveu no Brasil, no século XVI, época em que nosso país era colônia de Portugal. Em um de seus sermões, criticando representantes da administração portuguesa no Brasil, ele diz o seguinte:

“Perde-se o Brasil, Senhor, porque alguns ministros de Sua Majestade, não vêm buscar o nosso **bem**, vêm buscar nossos **bens**”.

A expressividade desse texto apoia-se na oposição entre a flexão de número dos substantivos **bem** e **bens**. Baseando-se na diferença existente entre os nomes destacados, explique a crítica contida nesse trecho.

A flexão dos adjetivos

Para entender a flexão dos adjetivos, observe o diálogo do cartum abaixo:



◀ MAITENA. Superadas. Folha de S.Paulo. São Paulo, 3 abr. 2005.

No cartum, vemos um homem com um semblante preocupado e, segundo as explicações dadas pela mulher, a preocupação é porque ele se apaixonou por uma mulher “belíssima” e descobriu algo “terrível” a seu respeito: ela é inteligente.

O adjetivo **lindíssima** é utilizado para descrever a aparência física da mulher por quem o homem se apaixonou. A escolha desse adjetivo foi feita para informar aos leitores que não se tratava de uma bela mulher: ela era **muito linda**. A intensificação, nesse caso, foi obtida pela flexão de grau do adjetivo linda.

Os adjetivos sofrem flexão **de gênero, número e grau**.

A flexão de gênero dos adjetivos

Para Abaurre (2008, p. 312) “Morfologicamente os adjetivos não têm gênero definido. Eles assumem o gênero dos substantivos que modificam”.

Bechara (2004, p. 146) explica: “O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Conhece assim, os gêneros masculinos e femininos”.

É consenso em todas as gramáticas tradicionais, a exemplo de Sarmento (2005) que os adjetivos classificam-se quanto ao gênero em: **uniformes e biformes**.

São **uniformes** os que têm apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Temos como exemplos:

Homem gentil / mulher gentil

Ator versátil / atriz versátil

São **biformes** os que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino.

Veja os exemplos:

Homem trabalhador / mulher trabalhadora

Ator sincero / atriz sincera

Leia algumas observações que Bechara (2004) faz sobre a flexão de gênero dos adjetivos biformes:

Os terminados em **-ês, -or, e -u** acrescentam no feminino um **a**, na maioria das vezes.

Chinês / chinesa

Peru / perua

Professor / professora

Exceções: hindu, cortês, pior, incolor, etc.

Os terminados em **-eu** passam no feminino, a **-éia**.

Europeu / européia

Ateu / ateia

Exceções: judeu/judia, réu/ré, tabaréu/tabaroa, sandeu/sandia

Alguns adjetivos apresentam o timbre da vogal tônica aberta **/o/** no feminino e fechada no masculino.

Laborioso (ô) – laboriosa (ó)

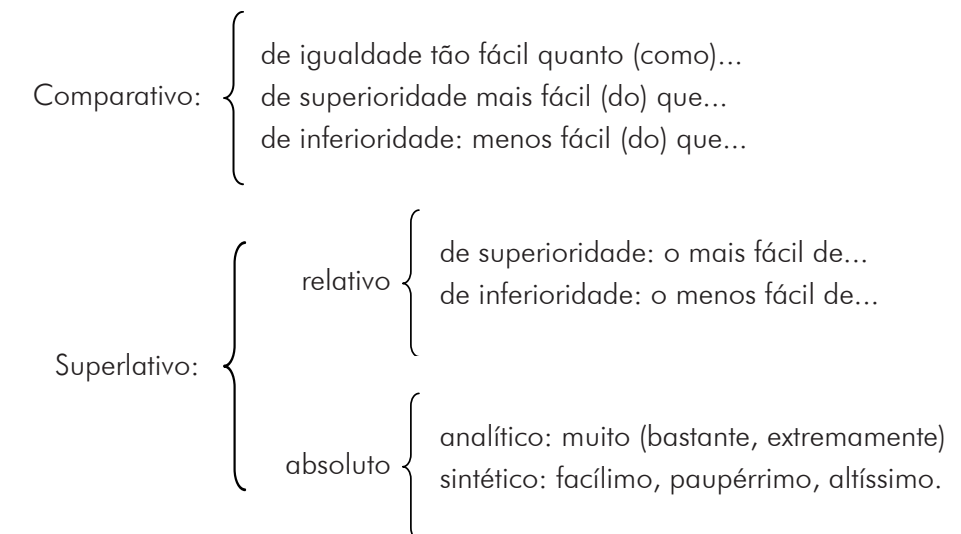
Famoso (ô) – famosa (ó)

A flexão de grau dos adjetivos

Grau é uma categoria gramatical que nos adjetivos exprime quantidade e intensidade.

Os graus dos adjetivos são **o comparativo** (quando se comparam dois elementos) e **o superlativo** (quando se destaca determinada caracte-

terística em relação a uma pessoa ou a um grupo). Veja o esquema abaixo relativo ao grau dos adjetivos:



Importante!

Ferreira (2005), explica que no estudo dos graus do adjetivo, não se deve dar ênfase à nomenclatura, já que funcionalmente, pouca utilidade ela tem. Deve-se enfatizar, principalmente, as diferenças de sentido que as flexões de grau provocam nos contextos em que são empregadas. Por exemplo, “as diferenças de sentido existentes entre expressões adjetivas em que duas comparações apenas aparentemente se equivalem. Apresentar pares como este ‘Nossa loja vende mais barato que a concorrência’/ ‘Nossa loja vende menos caro que a concorrência’ e levar os alunos à conclusão de que nenhuma loja usaria, em uma campanha publicitária, a frase do segundo par” (p. 40).

A flexão de número dos adjetivos

O adjetivo, segundo Bechara (2004, p. 145) “acompanha o número do substantivo a que se refere: aluno estudioso, alunos estudiosos. [...] Conhece os dois números: o singular e o plural [...] Alguns poucos se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: simples, isósceles...”

O adjetivo concorda em número com o substantivo por ele modificado, flexionando-se em singular e plural. Segue, de modo geral, as mesmas regras que o substantivo.

Veja estes exemplos:

A garota elegante. / as garotas elegantes.

O filme japonês. / os filmes japoneses.

Assim como os substantivos, os adjetivos também podem ser formados por um único elemento (adjetivo simples) ou por mais de um elemento (adjetivo composto).

A formação do adjetivo composto é bastante simples. Ferreira (2008, p. 172) nos apresenta algumas regras:

Se o adjetivo composto for formado por dois adjetivos, somente o último elemento varia:

Ex: Casa azul-clara. / casas azul-claras.

Acordo ítalo-brasileiro. / acordos ítalo-brasileiros.

Exceções:

Azul-marinho e azul celeste são invariáveis.

Surdo-mudo quando empregados como adjetivo flexionam-se as duas palavras em gênero e número.

Se o adjetivo composto é formado por adjetivo e substantivo e refere-se a cores, permanece invariável:

Ex: Roupa verde-cana. / roupas verde-cana.

Tecido amarelo-ouro. / tecidos amarelo-ouro.

Nas locuções adjetivas formadas pelas expressões **cor de** e **da cor de**, os elementos ficam invariáveis.

Ex: Sandália cor-de-rosa. / sandálias cor-de-rosa.

Almofada da cor de morango. / almofadas da cor de morango.

Atividade II



Leia a tirinha abaixo para responder à questão 01:



1) Na tira acima, a aranha apresenta-se a partir de um superlativo. Transcreva-o.

a) Explique o sentido dessa expressão, identificando que tipo de superlativo é esse.

b) O que, na tira, indica ser essa uma caracterização inadequada?

2) Leia o texto:

A pedra

A pedra é bela, opaca,

peso-a gostosamente como um pão.

É escura, baça, terrosa, avermelhada,

polvilhada de cinza.

Contemplo-a: é evidente, impenetrável,
preciosa.

ROSA, Antônio Ramos. **A palavra e o lugar**. Lisboa: Dom Quixote, 1977, p. 98.

3) Leia a afirmação abaixo:

A adjetivação dos quatro primeiros versos cumpre um papel diferente do que é exercido pela adjetivação dos dois últimos versos.

Explique e comente.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

34 considerando a posição do adjetivo: antes ou depois do substantivo.

- a) Era uma criança **pobre** e não tinha ninguém para ajudá-la.
Era uma **pobre** criança e não tinha ninguém para ajudá-la.
- b) Este sim é um **grande** homem.
Este sim é um homem **grande**.
- c) Trata-se de uma experiência **única**.
Trata-se de uma **única** experiência.

5) O adjetivo é uma palavra que, na norma culta, flexiona-se em gênero (masculino e feminino), número (singular/plural) e grau (comparativo/superlativo). Na língua coloquial, no entanto, é comum que os falantes, buscando determinados efeitos de sentido, juntem a um adjetivo sufixos aumentativos ou diminutivos.

Veja, por exemplo, este trecho de poema:

Pequeninho
lindinho
baratinho
enfim, aquele apartamento para quem gosta
de diminutivos
e já decidiu o tamanho
da família

Drummond, Carlos de Andrade. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p. 26.

Comente o efeito de sentido criado pelos adjetivos que se apresentam no grau diminutivo.

Conhecer os mecanismos de flexão dos substantivos e adjetivos é fundamental para o estabelecimento da concordância nas frases e orações de nossos textos. Expusemos nesta unidade as principais regras desses mecanismos; em caso de dúvida, habitue-se a pesquisar a bibliografia sugerida no final desta unidade, consulte dicionários e gramáticas para resolvê-las.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leituras recomendadas

Para acessar

<http://www.revistalingua.com.br>



Site da revista Língua Portuguesa, que possibilita o acesso aos artigos publicados na versão impressa da publicação. Merecem destaque os artigos em que a professora Maria de Moura Neves discute diferentes aspectos da gramática do português, fazendo importantes considerações sobre o modo como são descritos pela gramática normativa e o uso efetivo que dele fazem os falantes.

Para ler

CÂMARA Jr, Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1984.



Nessa obra, Mattoso Câmara apresenta definições para um grande número de categorias gramaticais e linguísticas que podem auxiliar na compreensão das estruturas da língua do ponto de vista estrutural, funcional e histórico.

Para assistir

Palavras de amor. Direção de Albert Berger. Fox vídeo do Brasil. 2000 (104 min.).



Richard Gere estrela esta cativante história de um pai obcecado em treinar sua talentosa filha para a competição nacional de soletrar palavras. Eliza Naumann (Flora Cross) tem um dom espantoso que seu pai, Saul (Gere), insiste em aperfeiçoar ele mesmo. Mas à medida que Eliza continua tendo sucesso, a recém-descoberta devoção de Saul aumenta causando intensas mudanças em toda a família.



Resumo

As gramáticas tradicionais apresentam flexão de gênero, número e grau para os substantivos e adjetivos. Quanto ao gênero os substantivos podem ser masculinos e femininos, temos também alguns conceitos complementares. O adjetivo apresenta o masculino e o feminino para estabelecer concordância com o substantivo. Quanto ao número, o substantivo apresenta o singular e o plural, assim também se flexiona em número o adjetivo. Em relação à flexão de grau, o substantivo apresenta variações de aumentativo e diminutivo, que podem ser expressas por diferentes processos: pelo uso de sufixos (sintético) e pelo emprego das palavras grande ou pequeno ou equivalentes (analítico). Os graus dos adjetivos são: O comparativo (de igualdade, superioridade e inferioridade) e o superlativo (relativo e absoluto).



Autoavaliação

Para avaliar seu desempenho como aluno(a) desta aula, faça a atividade sugerida abaixo:

Segundo à gramática tradicional, os substantivos e adjetivos se flexionam em gênero, número e grau. Sua tarefa é fazer um resumo sobre as flexões de cada uma dessas classes gramaticais e observar as semelhanças e as diferenças entre elas.

Suas observações ajudarão você a identificar os pontos positivos e negativos de sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deverá melhorar.



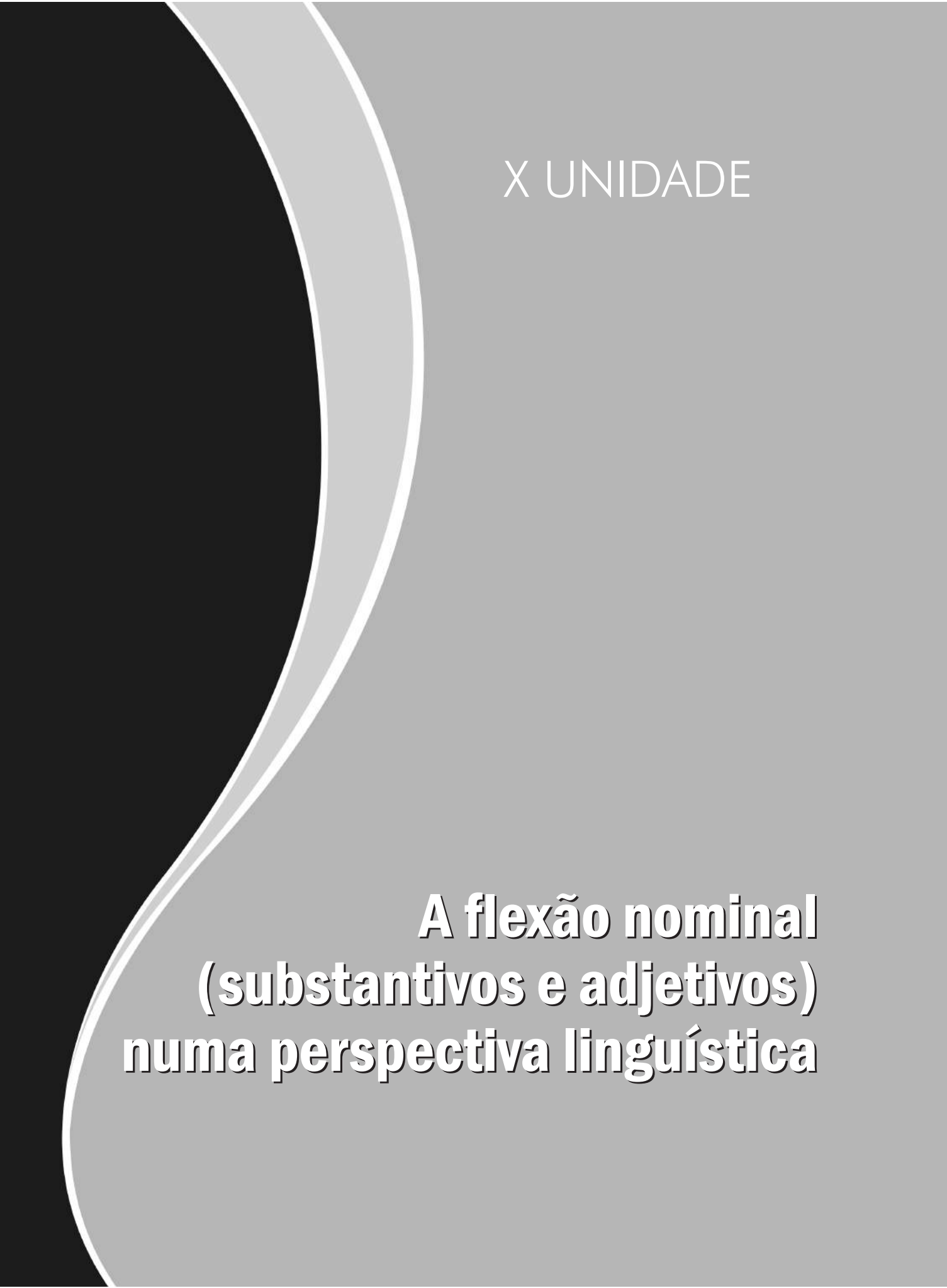
dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

ABAUURRE, Maria Luíza. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2007.



X UNIDADE

**A flexão nominal
(substantivos e adjetivos)
numa perspectiva linguística**

Apresentação

Prezados alunos!

Chegamos à reta final da disciplina Língua Portuguesa II. Na primeira unidade, Drummond nos convidou para “Penetrar surdamente no reino das palavras.” Guiados por este poeta, trilhamos um caminho que esperamos ter sido muito proveitoso para vocês.

Temos a certeza de que todos estão “craques” nos assuntos abordados neste percurso e prontos para seguir viagem para a Língua Portuguesa III, na qual continuarão estudando as classes de palavras.

Nesta última unidade, vamos terminar o estudo da flexão dos substantivos e adjetivos, agora numa perspectiva linguística.

É importante que você continue atento e interagindo com o material, buscando as relações necessárias para o entendimento do conteúdo. Desse modo, você pode revisar as aulas com seus colegas, tutor e professores para esclarecer as dúvidas que surgirem.

Bom proveito!

Até lá!

Objetivos

Ao final desta unidade, esperamos que você:

- Conheça a posição de alguns linguistas sobre a flexão dos substantivos e adjetivos;
- Compreenda os questionamentos feitos pelos linguistas sobre a flexão dos substantivos e adjetivos apresentada pelas gramáticas tradicionais.

Para iniciar nossa conversa...

Na unidade anterior, estudamos a flexão dos substantivos e adjetivos numa perspectiva da gramática tradicional, posição muito criticada pelos linguístas, tanto os mais antigos, quanto os mais modernos que afirmam ser incoerente, incompleta e equivocada a flexão nominal apresentada pelos gramáticos.

Para ter uma visão geral da flexão nominal vamos estudar a posição de alguns linguístas a exemplo de Koch e Silva (1984), Câmara Jr. (2005), Monteiro (2002), Zanotto (2001), entre outros, para complementar nossos estudos e entender os questionamentos desses autores.

A flexão nominal: O que dizem os linguístas?

A flexão de gênero

Para iniciar, vamos observar a opinião de Koch e Silva (1987), que afirmam "... pode-se dizer que, do ponto de vista flexional, ao lado da regra básica de formação do feminino – acréscimo do morfema aditivo **a** -, em oposição ao **Ø** do masculino – existem os seguintes casos de alomorfia:

- a) Subtração da forma masculina:** órfão – órfã, réu – ré, mau – má (morfema subtrativo).
- b) Alternância vocálica redundante e não-redundante:** redundante-vogal média posterior tônica fechada /ô/ passa a aberta /ó/: formoso – formosa; novo – nova (morfema aditivo e alternativo).
- c) Distinção de gêneros diferentes sem flexão:** o, a intérprete; o, a mártir (morfema latente)."

Ao lado desses morfemas flexionais, o gênero também pode ser indicado pelos morfemas derivacionais femininos: diácono – diaconisa, abade – abadessa.

Koch e Silva (1987, p. 47) além de fazerem críticas à forma como a gramática tradicional explica a flexão nominal, apresentam uma proposta de como ensinar a flexão de gênero do substantivo baseando-se na forma feminina do artigo em primeiro lugar e, em segundo lugar, considerando a seguinte divisão:

- 1. Nomes substantivos de dois gêneros com a flexão redundante:** (o) bobo – (a) boba, (o) mestre – (a) mestra, (o) pintor – (a) pintora.
- 2. Nomes substantivos de dois gêneros sem flexão aparente:** (o, a) selva-gem, (o, a) mártir.
- 3. Nomes substantivos em gênero único:** (a) pessoa, (a) testemunha, (o) algoz, (o) homem, (a) mulher, (o) bode, (a) cobra.

Quanto à flexão de número, Koch e Silva (1987, p. 44) afirmam "O conceito de número é mais simples e coerente, trata-se da oposição entre um único indivíduo e mais de um indivíduo."

As autoras citam algumas exceções:

- a) Os coletivos** (que mesmo no singular, indicam agrupamento, coleção); Uma série de seres homogêneos como uma unidade superior que, como unidade, vem no singular: multidão pressupõe o indivíduo cidadão; ramagem indica coleção de ramos. Quando tais nomes designam mais de um conjunto, se flexionam: multidões, ramagens.
- b) Nomes que só se usam no plural:** óculos, férias, núpcias.

Assim como ocorre na flexão de gênero, na flexão de número "entende-se o mecanismo flexional como uma oposição privativa em que o singular não-marcado, ou **Ø**, opõe-se ao plural com marca própria, caracterizado pelo morfema **/-s/**.

De maneira geral, para a formação do plural as autoras apresentam o seguinte:

- a) Vogais orais e nasais:** cajá-cajás, romã-romãs
- b) M:** álbum-álbuns
- c) Ditongos orais:** céu-céu.
- d) Ditongos nasais átonos e alguns tônicos:** bênção- bênçãos (p. 45)

No seu livro **Linguística aplicada ao português: morfologia** (1983), Koch e Silva explicam as mudanças morfofonêmicas do mecanismo flexional com todos os detalhes. Confira!

Vejamos agora a posição de Câmara Jr. sobre a flexão nominal.

O autor faz críticas à maneira como as gramáticas tradicionais tratam a questão da flexão nominal. E em relação à flexão de gênero explica: "A flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português" (p. 88) "Em primeiro lugar pela incompreensão semântica de sua natureza." A noção de gênero costuma ser associada ao sexo dos seres, dessa forma, confunde-se a característica biológica dos seres com a categoria gramatical destes.

O gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses (animais, coisas, pessoas, etc.). Mesmo em se tratando de pessoas e ani-

mais há discrepância entre gênero e sexo, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de criança (mesmo sendo feminina designa seres dos dois sexos) e tigre (palavra masculina que aplica-se ao sexo masculino e feminino). Para o autor “O gênero é uma distribuição em classes mórficas, para os nomes [...] Em relação ao gênero do ponto de vista semântico, o masculino é uma forma geral não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer”.

Outra incoerência é “a confusão na descrição do gênero em português está em não se ter feito a distinção imprescindível entre flexão de gênero e certos processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo” (p. 89). Para o autor, o substantivo mulher, por exemplo, será sempre feminino, ao passo que outro substantivo a ele relacionado, é sempre do gênero masculino. Na descrição das gramáticas não há lugar para os substantivos heteronímicos, aos “epícenos”, não cabe distinguir o masculino do feminino pelas palavras “macho” e “fêmea”, primeiro, porque não há obrigatoriedade no uso dessas palavras, segundo, porque mesmo acrescentando a palavra “macho” à forma cobra, continuamos a ter **a cobra macho**, ou seja, não mudou a indicação de sexo.

Câmara Jr. assim resume: “A flexão de gênero é uma só, com pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional –a (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando existe no singular: lob(o) + a = loba; autor + a = autora” (p. 89 – 90).

No seu livro **Estrutura da língua portuguesa** (ver referências no final desta unidade) o autor faz uma descrição completa dos alomorfes da flexão de gênero. Consulte-o.

Câmara Jr. Contesta a flexão de grau fortemente enraizada na tradição gramatical “[...] a expressão de ‘grau’ é um processo gramatical em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si” (p. 50). Assim o autor só reconhece as flexões de gênero e de número.

Quanto à flexão de número, Câmara Jr. explica que é mais simples e coerente, “Trata-se da oposição entre um único indivíduo e mais de um indivíduo” (p. 92). O autor faz algumas ressalvas aos coletivos que mesmo sendo uma forma singular indicam plural e a algumas palavras que só se usam no plural. No livro citado anteriormente, Câmara Jr. faz uma descrição completa da flexão nominal. Aproveite para lê-lo e entender melhor o pensamento deste autor.

Vejamos agora a posição de Monteiro (2002. P.80) sobre a flexão nominal:

“O paradigma flexional dos nomes portugueses é sempre estabelecido por oposições desinenciais. O feminino se caracteriza por um [a], que contrasta com a ausência de desinência do masculino. O plural é marcado por um [s] que não aparece no singular. Lembremos sempre que a marca de flexão é sempre uma desinência”.

Por isso, o autor afirma que nos nomes só há flexão de gênero e número, já que o grau não pode ser formado por desinências e que para o grau dos substantivos aumentativo e diminutivo há duas possibilidades de formação:

a) Com a adjunção de sufixos – processo morfológico (porém derivacional, pois os morfemas aditivos não são desinências, são sufixos derivacionais).

Ex: Casa – casinha, casarão.

b) Com o emprego de determinantes que modificam o conteúdo semântico com o acréscimo das noções de grandeza ou pequenez.

Ex: Casa grande ou pequena.

Nesse caso o substantivo não sofre flexão, embora expresse a noção de grau aumentativo e diminutivo é, portanto, um processo sintático.

Os adjetivos “se submetem aos graus comparativo e superlativo, sempre mediante processos derivacionais ou expedientes de natureza sintática” (p. 81).

O comparativo pode ser de igualdade, superioridade e inferioridade.

O superlativo se obtém por meio de morfemas derivacionais a exemplo de lindíssimo e celeberrimo, além de outros recursos (que eliminam o caráter obrigatório e sistemático do mecanismo flexional).

Ex: Ele é lindo, lindo, lindo! (= lindíssimo)

O caçula é queridinho. (= queridíssimo)

Ele é forte como o diabo. (= fortíssimo)

“A superlativização do adjetivo não obedece a qualquer vínculo de concordância com o substantivo, ou seja, o grau acontece para o adjetivo sem que necessariamente ocorra para o substantivo” (p. 81).

Quando os gramáticos falam em flexão de grau enfrentam dificuldade em classificar o advérbio como palavra variável ou invariável já que este possui os graus comparativo e superlativo.

Vejamos mais uma opinião de um linguísta sobre a flexão nominal dos substantivos e adjetivos.

Zanotto (2001), questiona a flexão dos nomes apresentada pelas gramáticas tradicionais, afirma que o grau dos nomes é um processo de derivação e não de flexão e explica as diferenças entre esta e aquela:

a) A flexão pertence a um sistema fechado, ou seja, uma palavra apresenta apenas as flexões impostas pela gramática (gênero, número, modo, tempo e pessoa). Já a derivação pertence a uma relação aberta, há inúmeras possibilidades derivacionais.

b) A segunda marca é a obrigatoriedade para a flexão (não podemos escolher entre uma forma plural ou singular), e a não obri-

gatoriedade para a derivação, pode-se escolher, por exemplo, entre uma palavra primitiva e uma derivada.

- c) Outra distinção é o caráter semântico, “a derivação produz, via de regra, alterações de sentido mais profundas do que a flexão” (ZANOTTO, 2001, p. 63).
- d) Por fim, a derivação é um processo de formar palavras, a flexão “é uma imposição normativa da língua, que preceitua a concordância de certos termos com certos outros, sem opção para inovações arbitrárias” (p. 64).

O autor explica as marcas as quais o grau se submete:

1. O grau é de uso livre – o falante escolhe: livro pequeno, livrinho, livrão, livro grande...
2. Não há concordância entre as formas, pode-se dizer livro pequeno, livro grande...
3. A derivação está sempre aberta a infinitas criações.
4. A diferença de ordem semântica, o grau introduz alterações de sentido; a flexão cumpre a obrigação apenas de concordar.

Quanto ao gênero, Zanotto (2001) critica a posição da gramática tradicional “A tradição gramatical aborda com superficialidade a questão do gênero. Limita-se a afirmar a existência, na língua portuguesa, de dois gêneros, a citar, sem posicionar bem os chamados epicenos, sobrecomuns, comuns de dois, a listar femininos difíceis e a introduzir, algumas vezes, à confusão entre gênero e sexo” (p. 65).

O autor faz algumas considerações sobre o gênero dos substantivos, dividindo-os em dois grupos:

1. Os que não têm influência semântica.

- Muitos substantivos são masculinos ou femininos por obrigatoriedade gramatical, pois não há influência semântica no gênero;
- Há substantivos que têm gênero vacilante: o/a personagem, o/a tapa.
- Alguns substantivos ao passarem do latim para o português (e em outras línguas românicas), trocaram de gênero, por exemplo, color, em latim, era masculino, em português ficou cor (feminino).
- Nomes que sofrem influência semântica
- Há substantivos cuja mudança de gênero, acarreta mudança de significado:
O caixa – a caixa; o capital – a capital
- Há substantivos cujo gênero tem motivação semântico-sexual (quando se trata do reino animal) homem – mulher, boi – vaca. Entretanto, alguns substantivos, mesmo pertencendo ao reino

animal não têm flexão de gênero: criança, pessoa, vivente.

Zanotto (2001, p. 68), afirma

“Só falamos dos substantivos, porque os adjetivos e demais determinantes flexionais simplesmente cumprem o ritual da concordância, não havendo implicações semânticas especiais a não ser aquelas que provocam nos substantivos”.

Zanotto (2001) faz uma descrição completa da flexão de gênero, consulte-o para complementar seus estudos. Veja a referência do livro no final desta unidade.

Em relação à flexão de número, Zanotto (2001, p. 76) afirma “A primeira vista, o número é um fato gramatical que indica simplesmente singular e plural, com **-s** no último caso, para indicar mais de um ser, e sem essa desinência no primeiro caso, indicando um ser apenas”.

Porém, o autor afirma que a descrição mórfica e semântica da flexão de número têm muitas implicações que ele explica abaixo:

- a) Há nomes que só se usam no plural: núpcias, óculos, fezes.
- b) Há nomes que variando de número, variam a significação: férias, feria, bem, bens.
- c) Há ainda, os coletivos que morfologicamente no singular indicam plural: acervo, alcatéia, enxoval.

Zanotto (2001, p. 88), explica: “O número dos nomes variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais) é determinado basicamente por uma oposição privativa o plural marca-se pela presença do morfema de plural **-s**. O singular caracteriza-se pela ausência dessa marca, ou morfema zero (**Ø**)”.

Essa derivação só é quebrada pela “ocorrência de morfema zero (**Ø**) para uns poucos plurais. Ocorre com uns poucos paroxítonos e monossílabos terminados pelo morfema **/s/** escrito s ou x (são nomes significativos)” (ZANOTTO, 2001, p. 78).

Vejam os exemplos:

- O pires – os pires
- O lápis – os lápis
- O cais – os cais

Há também algumas mudanças morfofonêmicas simultâneas com a flexão de plural que o autor explica exhaustivamente quando faz a descrição de número no seu livro **Estrutura Mórfica da Língua Portuguesa**. Consulte-o para entender melhor a flexão de número dos nomes.

Atividade I



1. Distribua os nomes abaixo em três grupos: I- os de gênero único; II- os de dois gêneros sem flexão; III- os de dois gêneros com uma flexão redundante.

Abelha – chefe – cônjuge- - aprendiz – onça – colega – pulga – mesa – saco – chinelo – indivíduo – aluno – pessoa – mestre – soprano – solista – personagem – ferrugem – pavão – professor.

2. Descubra a diferença semântica entre os plurais:

O bem - os bens

A fêria - as férias

A costa - as costas

3. Identifique os substantivos que só se usam no plural:

a) Os lápis

f) os anos

b) Os pires

g) ao ânus

c) Os parabéns

h) os picles

d) As fezes

i) Amazonas

e) Os xis

j) os ônibus

Tivemos nesta unidade uma visão geral da flexão nominal (substantivos e adjetivos) numa perspectiva linguística, portanto, inovadora. Par que este estudo fique mais completo ainda leia a gramática sugerida abaixo:

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Lucerna, 2004.

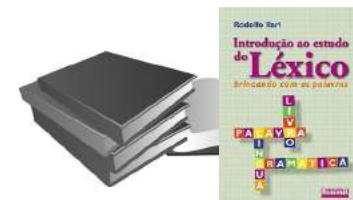


dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Leituras recomendadas

Para ler

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.



Nesta obra, o autor demonstra como a combinação dos vocábulos nas diferentes estruturas linguísticas garante a construção do sentido em diferentes gêneros textuais. A partir de uma série de “brincadeiras” com as palavras, Rodolfo Ilari explicita o modo como os falantes se valem dos mecanismos da língua.

Para ouvir

VELOSO, Caetano. **Língua**. In: Velô. (CD). Universal Music, 1984.



A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre o nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

Para assistir

Vidas em Português. Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).



Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.



Resumo

A flexão nominal apresentada pela gramática tradicional é muito criticada pelos linguístas que a classificam como incompleta, incoerente e confusa. Koch e Silva (1987) além de fazerem críticas, apresentam uma proposta de como ensinar a flexão dos substantivos e adjetivos. Câmara Jr. (2005) afirma que a flexão de gênero é exposta de maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais e diz que grau não é flexão, é derivação e afirma que a flexão de número é simples e coerente. Monteiro (2002) diz que, para os nomes só há flexão de gênero e número e que o grau deve ser entendido como derivação, posição corroborada por Zanotto (2001), todos os autores citados fazem uma descrição completa da flexão de gênero e número dos nomes.



Autoavaliação

Leia as afirmações abaixo e teça comentários.

Seus comentários o ajudarão a identificar os pontos positivos e negativos de sua aprendizagem e também os aspectos que você ainda deverá melhorar. Assim, avalie seu desempenho como aluno desta aula.

A flexão nominal apresentada nas gramáticas tradicionais é exposta de forma incompleta, incoerente e confusa, a começar por incluir o grau como flexão, confundir gênero com sexo dos seres nomeados e mostrar equivocadamente a descrição de número.



dica. utilize o bloco de anotações para responder as atividades!

Referências

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: 2005.

KOCH, Ingendore. SILVA, M. Cecília P. de Souza. **Linguística aplicada ao português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 1987.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

ZANOTTO, Normélio. **Estrutura da língua portuguesa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

